



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

A VIDA ACONTECE NA RUA:
Proposta de Requalificação Urbanística da Feira Livre de Limoeiro do Norte/CE.

SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

A VIDA ACONTECE NA RUA:

Proposta de Requalificação Urbanística da Feira Livre de Limoeiro do Norte/CE.

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Professora orientadora:

Profª. Dra. Anna Cristina Andrade Ferreira

PAU DOS FERROS – RN

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

PR337 Pereira Regis, Sândya Paula .
v A vida acontece na rua: Proposta de
Requalificação Urbanística da Feira Livre de
Limoeiro do Norte/CE / Sândya Paula Pereira
Regis. - 2024.
135 f. : il.

Orientadora: Anna Cristina Andrade Ferreira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2024.

1. Sustentabilidade. 2. Feira Livre. 3.
Requalificação. 4. Limoeiro do Norte. 5. Espaços
Públicos. I. Andrade Ferreira, Anna Cristina,
orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

A VIDA ACONTECE NA RUA:

Proposta de Requalificação Urbanística da Feira Livre de Limoeiro do Norte/CE.

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 02/04/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA**
Data: 09/04/2024 19:27:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Anna Cristina Andrade Ferreira (UFERSA)
Presidente

Documento assinado digitalmente
 **GISELLE CERISE GERSON**
Data: 04/04/2024 09:58:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Giselle Cerise Gerson (UFERSA)
Membro Examinador

Documento assinado digitalmente
 **MAYARA CYNTHIA BRASILEIRO DE SOUSA**
Data: 08/04/2024 16:29:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Mayara Cynthia Brasileiro de Sousa (UFERSA)
Membro Examinador

*Dedico este trabalho inteiramente ao meu amado **pai**, in memoriam, que me ensinou a sonhar, andar, falar e ouvir, e acima de tudo amar o lugar de onde eu vim e o que eu sou. Limoeiro do Norte sempre será meu “vilarejo” da música de Marisa Monte, pois nele tem uma parte de tudo que me faz ser gente de carne e osso, e a memória da leveza de ser amada!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à **Deus e aos anjos protetores**, pela graça de viver e por toda a sua proteção ao longo desta jornada acadêmica, suas bênçãos foram fontes de inspiração, fé e conforto que acalentaram a realização deste trabalho.

Também celebro a **mim!** Essa conquista me coloca de frente com meu passado, presente, e a idealização do futuro, e assim, agradeço por sempre escolher voltar, independente de quantas vezes tenha me perdido. Escolher-me e nunca perder de vista a minha essência sempre será motivo de festa neste peito que bate aqui dentro. Celebro a mim, para assim, celebrar melhor os outros.

Agradeço aos meus pais, **Paulo Roberto** (*in memoriam*) e **Nilma Pereira**, por sua inabalável força, ternura e coragem. Quando ouço Maria Bethânia cantar a música carta de amor e dizer “não mexe comigo que eu não ando só”, vejo refletido o companheirismo que sinto em toda minha vida ao lado de vocês. Agradeço por nunca desistirem de mim, e por me ensinarem do básico da sobrevivência até o sonho dos grandes amores. Com vocês, aprendi a superar limites e ser maior do que acredito.

Agradeço de maneira especial o privilégio de ter minha mãe ao meu lado durante esse percurso acadêmico, sempre cuidando de mim e batalhando para me proporcionar o melhor. Sem a presença e a potência de Nilma Pereira, tudo teria sido infinitamente mais desafiador. Entre as sortes da vida, tê-la como mãe, com certeza é uma das maiores.

Agradeço à minha irmã, **Sâmya**. Com ela, compartilho não apenas laços de sangue, mas também, as melhores risadas e nosso próprio universo de palavras.. Agradeço também à **Isadora**, minha prima quase irmã, que desde pequena preenche minha vida com sua presença, e sempre se mostrou uma fiel companheira. À minha pequena **Liz**, declaro minha gratidão por ter chegado e preenchido com tanto afeto os espaços vazios em meu coração. Sua presença trouxe luz e significado à minha vida, restaurando um sentido perdido.

Agradeço também ao meu padrasto, **Antônio**, por sempre apostar na minha educação e por toda paciência e ajuda nesse processo de graduação. E ao meu cunhado, **Peterson**, pela dedicação em ajudar nos processos de mudança em Pau dos Ferros.

Agradeço aos meus tios, **Fátima, João, Osvaldo, Cleide, Pedro e Socorro**, e também aos meus padrinhos, **Reijane e Daniel**. Desde a partida do meu pai, eles se tornaram figuras essenciais em minha vida, oferecendo cuidado, atenção e carinho de maneira inigualável. Em muitos momentos, eles foram meus pilares, aliviando o peso dos desafios da vida. Não existem palavras suficientes para expressar minha gratidão a vocês.

Agradeço à **Larissa**, que desde que chegou se tornou uma grande companheira de vida, obrigada pelo laço, pela escuta atenta e amorosa, pelos caminhos, dias e noites, força e corpo. Você tornou os últimos anos dessa graduação mais possível, e me ajudou a voltar pra mim quando eu não sabia o caminho. Ter compartilhado contigo tantas vivências na natureza das coisas que não tem fim, me fez e ainda me faz ver o mundo com mais beleza.

Agradeço à **Helena e Zeca**, meus gatinhos perfeitos, por serem meu refúgio e minha alegria desde que chegaram em minha vida, por me lembrar todos os dias como é bom amar e ser amada. Agradeço aos outros animalzinhos de estimação, **Pink, Pipita e Tata**, que passaram e chegaram na minha vida para ser motivo de sentimento puro e alegria.

Agradeço à **Rildo**, meu irmão de outra mãe, pelas conversas, segredos, fidelidade e companheirismo, você é minha pessoa e minha certeza. Agradeço à **Emyle**, minha grande amiga com quem compartilho uma das minhas melhores versões, te admiro como amiga, ser humano e mulher, você é grande. Agradeço à **Ana Rosa**, aquela que sempre peço emprestado a forma de ver o mundo, com ela compartilho as melhores versões do que é ser limoeirense, a leveza de se viver do simples, e a complexidade do que é ser gente. Agradeço à **Gerliane**, por ter me acompanhado nesses últimos meses, pela paciência de ouvir minhas melhores e piores versões, e por criar tantas memórias boas quando tudo tá meio fora do lugar.

Agradeço à **Leo e Heloise**, por tornarem meus dias difíceis em Pau dos Ferros mais possíveis. Sem dúvida, só estou aqui concluindo esta etapa, porque, mesmo nos dias mais tristes, pude contar com vocês para compartilhar um parmegiana e curar onde doía. Aos outros amigos que construí nesses anos de graduação, **Tony, Murilo, João, Carol**, entre muitos outros, meu muito obrigada por cada momento. De modo geral, me sinto muito grata por ter conquistado um exército de boas pessoas, sou um sujeito de sorte quando olho ao meu redor e vejo uma rede de afeto tão grande e verdadeira.

Além disso, gostaria de estender meus agradecimentos à minha orientadora, **Anna Cristina**, por sua dedicação e seu comprometimento, que foram essenciais para moldar este trabalho e para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Também expresso minha gratidão à banca examinadora, composta pelas professoras **Mayara e Giselle**, pelo tempo dedicado à avaliação deste trabalho e pelas valiosas sugestões fornecidas durante o processo de construção.

Este ciclo está chegando ao fim, e mesmo com todos os percalços, foi uma estrada de boas vivências, risadas e sonhos. Mesmo com medo do futuro, pelas pequenas alegrias da vida adulta, **eu vou!**

RESUMO

Observa-se que uma das responsabilidades sociais da cidade consiste na promoção da qualidade de vida da sua população. A Requalificação Urbana se configura como uma ferramenta de intervenção no espaço urbano, capaz de aprimorar as condições de vida dos habitantes e proporcionar novas perspectivas de utilização e significado para a área por meio de abordagens de desenvolvimento sustentável. As feiras livres são espaços públicos livres de grande significado enquanto agentes socioeconômicos. Não apenas fomentam a produção local e métodos agrícolas sustentáveis, mas também fortalecem os vínculos sociais. Entretanto, essas atividades enfrentam desafios significativos, como a concorrência com supermercados e a carência de infraestrutura adequada. Nesse contexto, esta pesquisa tem como propósito realizar um estudo preliminar de intervenção urbanística na Feira Livre de Limoeiro do Norte/CE, embasado em estratégias de sustentabilidade, visando aprimorar os aspectos socioespaciais. O estudo abrange a investigação da história local, a identificação dos desafios enfrentados, a análise de estratégias sustentáveis e a oferta de contribuições técnicas. O método empregado incorpora fontes teóricas e empíricas, incluindo pesquisas bibliográficas de referenciais teóricos, técnicos e projetuais, além do levantamento in loco e a elaboração de um estudo preliminar.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Feira Livre; Requalificação; Limoeiro do Norte; Espaços Públicos.

ABSTRACT

It is observed that one of the social responsibilities of the city lies in promoting the quality of life of its population. Urban Requalification emerges as an intervention tool in the urban space, capable of improving the living conditions of residents and providing new perspectives for the use and meaning of the area through sustainable development approaches. Open-air markets are free public spaces of great significance as socioeconomic agents. Not only do they promote local production and sustainable agricultural methods, but they also strengthen social ties. However, these activities face significant challenges, such as competition with supermarkets and a lack of adequate infrastructure. In this context, this research aims to conduct a preliminary study of urban intervention in the Open-Air Market of Limoeiro do Norte/CE, grounded in sustainability strategies, aiming to enhance socio-spatial aspects. The study encompasses the investigation of local history, the identification of challenges faced, the analysis of sustainable strategies, and the provision of technical contributions. The employed method incorporates theoretical and empirical sources, including bibliographic research of theoretical, technical, and design references, along with on-site surveys and the development of a preliminary study.

Keywords: Sustainability; Open-Air Market; Requalification; Limoeiro do Norte; Public Spaces.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Limoeiro do Norte - CE.....	18
Figura 2 - Principais construções próximas ao recorte espacial	20
Figura 3 - Vista superior do recorte espacial.....	20
Figura 4 - Pesquisas de campo e levantamento físico.....	21
Figura 5 - Resultado do levantamento fotográfico.....	22
Figura 6 - Gráfico da conexão entre qualidade dos ambientes e atividades ao ar livre.....	28
Figura 7 - Tripé da sustentabilidade.....	32
Figura 8 - Objetivos do Desenvolvimento Urbano Sustentável.....	37
Figura 9 - Feirinha Beira-Mar	44
Figura 10 - Implantação da Feirinha Beira-Mar.....	45
Figura 11 - Feirinha Beira-Mar.....	45
Figura 12 - Feirinha Beira-Mar.....	46
Figura 13 - Elementos estruturais - Proposta de Requalificação da Feira de Campina Grande....	47
Figura 14 - Bancas e Torre - Proposta de Requalificação da Feira de Campina Grande.....	48
Figura 15 - Implantação - Proposta de Requalificação da Feira de Campina Grande	49
Figura 16 - Vista Aérea da Feira da Cidade.....	50
Figura 17 - Vista Interna da Feira da Cidade.....	51
Figura 18 - Planta baixa da Feira da Cidade.....	52
Figura 19 - Bancas da Feira da Cidade.....	53
Figura 20 - Vista da Feira da Cidade ao nível dos olhos.....	53
Figura 21 - Ribeiras do Siará Grande e seus principais rios.....	56
Figura 22 - Estradas do Ceará no Século XVIII.....	57
Figura 23 - Sesmaria do Vale do Jaguaribe.....	58
Figura 24 - Índice de Desenvolvimento Humano.....	60
Figura 25 - Nível de Desenvolvimento Sustentável de Limoeiro.....	62
Figura 26 - Redes de supermercados em Limoeiro do Norte.....	62
Figura 27 - Feiras de Limoeiro do Norte.....	63
Figura 28 - Localização das Feiras de Limoeiro do Norte.....	63
Figura 29 - Mercados em Limoeiro do Norte.....	64

Figura 30 - Localização dos Mercados de Limoeiro do Norte.....	64
Figura 31 - Apresentação Bumba Meu Boi do Campo da Faceira.....	66
Figura 32 - Eventos Culturais de Limoeiro do Norte - CE.....	67
Figura 33 - Gráfico de temperatura e zona de conforto.....	68
Figura 34 - Gráfico de chuva.....	69
Figura 35 - Gráfico de radiação média mensal	70
Figura 36 - Gráfico Rosa dos Ventos.....	70
Figura 37 - Mapa das zonas bioclimáticas.....	71
Figura 38 - Carta Solar de Limoeiro do Norte/CE.....	71
Figura 39 - Traçado e parcelamento do solo.....	73
Figura 40 - Cheios e vazios.....	73
Figura 41 - Uso e ocupação do solo.....	74
Figura 42 - Gabarito.....	75
Figura 43 - Hierarquias de vias.....	75
Figura 44 - Recorte espacial da Feira Livre e do Galpão das Verduras.....	76
Figura 45 - Mapa Limoeiro do Norte em 1930.....	77
Figura 46 - Feira Livre e o Galpão das Verduras.....	79
Figura 47 - Galpão das Verduras.....	79
Figura 48 - Galpão das Verduras.....	80
Figura 49 - Música ao vivo na Feira Livre	80
Figura 50 - Barracas no período da tarde.....	81
Figura 51 - Vendas em veículos.....	81
Figura 52 - Gráfico de gêneros.....	82
Figura 53 - Gráfico de idade.....	82
Figura 54 - Gráfico de residência.....	83
Figura 55 - Gráfico de frequência de trabalho	83
Figura 56 - Gráfico de produtos comercializados.....	83
Figura 57 - Gráfico de tempo trabalhado na feira.....	83
Figura 58 - Gráfico de localização da banca dos feirantes.....	84
Figura 59 - Gráfico de vínculo afetivo com a feira.....	84

Figura 60 - Gráfico de futuros equipamentos para requalificação.....	84
Figura 61 - Gráfico de necessidade de implementação de futuros equipamentos.....	85
Figura 62 - Gráfico de produção própria do produto vendido.....	85
Figura 63 - Gráfico de localização dos produtos.....	85
Figura 64 - Gráfico de sensação de higiene da feira.....	86
Figura 65 - Gráfico de sensação de segurança na feira.....	86
Figura 66 - Gráfico de sensação de temperatura na feira.....	86
Figura 67 - Gráfico sobre a estética da feira	87
Figura 68 - Gráfico sobre a organização das bancas.....	87
Figura 69 - Gráfico sobre a estrutura das bancas.....	87
Figura 70 - Gráfico sobre a organização das bancas de acordo com os produtos.....	87
Figura 71 - Gráfico de gêneros.....	88
Figura 72 - Gráfico de idade.....	88
Figura 73 - Gráfico de frequência de visita a Limoeiro do Norte.....	88
Figura 74 - Gráfico de frequência na feira.....	89
Figura 75 - Gráfico de motivo de ida a feira	89
Figura 76 - Gráfico de futuros equipamentos para requalificação.....	90
Figura 77 - Gráfico de necessidade de implementação de futuros equipamentos.....	90
Figura 78 - Gráfico de sensação de higiene da feira.....	90
Figura 79 - Gráfico de sensação de segurança na feira.....	91
Figura 80 - Gráfico de sensação de temperatura na feira.....	91
Figura 81 - Gráfico sobre a estética da feira.....	91
Figura 82 - Gráfico sobre a organização das bancas.....	92
Figura 83 - Gráfico sobre a estrutura das bancas.....	92
Figura 84 - Gráfico sobre a organização das bancas de acordo com os produtos.....	92
Figura 85 - Seção mínima Via Coletora.....	97
Figura 86 - Seção mínima Via Arterial Urbana.....	97
Figura 87 - Seção mínima Calçada.....	98
Figura 88 - Módulo de referência.....	99
Figura 89 - Possíveis composições de deslocamentos nas áreas de circulação	99

Figura 90 - Manobra de cadeiras de roda sem deslocamento.....	99
Figura 91 - Vista superior e frontal de uma porta acessível.....	100
Figura 92 - Banheiros acessíveis.....	100
Figura 93 - Bandeira de Limoeiro do Norte e seus elementos.....	101
Figura 94 - Logomarca do projeto.....	102
Figura 95 - Cartaz de divulgação	102
Figura 96 - Pannel semântico.....	103
Figura 97 - Programa de necessidades.....	104
Figura 98 - Zoneamento 01.....	105
Figura 99 - Zoneamento 02.....	106
Figura 100 - Ventilação e insolação.....	106
Figura 101 - Vista superior.....	107
Figura 102 - Lista de elementos da rua Falismo Maia e Cel. Malveira.....	108
Figura 103 - Entrada das ruas Falismo Maia e Cel. Malveira, respectivamente.....	108
Figura 104 - Cobertura em lona tensionada e spots da rua Cel. Malveira.....	109
Figura 105 - Totem das ruas Falismo Maia e Cel. Malveira, respectivamente.....	110
Figura 106 - Rua Falismo Maia.....	111
Figura 107 - Rua Cel. Malveira.....	111
Figura 108 - Blocos de banheiros da rua Cel. Malveira.....	112
Figura 109 - Mobiliários da rua Cel. Malveira.....	113
Figura 110 - Localização do palco.....	114
Figura 111 - Palco.....	115
Figura 112 - Lista de elementos da Praça de Alimentação.....	116
Figura 113 - Vista Praça de Alimentação.....	116
Figura 114 - Praça de Alimentação.....	117
Figura 115 - Lista de elementos do Galpão das Verduras.....	118
Figura 116 - Rampas de acessibilidade nas calçadas	118
Figura 117 - Vista aérea do Galpão das Verduras.....	119
Figura 118 - Vista superior do Galpão das Verduras.....	119
Figura 119 - Galpão das Verduras.....	120

Figura 120 - Bancas do Galpão das Verduras.....	121
Figura 121 - Bebedouros.....	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Marcos históricos e a evolução do conceito de sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável.....	36
Quadro 02 - Tipologia das feiras	20
Quadro 03 - Pontos de inspiração.....	56
Quadro 04 - Tipologia das feiras e classificação da feira de Limoeiro do Norte.....	80
Quadro 05 - Índices urbanísticos conforme o Plano Diretor de Limoeiro do Norte/CE.....	98
Quadro 06 - Arborização e distanciamento obrigatório.....	100
Quadro 07 - Dimensionamento de rampas.....	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AsBEA** - Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura
- CIB** - Conselho Brasileiro de Construção Sustentável
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDHM** - Índice de Desenvolvimento Humano
- IDSC-BR** - Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades do Brasil
- IDS-O** - Desenvolvimento Social de Oferta
- INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- INMET** - Instituto Nacional de Meteorologia
- IPECE** - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
- HDLV** - Hospital Dr. Deoclécio Lima Verde
- HGVJ** - Hospital Geral do Vale do Jaguaribe
- MDS** - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
- ODS** - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
- PIB** - Produto Interno Bruto
- ProjetEEE** - Plataforma Projetando Edificações Energeticamente Eficientes
- PSF** - Postos de Saúde da Família
- SEBRAE** - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SECSA** - Secretaria Municipal de Saúde
- SECULT** - Secretaria de Cultura do Estado do Ceará
- SEINFRA** - Secretaria Municipal de Infraestrutura e Urbanismo
- SUS** - Sistema Único de Saúde
- UECE** - Universidade Estadual do Ceará
- UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UTI** - Unidade Terapia Intensiva

SUMÁRIO

PARTE I	13
1. INTRODUÇÃO	
1.1 Caminho Metodológico	20
2. ESTADO DA ARTE	
2.1 Espaços públicos e as práticas cotidianas	23
2.2 Requalificação urbana e cidades vivas	27
2.3 Sustentabilidade e urbanismo sustentável	31
2.4 Feira Livre: surgimento, potencialidades e funções	38
3. FEIRA LIVRE: ESTUDOS DE CASO	
3.1 Levantamento de dados dos projetos	42
3.1.1 Feirinha Beira-Mar	42
3.1.2 Concurso Requalificação Feira de Campina Grande - Proposta 2º lugar	45
3.1.3 Feira da Cidade	48
3.2 Quadro síntese de estratégias projetuais	51
4. A CIDADE QUE NASCEU NAS MARGENS DO RIO DAS ONÇAS	
4.1 A história de Limoeiro do Norte/CE	52
4.2 Perfil socioeconômico local e principais comércios	57
4.3 Aspectos culturais de Limoeiro do Norte/CE	61
4.4 Aspectos bioclimáticos	64
4.5 Mapas temáticos	67
4.6 A Feira Livre e o Galpão das Verduras	71
4.7 Análise dos questionários com a comunidade	77
4.7.1 Questionários com os feirantes	77
4.7.2 Questionários com os usuários	84
PARTE II	90
5. JUNTO E MISTURADO: O PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA DA FEIRA LIVRE DE LIMOEIRO DO NORTE-CE	
5.1 Legislação e normativas	92
5.2 Conceito e partido	98
5.2.1 Identidade visual da intervenção	98
5.2.2 Painel semântico e referências visuais	100
5.3 Programa de necessidades e zoneamento	101
5.4 O projeto de requalificação urbana	103
5.4.1 Rua Falismo Maia e Rua Cel Malveira	110
5.4.2 Palco	117
5.4.3 Praça de Alimentação	119
5.4.4 Galpão das Verduras	121
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICES	133

Parte I¹

¹A primeira seção deste trabalho aborda o desenvolvimento do embasamento teórico necessário para a elaboração do projeto de requalificação. Esta seção engloba a contextualização do tema, a identificação da problemática, a justificativa, os objetivos da pesquisa, a metodologia adotada, o referencial teórico, os estudos de casos e, por fim, uma análise dos contextos específicos relacionados à cidade de Limoeiro do Norte.

PRINCESA
DO VALE



URBANISMO

SUSTENTABILIDADE



dia de FEIRAAA!



1. INTRODUÇÃO

As manifestações de urbanização, segundo Foucault (1979), emergiram como suporte para a medicina social na França durante a segunda metade do século XVIII (Vasconcellos; Mello, 2003, p.60). Este processo trouxe consigo transformações econômicas e tecnológicas que afetam diretamente a dinâmica de como as urbes se desenvolveram. De acordo Lefebvre (2008, p.11) as problemáticas urbanas tiveram como ponto de partida o processo de urbanização. Esta nova realidade causou mudanças significativas na infraestrutura urbana e o aumento da procura por habitação, serviços e recursos naturais. Como resultado, muitas cidades enfrentaram problemas de superlotação, falta de saneamento básico e poluição; fatores estes que levaram à degradação ambiental e a problemas de saúde pública (Foucault, 1979, p.87).

Desse modo, a medicina urbana² surge com três grandes metas: (1) análise de lugares de acumulação, confusão e perigo; (2) o controle da circulação de água e ar; (3) organização dos diferentes elementos necessários à vida comum na cidade (Vasconcellos; Mello, 2003, p.60). Esta prática tratava das condições de vida e do meio da existência, surgindo assim a origem das preocupações sobre o efeito do meio ambiente no organismo humano (Vargas; Castilho, 2015, p.64). Os profissionais de planejamento urbano desempenham, de maneira crescente, um papel de remediadores do ambiente citadino, em vez de orientarem exclusivamente seus esforços para o planejamento futuro da cidade, dedicam-se cada vez mais a abordar e mitigar os desafios já existentes. Nessa perspectiva, a concepção de um futuro mais promissor se traduz na proposição de um presente menos impactante e adverso (Fabrício et al., 2019, p. 1328).

Dado o exposto, como meta para alcançar esta proposição, o início do século XXI trouxe o desafio do desenvolvimento sustentável (Leite, 2019, p.29). O conceito de desenvolvimento sustentável é “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (Nações Unidas, 1987). No contexto urbano, esta abordagem envolve diversos agentes, incluindo, governos, setor privado e comunidade local, a colaboração destes promove o crescimento econômico local, incentivando a diversidade e a inclusão social, produtiva e espacial, por meio da distribuição equitativa de infraestrutura, espaços públicos, bens e serviços urbanos, assim como um planejamento adequado do uso e ocupação do solo (Ministério do Desenvolvimento Regional, 2020, p.29).

² Termo utilizado por Foucault (1979) para referir-se ao aperfeiçoamento da quarentena que consistia em um plano de urgência a ser aplicado quando uma doença epidêmica violenta aparecia. Os procedimentos antes adotados eram: confinamento, vigilância, registro centralizado, desinfecção e divisão do espaço para inspeção.

Dentro das metas que o desenvolvimento sustentável precisa incorporar encontra-se a inserção de mercados socialmente responsáveis e ambientalmente sustentáveis (Leite, 2019, p.29). As feiras livres são exemplos de atividades socioeconômicas que desempenham um papel significativo na promoção do desenvolvimento sustentável em áreas urbanas. Esta atividade mercantil vai além da comercialização de produtos, é também espaço de socialização, identidade regional e cultural, e articulação política (Pereira; Brito; Pereira, 2017, p.68).

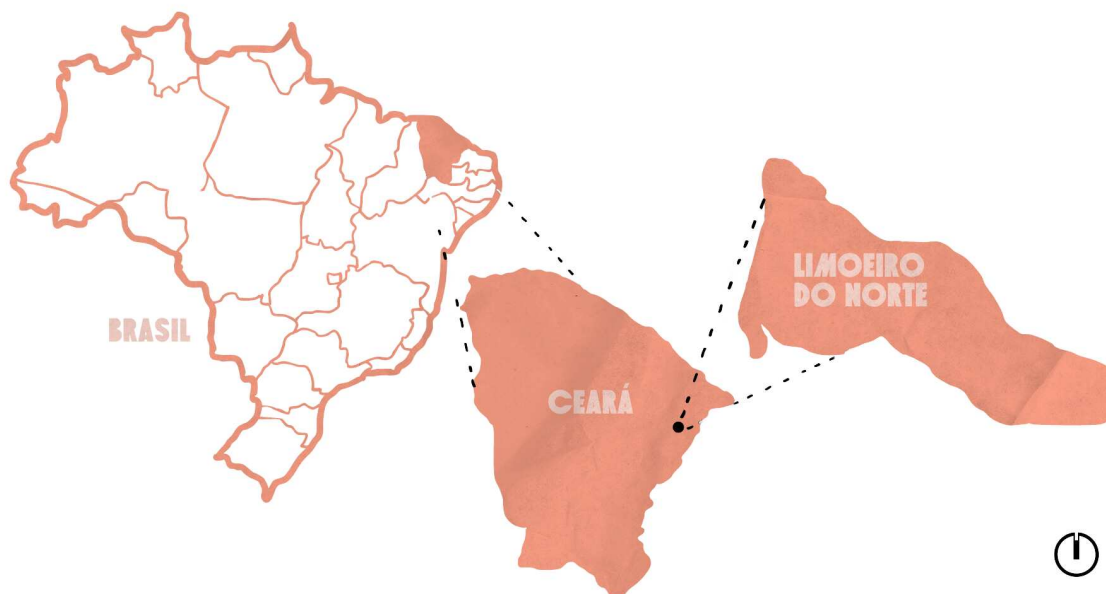
A origem etimológica da palavra “feira” vem do latim *feriae*, que significa dia de festa. Antigamente, no contexto litúrgico, esse dia era reservado para “celebrar o Senhor”, quando os fiéis e peregrinos iam aos templos levando oferendas. Com o processo evolutivo das cidades, o comércio acabou prevalecendo sobre o aspecto religioso, o que levou os comerciantes a aproveitarem esse dia festivo para expor e vender suas mercadorias (Silva, 2014 *apud* Silva, 2017, p. 53). Esse conceito característico da feira compatibiliza-se com o cenário que a experiência da vida na cidade cria: lugar em que vivências multissensoriais são despertadas pela consonância de cores, sons, aromas e movimentos, conferindo-lhe um caráter ímpar e festivo.

As feiras a céu aberto também são espaços de sociabilidade e interação comunitária, elas favorecem trocas de experiências e fortalecimento dos laços sociais, contribuindo para o senso de pertencimento e identidade local (Ibdaiwi, 2023, p.102). Mesmo sendo um elemento central da vida urbana da cidade, essa atividade mercantil vem enfrentando diversas problemáticas, tais como: concorrência com grandes redes de supermercado, higienização precária, falta de infraestrutura adequada, envelhecimento da população de feirantes, mudança de hábitos de consumo, entre outros.

Essa realidade também se reflete no contexto urbano da feira livre da cidade de Limoeiro do Norte, no interior do estado do Ceará, Brasil (Figura 01). O município, com sua posição geográfica estratégica, repousa na planície fluvial do rio Jaguaribe, conferindo-lhe um cenário propício ao desenvolvimento socioeconômico. Com uma população aproximada de 59.560 habitantes³, Limoeiro do Norte é reconhecida como um importante polo urbano na região Jaguaribana. Chamada carinhosamente de "Princesinha do Vale" devido seu panorama cultural e social, o município abriga relevantes instituições, tais como cinema, teatro, museu e uma biblioteca municipal, que contribuem para o enriquecimento intelectual e artístico da comunidade local. Além disso, a cidade dispõe de espaços públicos de convivência e interação, propiciando encontros e trocas entre seus moradores e visitantes. Esses locais são também cenários propícios para práticas comerciais, incluindo a citada feira livre, que se destaca como um ponto de encontro tradicional, na qual produtores rurais e comerciantes estabelecem suas atividades.

³ IBGE. Limoeiro do Norte. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/limoeiro-do-norte/panorama>. Acesso em: 22 de julho de 2023.

Figura 01 - Localização de Limoeiro do Norte - CE



Fonte: D-Maps.com, adaptado pela Autora, 2024

A Feira Livre de Limoeiro do Norte apresenta diversos desafios urbanísticos e arquitetônicos que afetam sua funcionalidade e atratividade. Um dos principais desafios é a infraestrutura precária que compromete tanto a experiência dos frequentadores quanto a operação dos comerciantes. A carência de áreas verdes; iluminação pública ineficaz; problemas de higienização; fluxo desordenado entre feirantes, usuários e veículos; bancas e áreas de exposição deterioradas; falta de infraestrutura viária; problemas elétricos e sanitários; são exemplos de desafios que impactam negativamente a qualidade das transações comerciais e cria uma imagem desfavorável da feira. Essa precariedade também dificulta a manutenção e a higiene do local, o que pode afastar visitantes em busca de produtos frescos e de qualidade. Além disso, parte das barracas estão situadas em um antigo galpão que não apresenta uma estrutura segura e adequada, prejudicando o trabalho daqueles que têm suas barracas alagadas em períodos de chuva.

Outra questão preocupante é a falta de atenção com o bem estar dos feirantes, notada pela inexistência de banheiros públicos, bebedouros e áreas de convivência. A ausência destes dentro da feira limita as interações sociais e a experiência dos visitantes, visto que a falta de locais para descansar, socializar e apreciar os produtos, o que contribui para uma experiência impessoal, desencorajando as pessoas a passarem mais tempo no ambiente. A carência de espaços de convivência também afeta negativamente a identidade cultural do local, uma vez que as feiras urbanas tradicionalmente desempenham um papel não apenas como locais de comércio, mas também como pontos de encontro e trocas culturais, resultando em uma atmosfera mais fragmentada e impessoal, prejudicando o vínculo entre a feira e a comunidade local. Diante

dessas problemáticas evidentes na infraestrutura, somadas à chegada de grandes redes de supermercados na cidade, a feira livre também enfrenta desafios econômicos expressivos.

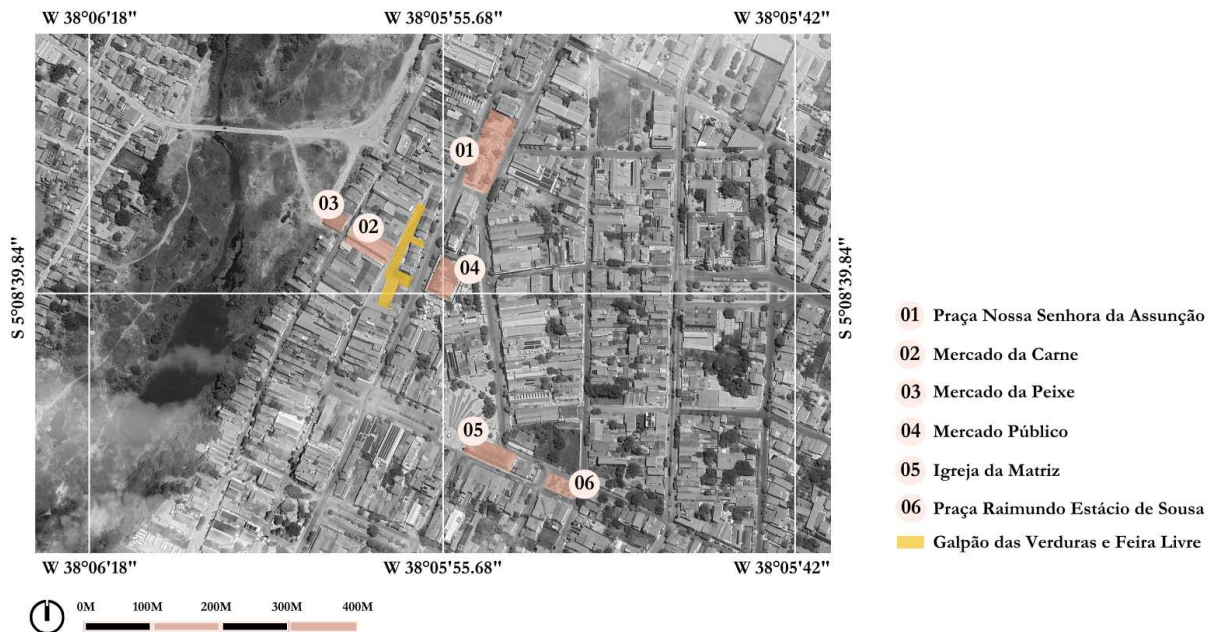
Em fase de tais obstáculos, emerge uma série de indagações que norteiam esta pesquisa. Primeiramente, questiona-se: De que forma um projeto de requalificação urbana, embasado em estratégias de sustentabilidade, pode trazer melhorias aos aspectos socioespaciais da Feira Livre de Limoeiro do Norte? De modo a complementar, quais são os potenciais urbanísticos e sociais existentes no recorte espacial que contribuem com o projeto de requalificação?

Os motivos que respaldam a escolha deste tema são diversos: a necessidade premente de requalificar uma área com grande potencial, mas que tem enfrentado dificuldades em sua estrutura física, prejudicando tanto a prática comercial como a qualidade dos serviços prestados; a relevância de abordar sustentabilidade em espaços públicos, buscando soluções que considerem o equilíbrio entre aspectos sociais, econômicos e ambientais; a motivação pessoal e os laços afetivos com a cidade de Limoeiro do Norte, bem como o interesse e entusiasmo em explorar essa temática, considerando suas implicações e potencialidades.

O presente trabalho tem como objetivo geral **desenvolver** um estudo preliminar de requalificação para a Feira Livre de Limoeiro do Norte, com base em técnicas construtivas sustentáveis, visando a promoção das características socioeconômicas e o fortalecimento dos laços comunitários. Como objetivos específicos elencam-se: 1- **compreender** a história da cidade, especialmente da área em estudo, reconhecendo suas potencialidades e tradições; 2- **diagnosticar** os principais problemas enfrentados pela Feira Livre em termos de organização, sustentabilidade e infraestrutura, direcionando a obtenção de um diagnóstico preciso das questões a serem abordadas e solucionadas; 3- **inserir** estratégias sustentáveis a partir de um projeto de requalificação, que respeite a dinâmica comercial e urbana da feira; 4- **fornecer** contribuições técnicas e teóricas que ampliem a compreensão do processo de requalificação em feiras livres.

A delimitação espacial da região destinada ao projeto de requalificação abrange a feira livre e o galpão das verduras, locais de importância econômica e social para o município de Limoeiro do Norte, no estado do Ceará. Esses espaços encontram-se situados no núcleo central da cidade, um bairro que abriga construções de notável valor para a comunidade, apresentando, além disso, potencial para enriquecer a paisagem urbana, estabelecendo conexões com outros bairros de relevância específica. A Figura 02 ilustra as inter-relações espaciais entre construções de destaque no cotidiano dos habitantes de Limoeiro, exemplificadas pela Praça Nossa Senhora da Assunção (01); Mercado da Carne (02); Mercado do Peixe (03); Mercado Público (04); Igreja da Matriz (05); e Praça Raimundo Estácio de Sousa (06).

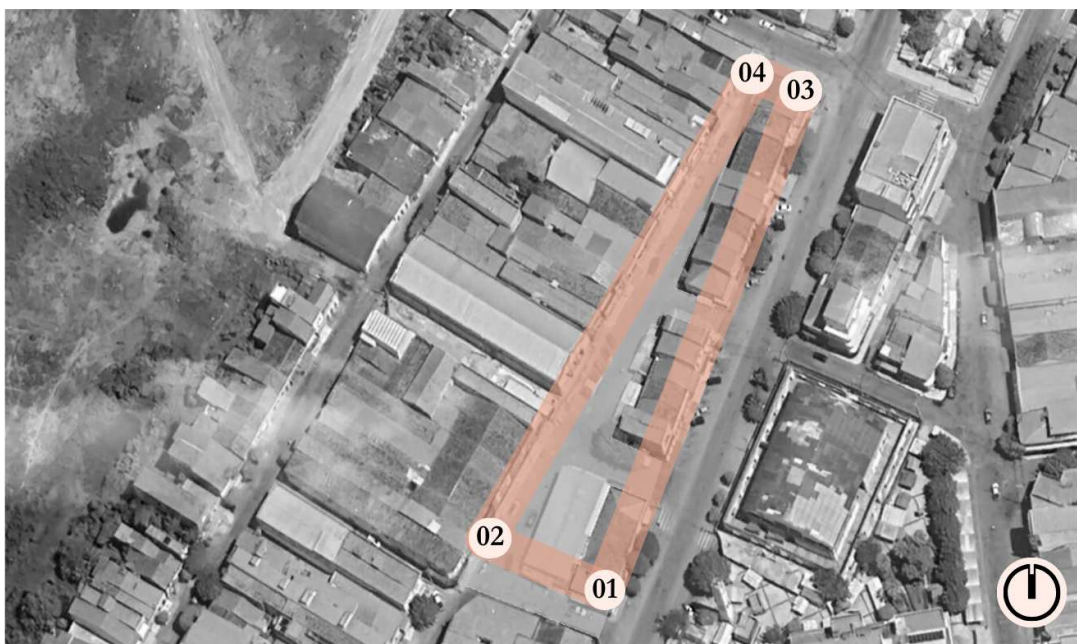
Figura 02 - Principais construções próximas ao recorte espacial



Fonte: Adaptado pela Autora (2023), Google Earth

A seleção da gleba de 3.738 m² (Figura 03) para a execução do projeto é estabelecida por meio de um recorte espacial com base em suas coordenadas geográficas, as quais são identificadas pelos seguintes pontos: 01 (lat. 5°08'39.62"S e long. 38°05'56.92"O), 02 (lat. 5°08'39.09"S e long. 38°05'58.10"O), 03 (lat. 5°08'35.96"S e long. 38°05'55.48"O) e 04 (lat. 5°08'35.69"S e long. 38°05'56.14"O)

Figura 03 - Vista superior do recorte espacial



Fonte: Adaptado pela Autora (2023), Google Earth

1.1 Caminho metodológico

O caminho metodológico partiu dos métodos dedutivo e indutivo, concebido por Lakatos e Marconi (2003, p.86-92), segundo os autores o conceito de indução, destacando-se como um processo mental que parte de dados específicos para chegar a uma verdade geral ou universal. Os argumentos indutivos buscam conclusões mais abrangentes do que as propostas iniciais. Por outro lado, os argumentos dedutivos são considerados corretos ou incorretos. Na dedução, as proposições sustentam totalmente a conclusão, ou, quando a forma é logicamente incorreta, não a sustentam de forma alguma. Não há, portanto, graduações intercaladas nesse contexto dedutivo.

A pesquisa em questão aborda um caráter qualitativo fazendo uso de fontes primárias, como documentos históricos, regulamentações nacionais e municipais, informações cartográficas, entre outros, e de fontes secundárias, incluindo teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso com abordagens semelhantes, artigos de periódicos e livros relacionados ao tema de estudo.

A sustentação prática do projeto foi respaldada por pesquisas de campo e levantamentos físicos abrangendo áreas de arquitetura, urbanismo, topografia e dados bioclimáticos da feira livre (Figura 04). Essa base foi apresentada por meio de aplicação de questionários, registros fotográficos realizados a uma altura de 1.50m, nível dos olhos, utilizando uma câmera fotográfica. Além disso, a coleta de dados bioclimáticos foi realizada por meio de ferramentas como SOL-AR e Plataforma Projetando Edificações Energeticamente Eficientes (ProjetEEE). A vetorização da área foi realizada com o suporte de softwares, como Google Earth, AutoCAD, Sketchup, Global Mapper e Photoshop.

Figura 04 - Pesquisas de campo e levantamento físico



Fonte: Autoria própria (2024)

Por meio da plataforma Google Docs, elaborou-se dois questionários abrangentes, que foram impressos e aplicados junto aos feirantes e frequentadores do espaço em questão. Este interrogatório abarcou tanto perguntas objetivas quanto subjetivas, incluindo indagações em escala linear, com opções numeradas de 1 a 5. Os documentos organizaram-se em quatro sessões de perguntas, com o intuito de sistematizar a coleta de informações de maneira eficaz.

O levantamento fotográfico ao nível dos olhos foi conduzido por meio de uma câmera fotográfica Canon T100, no dia 21 de outubro de 2023, a uma altura de 1,50 metros em relação ao solo. A visita ocorreu no intervalo de tempo compreendido entre 08:00 e 10:00 horas, escolhida estrategicamente em um dado significativo. Este período específico foi selecionado devido à expressiva presença de visitantes na feira livre aos sábados pela manhã, conferindo um valor adicional às imagens capturadas, conforme ilustrado na Figura 05. Ao todo, foram coletadas aproximadamente trinta fotografias, as quais foram submetidas a processos pós-produção, envolvendo ajustes de iluminação, cores e edições artísticas. Essas etapas foram realizadas por meio das ferramentas Lightroom e Photoshop 2022.

Figura 05 - Resultado do levantamento fotográfico



Fonte: Autoria própria (2023)

O levantamento urbanístico, arquitetônico e topográfico teve início mediante uma solicitação formal à Secretaria Municipal de Infraestrutura e Urbanismo (SEINFRA) de Limoeiro do Norte, com o objetivo de obter os arquivos em formato DWG⁴ que contêm o levantamento e as curvas de níveis da área em questão. Para garantir a precisão das dimensões, uma segunda medição do espaço foi realizada com o auxílio de duas pessoas, utilizando uma trena e

⁴ Os arquivos DWG estão estreitamente associados a programas CAD (design assistido por computador). O nome dele é uma abreviação da palavra *desenho* em inglês

procedendo com desenhos à mão livre. Após esses levantamentos, deu-se início à verificação e aprimoramento da vetorização da área através da utilização do software AutoCAD 2022. Posteriormente, a produção dos mapas temáticos foi realizada com o objetivo de obter o diagnóstico urbanístico da área.

Os dados climáticos foram adquiridos por meio das plataformas SOL-AR e Plataforma Projetando Edificações Energeticamente Eficientes (ProjetEEE). Destaca-se que os dados climáticos obtidos por meio desta última ferramenta são arquivos climáticos INMET 2016. Conforme indicado pelo ProjetEEE, o município com condições climáticas mais semelhantes a Limoeiro do Norte é Jaguaruana, localizado nas proximidades do mesmo estado, Ceará.

A composição deste trabalho inicia-se pelo primeiro capítulo nomeado “Introdução” onde é feita a contextualização dos assuntos que direcionaram esta pesquisa e os caminhos metodológicos traçados, foi descrita a abordagem utilizada na pesquisa, incluindo o recorte espacial, os métodos de coleta de dados e as fontes experimentais metodológicas, como entrevistas, levantamento fotográfico, urbanístico e topográfico. Em seguida, o capítulo “Estado da Arte” explora conceitos e dados históricos sobre as temáticas: espaços públicos livres e práticas cotidianas; requalificação urbana e cidades vivas; feira livre: surgimento, potencialidades e funções; sustentabilidade e urbanismo sustentável. Neste capítulo foram feitas pesquisas bibliográficas de autores relevantes em cada temática, como também, pesquisas documentais das cartas patrimoniais.

A seção "Feira Livre: Estudo de Casos" apresenta informações de estudos de projetos de feiras livres e de referências normativas que assemelham-se à temática do presente trabalho. Selecionou-se três projetos brasileiros, sendo eles: Feirinha Beira-Mar, Concurso Requalificação Feira de Campina Grande - Proposta 2º lugar, e Feira da Cidade. Posteriormente, o capítulo nomeado “A cidade que nasceu nas margens do rio das onças” aborda a história de Limoeiro do Norte/CE, seu perfil socioeconômico local, aspectos bioclimáticos, mapeamento dos principais comércios da cidade, aspectos culturais, e por fim a análise morfológica do recorte da área em estudo por meio de mapas temáticos.

O quinto capítulo, intitulado "Junto e Misturado: O Projeto de Requalificação Urbana da Feira Livre de Limoeiro do Norte-CE", expõe o produto obtido ao longo da pesquisa, fundamentando-se em diretrizes urbanísticas e linhas de ação. Nessa seção, são detalhados minuciosamente o processo de projeto, incluindo todas as fases, estratégias e fontes de inspiração, como também os desenhos técnicos e a volumetria. As considerações finais encerram o trabalho, oferecendo conclusões e reflexões sobre os resultados obtidos. Por fim, a lista de referências é fornecida, incluindo apêndices e anexos.

2. ESTADO DA ARTE

Uma proposta de requalificação urbanística deve integrar uma análise aprofundada da contextualização teórica e do ambiente que circunda o recorte espacial, considerando variáveis sociais, culturais, econômicas, históricas e arquitetônicas. Diante desta posição, o presente capítulo, intitulado "Estado da Arte", empreende uma investigação minuciosa sobre posicionamentos teóricos relacionados à temática da pesquisa. Ele explora conceitos pertinentes aos espaços públicos e as práticas cotidianas, requalificação e vitalidade urbana, feira livre e, por fim, aborda conceitos de sustentabilidade e urbanismo sustentável.

2.1 Espaços públicos e as práticas cotidianas

Conforme Carlos (2007, p.11) a cidade é um produto da atividade humana, representando uma construção que reflete a interação histórico-social. Ela se materializa como um trabalho acumulado ao longo do desenvolvimento histórico de várias gerações. A cidade não é apenas um cenário presente; ela incorpora e revela as ações do passado, ao mesmo tempo, ela serve como base para o futuro, desenhando-se nas complexidades do presente. Em outras palavras, a cidade é um testemunho tangível da evolução social, cultural e histórica, agindo como um espelho que reflete não apenas quem fomos, mas também moldando quem seremos.

Ainda de acordo com Carlos (2007, p.12) é de suma importância compreender a cidade através da análise da vida cotidiana, ou seja, perceber a cidade como o cenário onde a vida cotidiana se desdobra e adquire significado, nesse sentido, o espaço emerge como uma camada decisiva que esclarece a experiência vivida, uma vez que é moldado pela sociedade. Sob essa condição, a sociedade se apropria do espaço e exerce domínio sobre ele.

Para Jacobs (2014, p. 180) podemos aprofundar nossa compreensão ao dividirmos integralmente o espaço da cidade em dois tipos distintos. O primeiro, denominado espaço público, destina-se à circulação pública geral de pedestres, um ambiente onde as pessoas se deslocam livremente, por escolha própria, percorrendo distâncias de um lugar a outro. Inclui ruas, diversos pequenos parques e ocasionalmente saguões de edifícios, quando utilizados de forma livre como áreas de passagem.

O segundo tipo de espaço, denominado espaço especial, normalmente não serve como via pública para pedestres. Pode ou não ter construções, ser propriedade pública ou acessível às pessoas, mas o essencial é que as pessoas contornam ou percorrem ao longo dele, evitando atravessá-lo. Temporariamente, podemos conceber esse espaço especial como uma barreira geográfica para o conjunto de pedestres em geral, sendo um obstáculo por estar fechado ou não (Jacobs, 2014, p. 180).

O espaço especial desempenha um papel significativo na utilização do espaço público, uma vez que atrai pessoas. Seja oferecendo moradias, local de trabalho ou outras atrações. Sem construções na cidade, as ruas perderiam sua utilidade. Assim, ambos os tipos de espaço contribuem para a circulação, mas há sempre uma tensão inerente nessa inter-relação. Uma constante ação e reação entre os dois principais papéis do espaço especial: contribuir para o uso do espaço público e, ao mesmo tempo, interferir nesse uso (Jacobs, 2014, p. 181).

A funcionalidade do espaço público não está apenas em sua existência física, mas na capacidade de acolher práticas que possam ser possíveis, favorecendo ou inibindo-as conforme sua forma. Além disso, o uso desse espaço não se limita apenas às características objetivas dos indivíduos, como idade, gênero, habilidades, classe social e estilo de vida, mas também incorpora aspectos mais subjetivos, como motivações, aspirações e valores individuais (Matos, 2010, p.20).

Ainda segundo Matos (2010) os espaços públicos correspondem a duas tipologias espaciais genéricas: os locais de permanência e os circuitos.

Os espaços de permanência definem-se como cenários de actividade e comportamento, isto é, como locais que estimulam ações e comportamentos espontâneos e a assistência ou participação nestes acontecimentos, como por exemplo, o simples passeio, o encontro com a natureza, descansar, brincar, jogar, o encontro com os amigos, o encontro com os outros, o "ver e ser visto" (Matos, 2010, p. 21).

Os circuitos definem-se como "percursos urbanos", por permitirem a mobilidade de pessoas e veículos. Podem ser, exclusivamente para peões (os percursos pedonais), mistos (para peões e veículos) ou exclusivamente para veículos, incluindo também espaços reservados ao estacionamento de veículos (Matos, 2010, p. 21).

Del Rio (1990, p.70) propõe quatro categorias de análise para o espaço urbano: i) morfologia urbana, que se refere aos atributos físicos; ii) comportamento ambiental, abrangendo as atividades e usos que estabelecem a relação entre o ser humano e o espaço urbano; iii) análise visual; e iv) percepção ambiental. Embora a composição dessas categorias não tenha sido originalmente atribuída a Del Rio, o valor fundamental de seu trabalho reside na estruturação de uma metodologia que possibilita a incorporação do design ou projeto urbano – enquanto interpretação da forma urbana – no planejamento urbano, levando em consideração as investigações das cidades brasileiras.

Ainda segundo Del Rio (1990, p.120) nas cidades brasileiras, o espaço público é frequentemente tratado como um território sem dono: os residentes não o consideram como "propriedade própria" e o negligenciam, enquanto a Prefeitura não o enxerga como uma prioridade, deixando-o desprovido de atenção adequada. Calçadas ocupadas por carros estacionados, trailers e quiosques dispostos sem critérios ou cuidados ergonômicos, e elementos como publicidade, telefones públicos e obstáculos físicos posicionados de acordo com a conveniência das concessionárias contribuem para essa desvalorização.

É imperativo direcionar uma atenção mais significativa a esses espaços, uma vez que são locais onde os contatos sociais se desenrolam. Isso envolve a valorização do espaço público, sua manutenção regular, a implementação de mobiliário integrado e bem projetado, bem como o planejamento de atividades temporárias (Del Rio, 1990, p.120). Dito isto, as interações que os indivíduos estabelecem com os locais que habitam - por meio de seus corpos - manifestam-se diariamente nos padrões de uso, nas circunstâncias mais corriqueiras e nos incidentes do cotidiano dos residentes em sua conexão com os lugares da vida. É dessa maneira que os locais adquirem significado por meio das apropriações experienciadas e percebidas através do corpo e de todos os sentidos humanos (Carlos, 2007, p.43).

O Estatuto da Cidade - Lei Federal 10.257/2001, no decorrer do Art. 2º define os objetivos da política urbana, que visam ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e propriedade urbana. Essas diretrizes incluem garantir o direito a cidades sustentáveis, promover a gestão democrática com a participação da população, cooperar entre governos, iniciativa privada e sociedade para urbanização, planejar o desenvolvimento urbano, oferecer equipamentos urbanos adequados e controlar o uso do solo. Além disso, busca a integração entre atividades urbanas e rurais, a adoção de padrões sustentáveis, justa distribuição de benefícios e ônus, adequação de instrumentos de política econômica e a proteção do meio ambiente natural e construído.

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Agenda 2030 foi oficialmente adotada como um plano de ação global em 2015. Esta agenda estabelece 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas a serem alcançadas até 2030 (Nações Unidas, 2015). No contexto deste trabalho, destaca-se o ODS 11, que trata do tema "Cidade e Comunidade Sustentáveis", visando "proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, em particular para mulheres e crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência" (Nações Unidas, 2015).

A participação ativa da comunidade nos espaços públicos, seja incentivada pelas políticas públicas ou como parte das práticas culturais locais, exerce um papel fundamental no estímulo e na manutenção do comércio efêmero e itinerante. Este tipo de atividade comercial, que busca intencionalmente aproveitar as aglomerações diárias, encontra uma manifestação significativa nas feiras-livres, como destacado por Winckler (2017, p.27). Essas feiras não apenas servem como locais de transações comerciais, mas também como pontos de encontro comunitários, onde a dinâmica social se entrelaça com a atividade econômica.

Nesse contexto, surge uma categoria de análise que ganha relevância, o cotidiano. Esta possibilita compreender o processo de formação da vida entrelaçada nos diversos lugares,

considerando as formas de apropriação e utilização do espaço. Dentro desse enfoque, a análise do cotidiano revela que os processos não estão limitados exclusivamente ao âmbito econômico, destacando, como resultado, a dimensão social do processo (Carlos, 2007, p.42).

As interações sociais acontecem de maneira concreta através da conexão entre o espaço e o tempo, destacando a importância da experiência vivida, como a rotina diária e o local específico onde ela se desenrola. Assim, as relações sociais se concretizam em um ambiente especialmente designado para esse propósito, e a vida do habitante se molda no contexto cotidiano desse espaço. Nesse sentido, o local onde a vida se desenrola torna-se uma parte inseparável da identidade tanto do habitante quanto do próprio lugar (Carlos, 2007, p.41).

A análise da experiência vivida, através da interação do corpo com o espaço, revela-se como um processo de apropriação. Dessa forma, o significado emerge no espaço imediato da vida, nas delicadas relações cotidianas, como o ato de fazer compras, caminhar, e as ações que marcam os encontros com conhecidos, conferindo sentido à prática de habitar. Em última análise, é uma prática vivida e reconhecida em pequenos atos corriqueiros, aparentemente desprovidos de sentido, mas que estabelecem laços profundos de identidade entre habitante e habitante, e habitante e lugar. Não nos referimos aos espaços infinitos, mas a lugares comuns e reais como ruas, praças, bairros - espaços do vivido que se revelam como os tempos e espaços da vida (Carlos, 2007, p.44).

Ainda segundo Carlos (2007, p.46) a rua se apresenta como um elemento informativo a partir do qual é possível contemplar o cenário da experiência, da rotina, dos conflitos e das dissonâncias.

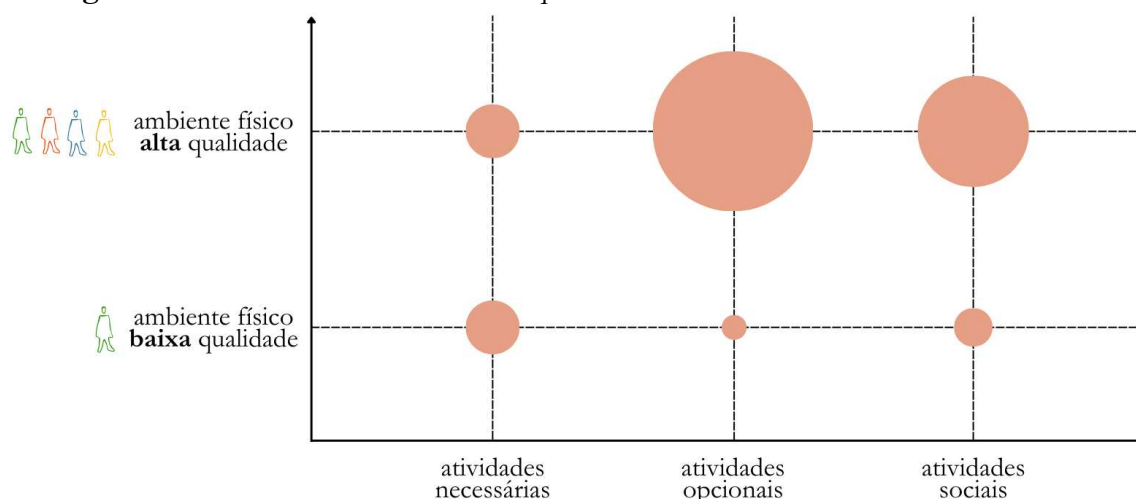
No panorama das ruas pode-se ler a vida cotidiana - seu ritmo, suas contradições, sentimentos de estranhamento, as formas como se trocam mercadorias, o modo como a solidão desponta, a arte da sobrevivência (meninos de rua, mendigos), as vitrines onde o ritual da mercadoria inebria, o contraste das construções, das suas formas, usos, cores, as imagens dos outdoors e luminosos que ocupam o olhar (Carlos, 2007, p. 47).

Vale destacar os estudos feitos por Jan Gehl (2010), importante pesquisador dinamarquês que há anos vem analisando os usos dos espaços públicos e estratégias de projeto urbano, com a finalidade de transformar as cidades em locais mais saudáveis, inclusivos, seguros e ambientalmente sustentáveis. Para Gehl (2010, p.19) o pré-requisito para alcançar este objetivo é oferecer boas oportunidades de caminhar, mostrando em estudos que cidades onde as condições para andar a pé foram melhoradas a qualidade de vida aumentou.

Ainda conforme mencionado por Gehl (2010, p.21), a qualidade do espaço urbano desempenha um papel crucial nas práticas cotidianas. Quando se trata de atividades ao ar livre, sua atratividade vai além de uma simples caminhada, envolvendo elementos como segurança, proteção, um espaço adequado, mobiliário e qualidade visual. A Figura 06 oferece uma

representação gráfica que ilustra a conexão entre a qualidade dos ambientes externos e as atividades ao ar livre., sejam elas atividades necessárias, opcionais ou sociais. É possível observar que um aumento na qualidade do ambiente externo estimula, especialmente, as atividades opcionais e as sociais, enquanto as atividades necessárias continuam com o mesmo índice. Esse aumento no nível de atividades opcionais e sociais, por conseguinte, configura-se como um convite significativo para um substancial aumento nas atividades físicas.

Figura 06 - Gráfico da conexão entre qualidade dos ambientes e atividades ao ar livre



Fonte: Adaptado pela Autora (2024), Jan Gehl (2010)

Ao nos aprofundarmos nesse diálogo entre a legislação urbana, metas globais e pesquisas sobre qualidade urbana, surge a compreensão de que a requalificação urbana não é meramente uma intervenção estética, mas uma estratégia essencial para moldar cidades resilientes. No segmento subsequente, exploraremos como a requalificação urbana se revela não apenas como uma ferramenta para impulsionar o crescimento econômico, mas também como um meio para enriquecer a qualidade de vida e promover a equidade social, integrando de maneira sinérgica os diversos aspectos que delineiam o panorama urbano contemporâneo.

2.2 Requalificação urbana e cidades vivas

De acordo com Ferreira (1975, p.1190) o prefixo “re” é utilizado para indicar um movimento de volta, ou seja, uma expressão que reitera o que já existe, porém com uma abordagem renovada. Vargas e Castilho (2015, p. 61-65) afirma que somente a partir da década de 1960 o valor histórico e cultural de alguns sítios começaram a ganhar reconhecimento. Ainda segundo as autoras, com o aumento da população no século XIX, a meta era higienizar o espaço urbano, diante disso surgiram os primeiros planos de renovação urbana.

Para Choay e Merlin (1988, p.580) o modelo de renovação tem um déficit no aspecto social, visto que desfaz os laços dos cidadãos com a área renovada quando são realocados para outro espaço, e quanto a morfologia urbana, quebra as características do antigo tecido urbano e a

relação de vizinhança. Segundo a Carta de Atenas (1995) essa prática foi própria dos modernistas e reforçada por Le Corbusier dez anos depois (Vargas e Castilho, 2015, p.65).

O termo renovação urbana tem significados diferentes a depender da prática urbana e da língua de cada país (Vargas e Castilho, 2015, p.71). Segundo Vaz e Jaques (2001, p.667) na Alemanha esse termo “compreende o processo permanente de manutenção do ambiente edificado em boas condições de uso, implicando, eventualmente, mas não necessariamente, reconstrução”. Já no Brasil, como discutido acima, essa prática expressa demolição de tecidos antigos e substituição por novos.

A Carta de Veneza (1964) marcada por ampliar o conceito de monumento histórico⁵ traz a ideia de reconhecer o tecido urbano como merecedor de valorização. Com isso, a “era das demolições” começa a chegar ao fim, e com isso, surgem ações integradas com a meta de recuperar a estrutura física dos imóveis e a permanência da população de origem em seu lugar. Face ao exposto, surgiram gamas de termos com significados e objetivos semelhantes, são eles: valorização, reabilitação, requalificação e revitalização (Vargas e Castilho, 2015, p.66).

Segundo Diaz-Berrio e Orive (1974, p.11) o termo reabilitação foi consolidado como um dos aspectos fundamentais da conservação, e no texto da Conservação da Unesco de 1972, o termo restauração foi praticamente substituído, tanto no âmbito da arquitetura como no do urbanismo. Dito isto, a reabilitação foi tratada como uma prática mais elaborada e com trabalhos mais precisos, mesmo que tenha um custo menor que a restauração (Choay e Merlin, 1988, p.573).

Em 1995 surge um novo documento, a Carta de Lisboa, que apresenta o conceito de reabilitação, conduzindo seu significado como sinônimo de requalificação. Posteriormente, aproxima esse conceito ao de revitalização, diferenciando-se pela manutenção da identidade e das características (Vargas e Castilho, 2015, p.67-68).

Reabilitação urbana - é uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de equipamentos, infra-estruturas, espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito (Carta de Lisboa, 1995, p. 1).

Revitalização urbana - engloba operações destinadas a relançar a vida económica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas (Carta de Lisboa, 1995, p. 1).

⁵ “Este, não restrito a exemplos isolados, seria estendido a todo conjunto representativo, mesmo modesto, testemunho de evoluções, civilizações ou acontecimentos históricos” (Vargas e Castilho, 2015, p.66).

Para Vargas e Castilho (2015, p.70-71) os procedimentos utilizados no urbanismo são semelhantes aos citados por Foucault no tratamento terapêutico, sendo eles: isolamento, ou seja, o recorte do objeto de estudo; anamnese, a observação, análise dos dados; o diagnóstico; e por fim, a aplicação de remédio. Então, quando a renovação urbana começou a ser substituída pela reabilitação, e incorporar esse método científico, passou-se a reconhecer o valor da história na cidade e analisar o homem como um ser cultural. Entretanto, os benefícios prometidos pelo plano urbano de reabilitação ao longo da história são frequentemente afetados por complexas influências políticas e econômicas. Essas influências se chocam com questões fundamentais, e nem sempre são abordadas de forma realista, ao contrário da ideia otimista de que um simples projeto pode transformar completamente uma área (Vargas e Castilho, 2015, p.72).

Nesse contexto, mesmo em face das diversas problemáticas urbanas, a requalificação urbana emerge como uma estratégia voltada para tornar as cidades mais acolhedoras e dinâmicas. Este conceito abrange um conjunto de intervenções direcionadas à melhoria de áreas urbanas, não se restringindo apenas à transformação física, mas estendendo-se à promoção de aspectos sociais, culturais e econômicos. Quando esta abordagem é integrada ao ideal de cidades vivas, ela adquire uma dimensão ainda mais profunda e significativa.

Segundo Gehl (2010, p. 62) a interação entre a vida urbana e a percepção do espaço tem um forte impacto, o autor faz analogia com um teatro vazio, sugerindo que a falta de atividade e movimento nas ruas indica problemas no design urbano, semelhante a um espetáculo que não atrai espectadores, revelando assim, a importância de uma atmosfera dinâmica para a apreciação e utilização adequada do espaço urbano.

Ainda conforme Gehl (2010, p. 62) “a vida na cidade é um conceito relativo, não é o número de pessoas que importa, mas a sensação de que o lugar é habitado e está sendo usado”. Essa afirmação destaca a qualidade sobre a quantidade quando se trata da vitalidade urbana⁶. A mera presença de uma população numerosa não é suficiente para garantir uma cidade vibrante; é essencial a percepção de atividade e uso eficaz dos espaços urbanos. Esse entendimento sublinha a necessidade premente de se conceber ambientes urbanos que fomentem a vida e o engajamento, independentemente do tamanho da população residente.

⁶ A música "Não Existe Amor em SP", de Criolo, oferece uma perspectiva única sobre a experiência urbana na cidade de São Paulo, explorando sentimentos de solidão, desigualdade e a busca por conexões genuínas em meio ao caos metropolitano. Essa obra artística pode ser relacionada ao conceito de cidades vivas, conforme explorado por Jan Gehl. O pesquisador destaca a importância de ruas movimentadas, praças convidativas e áreas verdes, elementos que estimulam encontros espontâneos e fortalecem o tecido social. Em contraste, a narrativa de Criolo sugere uma cidade onde as relações humanas são escassas, onde as pessoas se cruzam sem se conectarem verdadeiramente. Desse modo, é possível perceber como o design urbano pode influenciar as relações interpessoais e a qualidade de vida. A obra de Criolo sugere que, para encontrar amor e conexão em uma cidade, é necessário repensar o ambiente construído.

Ainda nessa linha de pensamento, Gehl (2010, p. 68) afirma que a verdadeira vitalidade de uma cidade demanda não apenas espaços públicos convidativos, mas também uma massa crítica de indivíduos dispostos a utilizá-los. Assim, a combinação de ambientes acolhedores e uma comunidade ativa é crucial para criar uma cidade verdadeiramente vibrante. Outro ponto crucial é considerar o tempo que cada usuário passa nos espaços, revelando uma abordagem equilibrada entre quantidade e qualidade. Essa afirmação contraria a ideia de que muitas pessoas em movimento rápido indicam vitalidade urbana, ou seja, a qualidade da vida na cidade é melhor avaliada pelo tempo que as pessoas passam nesses espaços. Isso destaca a importância de considerar a experiência individual no ambiente urbano (Gehl, 2010, p. 71).

Com isso, pode-se pontuar que a promoção da vida na cidade é intrinsecamente ligada a palavras-chave como "rotas diretas, lógicas e compactas", assim como espaços de dimensões modestas, e uma clara hierarquia que guie as decisões sobre os espaços mais relevantes. Estas diretrizes destacam a importância de um planejamento urbano estratégico para fomentar uma vida urbana rica e significativa (Gehl, 2010, p. 67).

Conclui-se que cidades vivas exigem uma estrutura urbana compacta, densidade populacional razoável e distâncias apropriadas para locomoção a pé ou de bicicleta, aliadas a espaços urbanos de qualidade (Gehl, 2010, p. 69). A experiência da vida urbana é profundamente influenciada pelo que está visível e acessível dentro de um campo social visual de aproximadamente 100 metros. Esta perspectiva enfatiza a importância da proximidade e acessibilidade no design urbano (Gehl, 2010, p. 71).

A promoção de cidades onde as pessoas são incentivadas a caminhar e pedalar não apenas trará mais vida para as ruas, mas também proporcionará uma experiência mais rica ao transformar o tráfego rápido em tráfego lento. Isso destaca a importância de estratégias urbanas que favoreçam a mobilidade sustentável (Gehl, 2010, p. 71).

Por fim, segundo Gehl (2010, p.109) a cidade viva é concebida como um espaço democrático, onde a diversidade social é celebrada, e as interações no mesmo ambiente urbano promovem a compreensão mútua. Esses princípios são essenciais ao discutir sustentabilidade, pois apontam para a necessidade de considerar não apenas o presente, mas também as gerações futuras. A visão inclusiva de uma cidade vibrante e sustentável destaca que o design urbano não deve apenas responder às necessidades imediatas, mas também criar comunidades resilientes em um contexto mais urbanizado. Portanto, a ideia de sustentabilidade naturalmente se alinha à ideia de uma cidade viva que não só acolhe a diversidade social, mas também planeja abraçando o conceito de cidades inclusivas e duradouras.

2.3 Sustentabilidade e Urbanismo Sustentável

Segundo Sartori; Latrônico; Campos (2014, p. 01) o conceito de sustentabilidade muitas vezes é mal interpretado, e até usado como sinônimo de desenvolvimento sustentável, mas nem todas as linhas de pesquisa veem assim. A Sustentabilidade refere-se à capacidade de um sistema, seja ele humano, natural ou híbrido, resistir ou adaptar-se a mudanças, sejam elas originadas internamente ou externamente, por um período indefinido. Já, o desenvolvimento sustentável representa uma trajetória intencional de transformação e aprimoramento que preserva ou aprimora essa característica do sistema, enquanto atende às necessidades da população presente. Em uma perspectiva inicial, o desenvolvimento sustentável é considerado o meio para atingir a sustentabilidade, ou seja, a sustentabilidade representa o objetivo último, de longo prazo (Dovers; Handmer, 1992 *apud* Sartori; Latrônico; Campos, 2014, p. 01).

O criador do termo *Triple Bottom Line* foi Elkington em 1994, o pesquisador sustenta a ideia de que a sustentabilidade se equilibra em três pilares: ambiental, econômico e social, conforme ilustrado na Figura 07. A dimensão social tem um enfoque com relação ao capital humano de um empreendimento, comunidade, sociedade. A dimensão econômica refere-se à capacidade de produção, à distribuição e ao consumo de bens e serviços. Já a dimensão ambiental está relacionada ao capital natural, onde procura-se minimizar os impactos causados ao meio ambiente e compensar os danos que já foram causados (Elkington, 1997; f2012 *apud* Silva, 2016, p. 33-34).

Figura 07 - Tripé da sustentabilidade



Fonte: Adaptado pela Autora (2024), Fonseca et al. (2014, p.15) elaborado com base em Elkington

Boff (2012, p. 01) afirma que definição mais clássica é a realizada pela ONU⁷, no relatório Brundland, entretanto, a mesma apresenta alguma limitação, sendo elas: é antropocêntrico⁸ e não

⁷ “Desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem a suas necessidades e aspirações” (Nações Unidas, 1987).

⁸ Algo que considera o ser humano como centro do universo (Ferreira, 2004).

fala sobre outros seres vivos que também necessitam da biosfera e da sustentabilidade. Dado o exposto, o estudioso tenta definir sustentabilidade de uma forma mais integrada:

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução, e coevolução (Boff, 2012, p. 01).

Os autores Sartori; Latrônico; Campos (2014, p. 09-10) fizeram análises de alguns estudos e artigos com a intenção de listar os desafios para se alcançar a sustentabilidade, são eles: implementar normas de proteção ambiental; capturar os impactos externos das atividades além do nível local; reconhecimento da sustentabilidade social; desenvolvimento humano; erradicação da pobreza; produção e consumo equilibrado; incentivo à educação; desenvolvimento e manutenção de recursos ambientais; eficiência na alocação de recursos; cooperação entre stakeholders, governos e sociedade civil; metodologias e indicadores de sustentabilidade de acesso público; uso de indicadores complementares nas avaliações; uso de abordagens holísticas; indicadores para a medição do consumo de recursos; sensibilização da população; usar um padrão de avaliação comparativa entre países; conciliar objetivos locais com os objetivos globais; pesquisas aplicadas e que trazem resultados práticos; equilíbrio entre os pilares da sustentabilidade; indicadores de sustentabilidade dinâmicos; indicadores voltados para os sistemas empresariais e locais; participação pública no planejamento; participação da ciência e da tecnologia.

Atualmente, são escassas as análises de aplicações sustentáveis destinadas a identificar os resultados que podem ser antecipados. Entretanto, há uma convergência de opiniões em relação aos desafios inerentes à sustentabilidade, que incluem a integração efetiva entre economia, ambiente e sociedade, juntamente com as considerações das questões institucionais. Além disso, há a necessidade de avaliar as repercussões das ações presentes no contexto futuro, ressaltando a importância da conscientização e do engajamento da sociedade nesse processo (Sartori; Latrônico; Campos, 2014, p. 10).

Ao longo do tempo, a construção e modificação do significado dos termos "sustentabilidade" e "desenvolvimento sustentável" têm sido influenciadas por debates significativos, muitos dos quais foram promovidos em diversos eventos. O sentido atribuído a essas terminologias é o resultado de uma evolução contínua, moldada por contribuições diversas e reflexões coletivas sobre as interações entre o ser humano, o ambiente natural e as dinâmicas sociais.

O Quadro 1 organiza de forma cronológica os eventos e obras fundamentais que desempenharam papéis cruciais na evolução desses termos. Esses eventos e obras representam

não apenas uma cronologia, mas também uma narrativa que revela a crescente conscientização sobre a necessidade de abordar questões ambientais e sociais de maneira holística. Também destaca a importância de eventos e obras específicas que contribuíram para moldar a compreensão contemporânea desses conceitos cruciais, destacando a urgência de considerar as interconexões entre a saúde do planeta e a prosperidade social (Silva, 2016, p. 27-29).

Quadro 01 - Marcos históricos e a evolução do conceito de sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável (continua)

Set/1962	Publicação nos Estados Unidos de “Primavera Silenciosa”, de Rachel Carson, que denuncia os malefícios dos agrotóxicos à saúde humana e à vida selvagem. O livro levou o governo norte-americano a banir o inseticida DDT em 1972.
Ago/1968	Paul Ehrlich lança nos Estados Unidos o polêmico livro “A Bomba Populacional”, que atribui os problemas ambientais ao crescimento demográfico.
Jun/1971	Relatório Founex preparado por um painel de especialistas em Founex, na Suíça, defende a integração das estratégias de desenvolvimento e meio ambiente.
Mar/1972	Publicação do Relatório do Clube de Roma (Limites do Crescimento). O relatório provoca controvérsia ao associar o crescimento econômico ao esgotamento dos recursos naturais. O conceito de Eco-desenvolvimento foi apresentado por Ignacy Sachs, considerado precursor do Desenvolvimento Sustentável.
Jun/1972	A ONU realiza a Conferência sobre Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, na Suécia.
1975	Elaboração do Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (PND-1975/79) que definiu prioridades para o controle da poluição industrial.
Mai/1976	Realizada em Vancouver, no Canadá, de 31 de maio a 11 de junho, a Habitat I foi a primeira conferência internacional a relacionar meio ambiente e assentamentos humanos.
1980	Surge a noção de Ecologia profunda, que coloca o homem como o componente de sistema ambiental complexo, holístico e unificado.
1983	A ONU criou a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento que desenvolveu o paradigma de desenvolvimento sustentável, cujo relatório (Our Common Future) propunha limitação do crescimento populacional, garantia de alimentação, preservação da biodiversidade e ecossistemas, diminuição do consumo de energia e desenvolvimento de tecnologias de fontes energéticas renováveis, aumento da produção industrial a base de tecnologias adaptadas ecologicamente, controle da urbanização e integração campo e cidades menores e a satisfação das necessidades básicas.
Abr/1987	Nosso Futuro Comum (Relatório Brundtland) populariza a expressão Desenvolvimento Sustentável e lança as bases para a Rio-92.
Set/1987	Adoção do Protocolo de Montreal, que inicia o controle de CFC (Cloro – Flúor – Carbono) e outras substâncias químicas que danificam a camada de ozônio.
1991	A Câmara de Comércio Internacional (CCI) aprovou "Diretrizes Ambientais para a Indústria Mundial", definindo 16 compromissos de gestão ambiental a serem assumidos pelas empresas, conferindo à indústria responsabilidades econômicas e sociais nas ações que interferem com o meio ambiente. Essas diretrizes foram acatadas no Brasil, pelo Comitê Nacional da Câmara de Comércio Internacional, tendo-se criado a Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável.

Quadro 01 - Marcos históricos e a evolução do conceito de sustentabilidade e do desenvolvimento sustentável (conclusão)

Abr/1992	Changing Course é publicado pelo industrial suíço Stephan Schmidheiny, que fundou o Business Council of Sustainable Development em 1990 para preparar a participação do setor privado na Rio-92. O livro apresenta caminhos para a comunidade de negócios internalizar critérios de sustentabilidade socioambiental em suas operações.
Jun/1992	Também conhecida como Cúpula da Terra, Eco-92 e Rio-92, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento acontece na cidade do Rio de Janeiro. Na Eco-92 foi elaborada a Carta da Terra e a Agenda 21, que reflete o consenso global e compromisso político objetivando o desenvolvimento e o compromisso ambiental.
Mar/1995	A ONU organiza a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social em Copenhague, na Dinamarca.
Set/1996	ISO 14001 é formalmente adotada como padrão voluntário internacional para sistemas de gestão ambiental corporativos.
1997	Discutido e negociado em Quioto no Japão, o Protocolo propõe um calendário pelo qual os países-membros teriam obrigação de reduzir a emissão de gases do efeito estufa. Em novembro de 2009, 187 países haviam aderido ao Protocolo.
Set/1999	Lançamento dos índices de sustentabilidade da Dow Jones, em Nova York, para medir o desempenho nas bolsas de valores de empresas com políticas de responsabilidade socioambiental.
Jul/2000	Lançamento do Pacto Global da ONU, iniciativa que reúne empresas comprometidas a alinhar operações e estratégias com dez princípios nas áreas de direitos humanos, condições de trabalho, meio ambiente e combate à corrupção.
Set/2000	A Cúpula do Milênio promovida pela ONU em Nova York estabeleceu oito objetivos de desenvolvimento do milênio (ODM) a serem alcançados até 2015, tais como 29 diminuir pela metade a proporção de pessoas com fome e cuja renda diária é inferior a um dólar.
Abr/2002	Global Report Initiative (GRI) inicia suas atividades focadas em desenvolver padrões de relato de políticas e ações corporativas de sustentabilidade.
Ago/2002	A Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+10, aprova em Johannesburgo, na África do Sul, plano para implementar os compromissos da Rio 92.
Fev/2005	Adotado em dezembro de 1997, o Protocolo de Kyoto passa a vigorar, obrigando os países industrializados a cortar em 5% suas emissões de gases-estufa em relação aos níveis de 1990.
Dez/2009	A 15ª Conferência das Partes da Convenção sobre Mudanças Climáticas, realizada em Copenhague, consolida o tema climático nas agendas pública, corporativa e da sociedade civil, mas decepciona pelo insucesso em fechar um acordo para diminuir as emissões após 2012.
Fev/2011	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) lança Rumo à Economia Verde: Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza.
Jun/2012	Jun/2012 Rio de Janeiro sediou a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20.

Fonte: Adaptado pela autora (2024), elaborado por Silva (2016), com base na obra de Bacha, Santos e Schaun (2010) e de Zanchetta, Telles e Barretto (2011)

Vale destacar que de acordo com o exposto no quadro 01, no Brasil, houve algumas Conferências das Nações Unidas a respeito da temática do desenvolvimento sustentável. As que mais tiveram destaque foram a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e

Desenvolvimento, ocorrida em 1992, que ficou conhecida como Rio-92, além da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, nomeada como Rio+20, que aconteceu em 2012.

É relevante ressaltar que, conforme apresentado no Quadro 01, no contexto brasileiro, foram realizadas diversas Conferências das Nações Unidas com foco na temática do desenvolvimento sustentável. Duas dessas conferências se destacam significativamente: a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992, amplamente reconhecida como Rio-92; e a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, mais conhecida como Rio+20, que teve lugar em 2012 (Souza, 2023, p. 28).

O cerne da Rio-92 residia na abordagem de questões globais relacionadas ao meio ambiente e desenvolvimento. Durante esse evento, testemunhou-se a subscrição à Agenda 21, um abrangente plano de ação global destinado a fomentar o desenvolvimento sustentável em diversos setores, como educação, economia, saúde, meio ambiente e participação social. Além disso, uma declaração foi promulgada, reconhecendo a imperiosidade da preservação ambiental, do desenvolvimento econômico equitativo e da participação popular na busca pela sustentabilidade — conhecida como Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Adicionalmente, como resposta aos desafios das mudanças climáticas em escala mundial, foi adotada a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança no Clima (Souza, 2023, p. 28).

Outro momento significativo, a já mencionada foi o Rio+20, teve como seu propósito principal revisitar o progresso ocorrido desde a Rio-92 e reafirmar o compromisso global com o desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, no âmbito econômico, foram empreendidos esforços para delinear estratégias que promovessem uma economia mais sustentável e inclusiva, visando conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e a redução da pobreza. Paralelamente, foram promovidas discussões sobre o fortalecimento das instituições tanto em escala global quanto nacional para apoiar esse movimento em direção à sustentabilidade (Souza, 2023, p. 28).

Adicionalmente, a Rio+20 desencadeou um processo determinante para a formulação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que culminou na aprovação pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2015, da Agenda 2030 e de seus 17 ODS. Essa agenda representa um compromisso global em prol de um futuro mais sustentável, abrangendo uma gama diversificada de metas, desde erradicar a pobreza até garantir práticas ambientais responsáveis. Assim, compreende-se que tanto a Rio-92 quanto a Rio+20 foram momentos cruciais na promoção do desenvolvimento sustentável em escala global, delineando compromissos e

direcionamentos que ecoam até os dias atuais (Souza, 2023, p. 29). A Figura 08 apresenta de maneira ilustrativa os dezessete ícones correspondentes a cada um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), juntamente com a identificação de cada objetivo. Ao realizar uma análise cuidadosa, torna-se evidente que os objetivos não existem isoladamente, mas estão intrinsecamente interligados e integrados.

Figura 08 - Objetivos do Desenvolvimento Urbano Sustentável



Fonte: Nações Unidas (2015)

De acordo com Farr (2013, p.14) o urbanismo sustentável é resultado da confluência de três movimentos de reforma que ganharam destaque no final do século XX, ultrapassando o ambientalismo antissocial associado a McHarg e passando a enfatizar os benefícios decorrentes da integração entre sistemas humanos e naturais. Os movimentos do crescimento urbano inteligente, do Novo Urbanismo e das construções sustentáveis constituem as bases filosóficas e práticas que fundamentam o urbanismo sustentável. Embora todos esses movimentos compartilhem o interesse por reformas econômicas, sociais e ambientais abrangentes, é notável que cada um possui uma história, defensores, abordagens e focos distintos. Ainda segundo Farr (2013, p.28) o urbanismo sustentável:

É aquele com um bom sistema de transporte público e com a possibilidade de deslocamento a pé integrado com edificações e infraestrutura de alto desempenho. A compacidade (densidade) e a biofilia (acesso humano à natureza) são valores centrais do urbanismo sustentável. A estrutura do urbanismo tradicional é sinônimo da estrutura do urbanismo descrito na carta do Congresso para o Novo Urbanismo. Engloba três elementos essenciais: bairros, distritos e corredores. De acordo com a Carta do Novo Urbanismo, os bairros são “compactos, respeitam os pedestres e têm uso misto”. Os distritos, como os bairros, deveriam ser compactos e respeitar os pedestres, mas ter, normalmente, uso único – tal como um campus universitário ou parque industrial. Os corredores, variando de “bulevares e linhas de metrô a rios e estradas parques, intercomunicam bairros e distritos” (Farr, 2013, p. 28).

Segundo Gehl (2013, p. 105) o transporte destaca-se como um componente especialmente significativo na contabilidade ambiental, dado seu papel crucial no consumo expressivo de energia, nas consequentes emissões de carbono e na considerável poluição

associada. Ao priorizar pedestres e bicicletas, seria possível alterar significativamente o perfil do setor de transportes, tornando-se uma medida substancial nas políticas sustentáveis em geral. Conforme o Programa Cidades Sustentáveis (2013) no Brasil, a cidade de Curitiba, no Paraná, se destaca como um exemplo que incorporou diversas práticas de urbanismo sustentável. Algumas alternativas notáveis incluem a promoção de passeios públicos e a ênfase em ruas voltadas para pedestres. As ações direcionadas à sustentabilidade resultaram em impactos qualitativos expressivos na cidade, como a notável redução de 30% no tráfego de automóveis, enquanto os ônibus se tornaram responsáveis por 2 milhões de viagens diárias úteis.

Além disso, até o ano de 2013, Curitiba já contava com 200 quilômetros de ciclovias e uma impressionante área verde de 52m² por habitante. Este cenário evidencia a implementação bem-sucedida de estratégias, como vias exclusivas para ônibus, o estímulo à participação social, a criação de ciclovias e a promoção do uso de bicicletas, juntamente com a integração de usos diversos em uma mesma área (Programa Cidades Sustentáveis, 2013).

No dia a dia, esforços são dedicados à redução dos impactos ambientais por meio de práticas ecologicamente corretas, como o plantio de árvores e o aumento do uso de matérias-primas reaproveitadas. Conforme a definição de Pinto (1999, p. 01-03), a crescente preocupação com a preservação ambiental e a perspectiva de escassez dos recursos naturais motivam a construção civil a adotar novos paradigmas, voltados para soluções técnicas que promovam a sustentabilidade em suas atividades. Nesse contexto, a reutilização dos resíduos de construção e demolição destaca-se como uma alternativa viável, pois busca conferir valor aos materiais descartados nas obras de engenharia, atribuindo-lhes a condição de materiais nobres.

A Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura - AsBEA, o Conselho Brasileiro de Construção Sustentável - CBCS, juntamente com outras instituições, delineiam uma série de princípios fundamentais da construção sustentável, entre os quais destaca-se: aproveitamento de condições naturais locais; utilizar mínimo de terreno e integrar-se ao ambiente natural; implantação e análise do entorno; não provocar ou reduzir impactos no entorno – paisagem, temperaturas e concentração de calor, sensação de bem-estar; qualidade ambiental interna e externa; gestão sustentável da implantação da obra; adaptar-se às necessidades atuais e futuras dos usuários; uso de matérias-primas que contribuam com a eco-eficiência do processo; redução do consumo energético; redução do consumo de água; reduzir, reutilizar, reciclar e dispor corretamente os resíduos sólidos; introduzir inovações tecnológicas sempre que possível e viável; educação ambiental: conscientização dos envolvidos no processo (Corrêa, 2009, p.22).

O Conselho Internacional para a Pesquisa e Inovação em Construção (CIB) define a construção sustentável como “o processo holístico para restabelecer e manter a harmonia entre

os ambientes natural e construído e criar estabelecimentos que confirmem a dignidade humana e estimulem a igualdade econômica” (CIB, 2002, p.8).

Segundo Corrêa (2009, p.32) algumas estratégias bioclimáticas que podem ser incorporadas ao desenho urbano incluem: **resfriamento evaporativo**, consiste em extrair o calor do ambiente pela evaporação da água, reduzindo sua temperatura, nas áreas urbanas, pode-se criar um microclima mais ameno por meio da implementação de espelhos d'água ou lagos na direção dos ventos, especialmente em espaços públicos; **iluminação natural**, estratégias que favorecem a iluminação natural nas edificações são indicadas para todos os tipos de microclimas, proporcionando conforto luminoso, salubridade e eficiência energética nas construções; **sombreamento** este procedimento visa evitar o superaquecimento de superfícies expostas à insolação direta, a presença de vegetação ao redor das edificações reduz a reflexão da radiação, impedindo que o piso absorva calor durante o dia e o irradie de volta à noite, a **arborização** de praças e ruas também é uma estratégia eficaz para controlar a insolação excessiva, atenuando o calor tanto no interior das edificações quanto na área urbana como um todo.

Ao explorarmos os princípios e estratégias do urbanismo sustentável, evidenciamos a importância de planejar espaços urbanos de maneira integrada, considerando não apenas aspectos arquitetônicos, mas também fatores ambientais e sociais. Essa visão abrangente proporciona uma base sólida para entendermos como os princípios de sustentabilidade podem ser aplicados em diferentes contextos urbanos. Neste contexto, a relação entre urbanismo sustentável e feiras livres ressalta a busca por soluções holísticas que promovam comunidades vibrantes e equilibradas em ambientes urbanos.

2.4 Feira Livre: surgimento, potencialidades e funções

Sivuca, em 1997, escreveu a famosa música “Feira de Mangaio”, canção que descreve como as feiras se davam no nordeste. Luiz Gonzaga, 1997, enalteceu a Feira de Caruaru com sua diversidade de vendas, afirmando: “de tudo que ai no mundo, nela tem prá vender”. Em 2013 a dupla de embolada Caju e Castanha escreveram a cantiga “Embolando a Feira Livre”, rima que de forma cômica expõe a diversidade, e importância da feira livre para população quando afirma “hoje eu vou levar vocês num costume popular, embolando a feira livre a gente vai caminhar”.

“Historicamente, as primeiras feiras surgiram para satisfazer as necessidades de trocas entre as pessoas. A partir e ao redor delas surgiram as comunidades, os burgos, as cidades” (Lima; Câmara, 2010, p.01). A feira livre é um fenômeno de longa data, cujas raízes remontam elementos religiosos que influenciam o processo de configuração do espaço. Essa prática tem origens tão antigas que é possível identificar vestígios de seu surgimento em aspectos religiosos. Um exemplo destacado é encontrado na Bíblia, o livro sagrado do cristianismo, que relata a ira de

Jesus contra os comerciantes que operavam dentro do Templo Sagrado. No livro de São Marcos, há a seguinte passagem: "Chegaram a Jerusalém. Jesus entrou no templo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. Ele não deixava ninguém carregar nada através do templo" (Bíblia, Marcos, 11, 16).

De acordo com Pinto e Moraes (2011, p.2) a origem das feiras livres no Brasil remonta à época da colonização portuguesa, emergindo aproximadamente no século XVII. Esses espaços surgiram com o propósito fundamental de atender à demanda por abastecimento alimentar e facilitar a comercialização do excedente produzido nas áreas rurais. Para Menezes (2005, p.9) as primeiras manifestações de feiras livres no Brasil remontam ao ano de 1548, quando o rei de Portugal, D. João III, demonstrando preocupação em conter o êxodo rural na colônia, estabeleceu a realização de feiras em cidades.

Na contemporaneidade, as feiras livres são compreendidas como ambientes que agregam uma variedade de elementos culturais, refletindo a identidade territorial de uma comunidade. Com suas raízes datada da virada do século XIX, essas feiras são delineadas como uma forma de comércio varejista ao ar livre, centrada na venda de alimentos e uma diversidade de produtos essenciais (Mascarenhas; Dolzani, 2008, p. 74).

Para Almeida e Pena (2011, p.112) a relevância econômica e comercial das feiras vai além da subsistência dos feirantes, proporcionando-lhes uma fonte de sustento. Ela também abarca o universo dos consumidores, que encontram nesse ambiente uma opção economicamente mais vantajosa para adquirir os alimentos destinados ao consumo familiar. Além de seu papel econômico, a feira se configura como um espaço de sociabilidade, promovendo a aproximação entre as pessoas e fortalecendo os vínculos entre aqueles que comercializam e consomem os alimentos.

A conceituação da feira livre pode assumir diferentes conotações, inclinando-se tanto para o âmbito econômico quanto para o social. Conforme destacado por Mota et al. (2012, p.4), a "feira livre é um espaço polissêmico, onde vidas se cruzam, convivem e experimentam um cotidiano de diversidades". Nesse sentido, a feira livre não se restringe apenas à dimensão comercial, mas também desempenha um papel essencial como um ambiente de interação social. De acordo com Nora e Dutra (2015, p.52) as feiras são “espaços de interação entre feirantes e fregueses, que possibilita a aproximação e a troca de saberes entre cidade e meio rural”.

Analisando as feiras livres do âmbito territorial, para Souza (1995, p.52) o conceito de território é “um espaço definido por relações de poder”. No entendimento de Silva e Sato (2010, p.266) o território e a construção das identidades individuais e coletivas possuem uma estreita relação, o território não é apenas um espaço físico, mas um elemento essencial na formação das

identidades dos sujeitos, sendo base das práticas sociais, das representações e das significações, indica-se que a interação das pessoas com o espaço ao seu redor influencia profundamente como elas se percebem e se relacionam com outros indivíduos e grupos. Assim, Almeida (2009, p. 33) contribui para uma compreensão mais abrangente do território estabelecido pelas feiras livres, destacando que:

[...] no caso da feira, fica evidente: há o território dos fregueses que realizam regularmente suas compras, como suprimento para a semana vindoura, escolhendo os melhores e mais acessíveis gêneros; dos feirantes já estabelecidos em barracas e o daqueles que chegam de improviso, inscrevendo uma nova tessitura territorial e, também um novo jeito de fazer a feira, com promoções e performances para atrair fregueses, minimizando o ‘poder’ de feirantes já estabelecidos em barracas (Almeida, 2009, p.33).

Sob o olhar econômico, as feiras livres trazem muitos benefícios aos municípios, segundo Carvalho (2016) se destacam:

A valorização da identidade regional, da tradição e da cultura; a geração de trabalho, de ocupação e de renda; a dinamização da economia e dos pequenos municípios; a promoção da segurança alimentar e nutricional sustentável; o abastecimento regular de alimentos de qualidade, adaptado aos hábitos culturais da população local; o fortalecimento do associativismo e promoção da gestão coletiva (Carvalho, 2016, texto digital).

As feiras podem ser conceptualizadas como eventos recreativos, exposições ou parques de diversões, ocorrendo em lugares e períodos específicos. Conforme delineado por Chapman (1987) *apud* Bernardino (2001, p.44), as feiras podem apresentar-se sob diversas tipologias como mostra o Quadro 02.

Quadro 02 -Tipologia das feiras

Origem	Naturais (surgiram espontaneamente) ou planejadas (criadas ou organizadas pelo poder público ou privado).
Acesso	Públicas (entrada livre e gratuita) ou privadas (acesso controlado e pago).
Finalidade	Feiras de revenda (onde os compradores adquirem produtos para revenda) ou feiras de negócio para consumo final (onde os compradores são empresas que adquirem produtos para serem consumidos pelas próprias empresas) e de retalho (onde o comprador é o consumidor final).
Tempo	Diárias, semanais, mensais ou anuais.
Espaço	Feiras locais (os frequentadores moram no entorno da feira); feiras regionais (apresentam frequentadores de outras cidades da mesorregião onde se encontra); feiras nacionais (apresentam frequentadores de vários lugares do país); feiras internacionais (apresentam frequentadores estrangeiros).
Público-alvo	Feiras de público específico (ex. feiras de profissões, de antiguidades, de imóveis, de noivas, etc.) e de interesse geral (dirigidas a interesses mais genéricos).

Fonte: Adaptado pela Autora (2024), Baseado em Chapman (1987) *apud* Bernardino (2015)

No contexto das iniciativas direcionadas às feiras livres, merecem destaque diversas ações promovidas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Ministério de Desenvolvimento Agrário, e outras entidades. Esses órgãos desenvolveram programas e projetos

voltados para o aprimoramento e a qualidade desses espaços de comércio (Silva, 2016, p. 59). A primeira iniciativa digna de destaque é proveniente do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que lançou, em 2007, a cartilha intitulada "Feiras Livres da Agricultura Familiar – Roteiro de Implantação". Essa publicação oferece orientações detalhadas sobre como estabelecer uma feira livre, abordando elementos cruciais de sua estrutura, tais como barracas, instalações elétricas e hidrossanitárias, gestão de resíduos, sinalização e áreas de circulação (Brasil, MDS, 2007).

Outra ação relevante a ser enfatizada é a promovida pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) em 2008, por meio de um processo seletivo de projetos voltados para a implementação de feiras livres e mercados populares direcionados aos municípios integrantes dos Territórios da Cidadania. Nessa iniciativa, recursos foram direcionados para a instalação e modernização de feiras livres e mercados populares que comercializam produtos dos pequenos produtores nos municípios da Região Nordeste (Brasil, MDS, 2008).

Adicionalmente, em 2011, o Ministério de Desenvolvimento Agrário, em colaboração com o Instituto Kairós, lançou a cartilha "Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras", que oferece informações sobre a organização de feiras livres, abordando diretrizes para o funcionamento, tipos de produtos, infraestrutura, logística, viabilidade econômica, comunicação e atividades envolvendo formação e cultura (Instituto Kairós; Badue; Gomes, 2011).

Outro destaque é a experiência articulada entre o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e as Prefeituras do estado do Rio Grande do Norte. Esse esforço conjunto resultou no Programa de Modernização de Feiras Livres e Mercados Populares, iniciado em 2006, com a diretriz de fortalecer e organizar de maneira mais eficiente os espaços onde essas feiras são estruturadas. Na região Sul, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul, em 2013, foi implementado o Projeto Feira Modelo da Reforma Agrária. Essa iniciativa, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA, 2013) local, buscou a padronização e o equipamento das bancas das feiras livres (Silva, 2016, p. 60-61).

Valorizar esses locais como espaços públicos de elevada qualidade e buscar a requalificação de suas estruturas de maneira responsável, embasada em estudos de casos que se assemelhem à intervenção proposta, torna-se imperativo para a criação de um ambiente saudável. Essa abordagem visa fortalecer os laços sociais, promover a sensação de pertencimento à comunidade e, simultaneamente, preservar sua memória. O respeito e a requalificação das feiras livres contribuem significativamente para a construção de espaços urbanos mais resilientes, dinâmicos e integrados à vida cotidiana das comunidades.

3. FEIRA LIVRE: ESTUDOS DE CASO

Este capítulo irá apresentar algumas análises acerca de projetos de feiras livres localizadas no Brasil. Os projetos selecionados para realização da estudos foram: Feirinha Beira-Mar (Fortaleza/CE), a Feira da Cidade (Ananindeua/PA) e a Proposta 2º lugar no Concurso Requalificação Feira de Campina Grande (Campina Grande/PB). A escolha destes fundamentou-se em considerações abrangentes, tais como: uso, conforto térmico, abordagens sustentáveis, forma e função, aspectos estéticos, e a atenção à intervenção em relação aos laços sociais já existentes.

3.1 Levantamento de dados dos projetos

Entre os projetos selecionados, todos estão localizados em território nacional, com um deles situado na região Norte e os demais no Nordeste, sendo particularmente notável um projeto localizado no mesmo estado do projeto em questão. A escolha desses projetos foi fundamentada na justificativa de que os projetos demonstram uma preocupação significativa com conforto ambiental, sustentabilidade e sensibilidade com o entorno.

3.1.1 Feirinha Beira-Mar

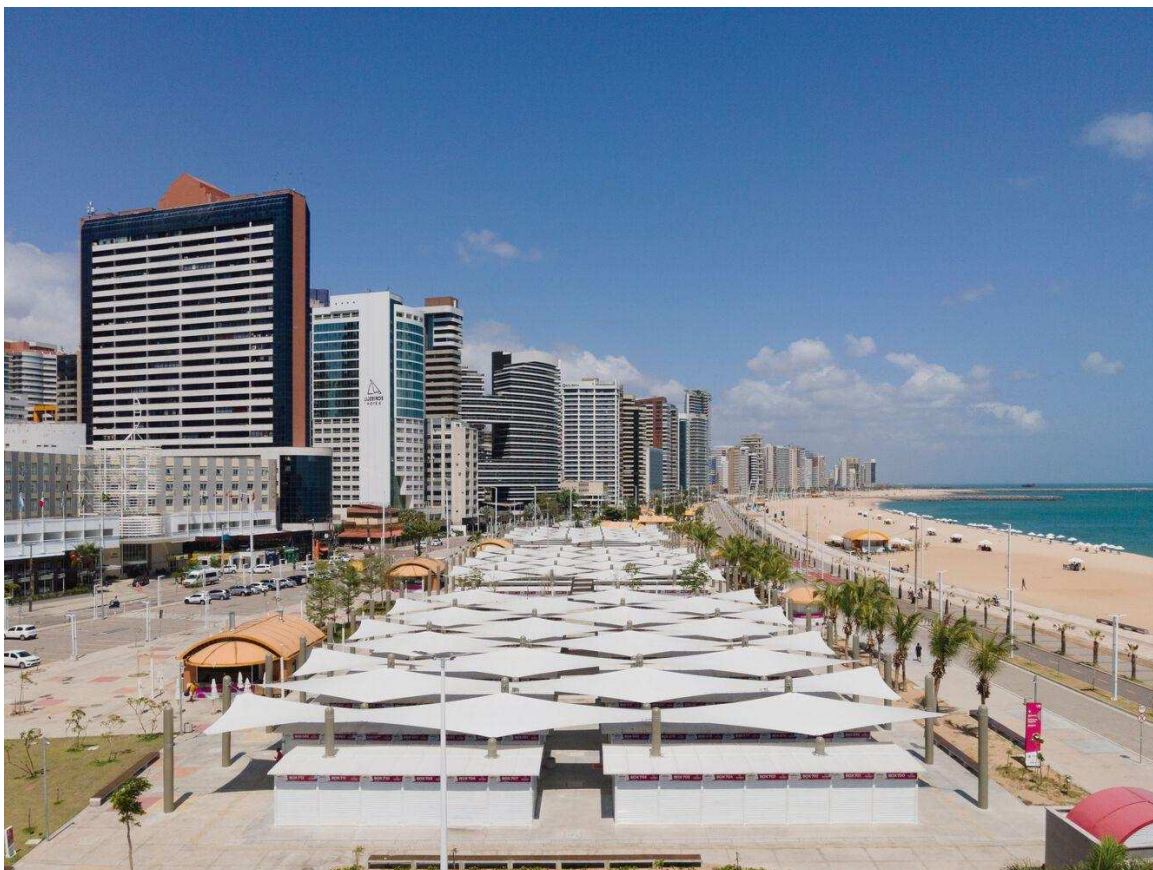
O projeto Feirinha Beira-Mar abarcou uma área de 3033m² e foi concretizado no ano de 2022. Enquanto o desenvolvimento arquitetônico foi encabeçado pela arquiteta Marina Nottingham, o aspecto estrutural foi concebido por Alberto Feitosa. Carlos Mauro Ponte ficou responsável pelo projeto elétrico, e Emanuel Maildo supervisionou o projeto de águas pluviais. A equipe técnica contou com a consultoria de Paulo André Barroso, Tiago Borges e Pedro Abrantes, este último também encarregado do orçamento. A execução do projeto foi realizada pela Secretaria Municipal da Infraestrutura de Fortaleza, em parceria com Edcon Comércio e Construções e Formato Coberturas Especiais.

Situada na Avenida Beira-Mar, uma região de grande relevância na cidade de Fortaleza, a feirinha é reconhecida como um dos principais pontos turísticos da cidade, destacando-se pelo comércio de produtos artesanais e regionais. Inicialmente, sua estrutura era caracterizada por ser desmontável e improvisada, o que gerava uma desarmonia visual frente ao entorno no qual a feira se localiza. Dessa forma, uma nova proposta que incluía estruturas fixas para melhor organização dos feirantes foi realizada e acolhida. (Nottingham, 2022).

A concepção do projeto tinha como intenção incorporar elementos que remetessem à rica cultura local, buscando causar significativo impacto visual. Nesse contexto, a escolha recaiu sobre uma cobertura em estrutura tensionada, inspirada nas velas das jangadas regionais, como mostra a Figura 09. Essa decisão não apenas evoca a identidade cultural, mas também contribui para a

melhoria do conforto térmico e do microclima no local. (Nottingham, 2022). Essa abordagem reflete um esforço em conciliar a tradição cultural com a funcionalidade, resultando em uma estrutura que não apenas atende às necessidades práticas, mas também se torna uma expressão visual e culturalmente enriquecedora para a região.

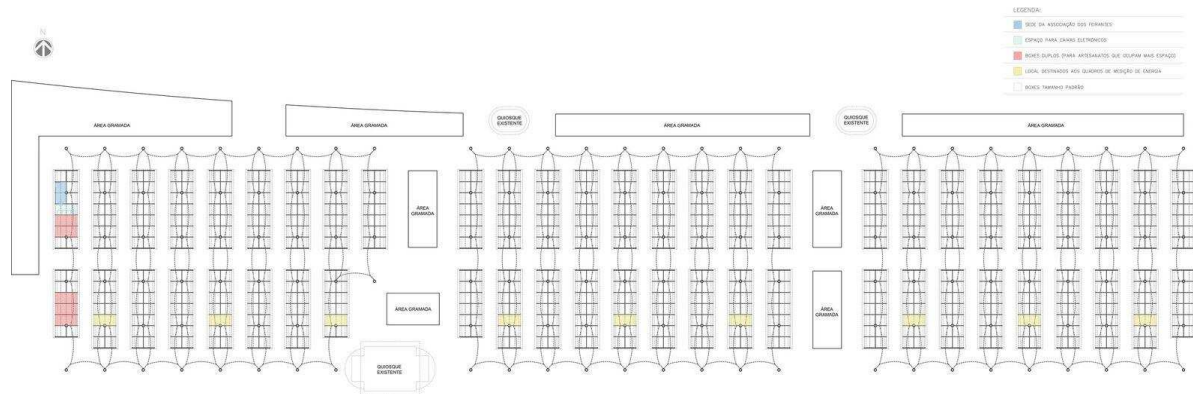
Figura 09 - Feirinha Beira-Mar



Fonte: Archdaily, 2023

A Feirinha da Beira-Mar compreende quiosques organizados em 53 blocos. Cada bloco abriga entre 12 e 14 espaços de dimensões 2x2 metros, dispostos sistematicamente em pares de boxes simétricos, totalizando assim 734 espaços. A extensão total da estrutura abrange 8.405,51 metros quadrados de área de intervenção, sendo que 3.033,25 metros quadrados correspondem à área construída dos quiosques. Dentro do conjunto de espaços disponíveis, 712 são destinados aos feirantes, enquanto os 22 restantes são designados para a instalação dos quadros de medição de energia (hachurado na cor amarelo), para a sede da Associação dos Feirantes (hachurado na cor azul escuro) e um local destinado a caixas eletrônicos (hachurado na cor verde claro), também faz-se presente boxes duplos destinados ao artesanato (hachurado na cor vermelho), conforme ilustrado na implantação da Figura 10 (Nottingham, 2022).

Figura 10 - Implantação da Feirinha Beira-Mar



Fonte: Archdaily, 2023

A construção dos quiosques é baseada em uma estrutura metálica, composta por pilares e vigas de aço metalon, com fechamentos internos e cobertura utilizando painéis EPS. Os fechamentos externos nas direções leste e oeste são constituídos por portas de enrolar, enquanto nas direções norte e sul, empregam-se painéis de ACM perfurado. Cada uma das fachadas norte e sul é composta por quatro painéis, os quais apresentam um desenho exclusivo com perfurações em forma de círculos que criam a imagem de ondas, conforme ilustrado na Figura 11. Estes desenhos foram concebidos de modo a permitir variações nas figuras ao alterar a posição de um painel, mantendo a conexão entre as peças. Além dos quiosques, a estrutura abrange toldos ou lonas tensionadas, posicionados nos corredores entre os quiosques. Um total de 24 toldos está fixado por cabos de aço tensionados e ancorados em pilares de concreto. (Nottingham, 2022).

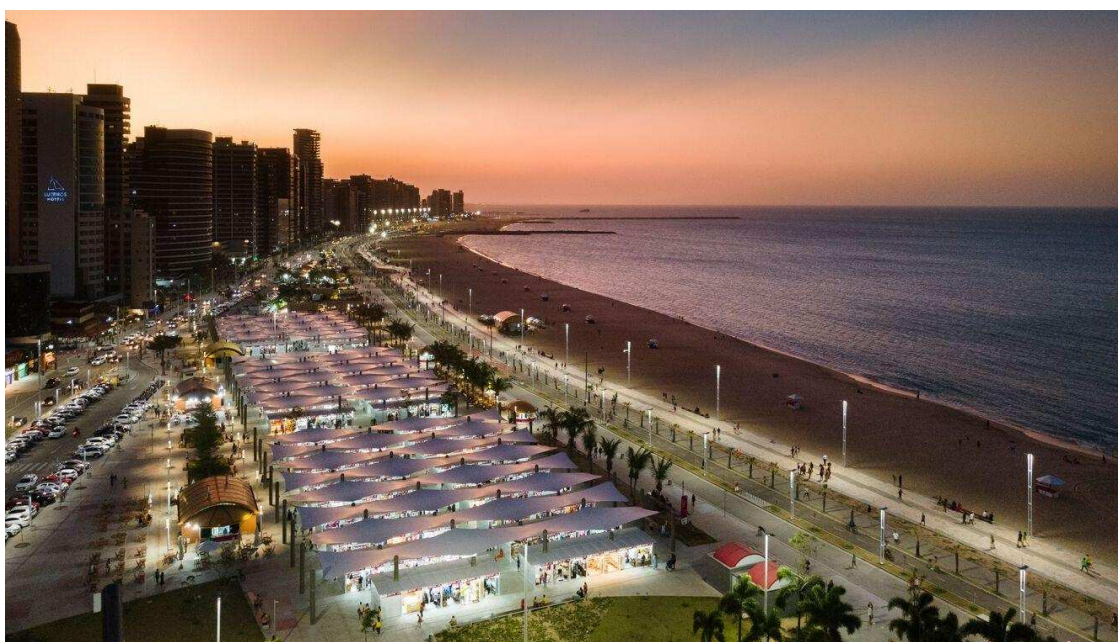
Figura 11 - Feirinha Beira-Mar



Fonte: Archdaily, 2023

Para dinamizar a forma e criar uma sensação de movimento na estrutura tensionada, implementou-se uma variação nas alturas dos pilares das lonas. Os pilares de concreto foram estrategicamente alinhados com os pilares dos quiosques metálicos, atravessando os blocos dos quiosques. Considerando a iluminação noturna, foi concebido um sistema de iluminação cênica direcionada para as lonas, utilizando refletores RGB (coloridos), como se vê na Figura 12. Esse design permite que a estrutura tensionada mude de cor, o que possibilita a transformação do ambiente em um espetáculo visual durante eventos festivos (Nottingham, 2022).

Figura 12 - Feirinha Beira-Mar



Fonte: Archdaily, 2023

3.1.2 Concurso Requalificação Feira de Campina Grande - Proposta 2º lugar

Atualmente, a atividade da feira livre engloba diversas dinâmicas: comerciais, sociais, artísticas, culturais e espaciais. De modo paralelo, observa-se uma ausência na utilização efetiva de recursos naturais, escassez de biodiversidade e precariedade em termos de soluções urbanísticas contemporâneas. Em busca de promover a fertilidade do solo paraibano, especialmente no contexto da rica cultura imaterial da feira de Campina Grande, o projeto em debate visou amalgamar passado, presente e uma visão de futuro.

A proposta tem como objetivo enaltecer o passado e manter um paralelo entre a vanguarda e a ancestralidade, com foco na tradição e vocação da cidade. Associado a isto, tem também como foco exaltar o presente conforme as demandas existentes na qualificação dos espaços públicos, enquanto também se direciona para um futuro mais sustentável e participativo.

A concretização desses objetivos ocorre por meio da incorporação de tecnologia, exercício de democracia direta e implementação de medidas de mitigação e adaptação às

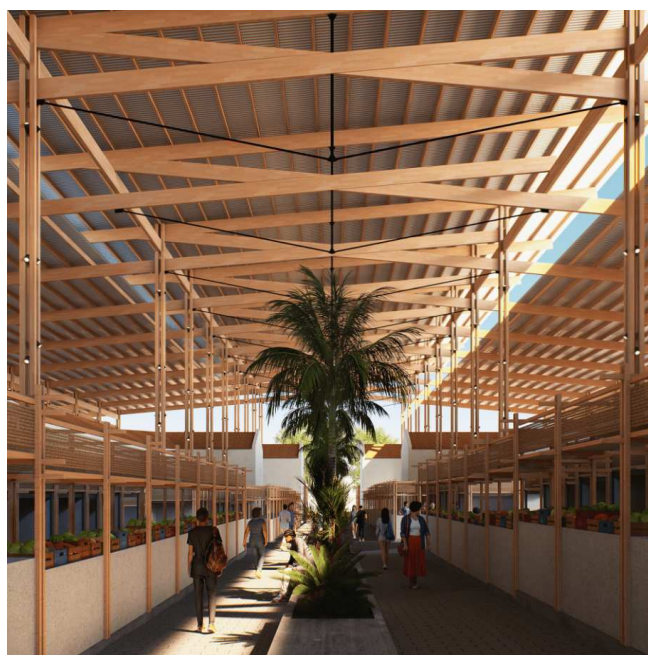
mudanças climáticas. O projeto estabelece como meta, ao se inspirar no conceito de “Cidades Criativas” da UNESCO, o incentivo ao desenvolvimento de uma comunidade diversificada, onde cultura, inovação e sustentabilidade estejam integradas no cotidiano da feira (Cole et al., 2023).

Vislumbra-se um cenário sem barreiras, onde a urbanidade se unifica por meio de um desenho urbanístico e do tratamento de piso que integra o espaço como um todo. Essa abordagem confere fluidez ao trecho da cidade, oferecendo uma nova realidade que proporciona mais espaço para as pessoas, bicicletas, bancas, vegetação nativa e a cultura de rua, reduzindo a presença de automóveis. Nessa perspectiva, as árvores retomam seu lugar na paisagem urbana, convidando pássaros nativos da região a retornarem ao espaço que sempre foi deles (Cole et al., 2023).

A escolha da materialidade no projeto procurou priorizar o uso de materiais de construção certificados com respaldo ambiental ou selo ecológico, provenientes de manejo sustentável e passíveis de reciclagem. Para os revestimentos dos espaços internos e bancas, são adotados materiais como cortiça e linóleo, ambos de base biológica e biodegradáveis. Além disso, o projeto inclui a previsão de reciclagem dos resíduos provenientes das demolições, visando a sua reutilização em peças de concreto (Cole et al., 2023).

Os elementos estruturais são confeccionados em Madeira Laminada Colada e taipa de pilão; as coberturas são constituídas por telhas trapezoidais do tipo sanduiche, conhecidas como "ecotelhado"; e as bancas são vedadas com placas ecológicas Ecofour, originárias de materiais reciclados, como mostra a Figura 13 (Cole et al., 2023).

Figura 13 - Elementos estruturais - Proposta de Requalificação da Feira de Campina Grande



Fonte: Behance, 2023

As bancas e as torres resgatam uma lógica construtiva tradicional em madeira, onde elementos esguios se combinam para adquirir robustez e fornecer suporte estrutural às edificações. Essa técnica faz parte de um módulo base que organiza o projeto de maneira global, derivando da malha de 60x60cm (Cole et al., 2023).

As bancas apresentam dimensões modulares que se interligam de diversas maneiras, proporcionando uma diversidade de usos dentro de uma aparência homogênea. As medidas dessas bancas ainda variam em suas posições: dentro do mercado, possuem uma cobertura plana e leve, enquanto fora do mercado são cobertas por um telhado inclinado com beirais em todos os sentidos, proporcionando proteção às peças de madeira contra as intempéries (Cole et al., 2023).

O elemento identificador das bancas possui um fundo texturizado de acordo com técnicas do artesanato local que seriam definidas em atividades juntamente com os artesãos locais. As torres se destacam na paisagem pois criam um conjunto de ilustrações para a urbanidade, servindo como pontos de encontro ou referenciais de localização. As torres mantêm a mesma materialidade das bancas, tanto estrutural quanto em termos de revestimento (Cole et al., 2023).

Para além de marcos urbanísticos, as torres desempenham a função de possuir infraestruturas urbanas básicas e fundamentais para o funcionamento do órgão, abrigando pias públicas para a lavagem de mãos, tomadas de energia, placas fotovoltaicas, caixas d'água, e incluem espaço de depósito para os feirantes e suas bancas móveis, como mostra a Figura 14 (Cole et al., 2023).

Figura 14 - Bancas e Torre - Proposta de Requalificação da Feira de Campina Grande



Fonte: Behance (2023)

.Ao examinarmos a implementação do projeto na Figura 15, é possível observar a dinâmica na organização das bancas de acordo com sua localização, podendo perceber variedade de agrupamento e dimensão entre elas. Além disso, chama-se a atenção para o uso extensivo de áreas verdes em toda a extensão da proposta, bem como para o emprego de lona tensionada em um trecho, evidenciando uma preocupação com o conforto ambiental daqueles que irão frequentar o espaço.

Figura 15 - Implantação - Proposta de Requalificação da Feira de Campina Grande



Fonte: Behance (2023)

3.1.3 Feira da Cidade

O projeto em debate é uma obra concebida pelos renomados arquitetos da MEIA DOIS NOVE Arquitetura & Consultoria, cuja atuação se evidencia na expressiva área de 3127 m², como mostra a vista aérea na Figura 16. Datado do ano 2005, este projeto exemplar está situado na cidade de Ananindeua, no estado do Pará, Brasil. Considerando a exigência das atividades e dos ocupantes, a concepção foi adaptada à singularidade do terreno, que possui uma forma triangular e está situada nas proximidades da antiga feira. Isso foi feito sem a necessidade de grandes mudanças ou alterações significativas no contexto circundante.

Figura 16 - Vista Aérea da Feira da Cidade



Fonte: Archdaily, 2023

Segundo os arquitetos, “a construção que abriga a nova feira é, em linhas gerais, uma grande tensoestrutura” (Meia Dois Nove, 2014). A proposta arquitetônica otimiza a utilização do espaço ao empregar um sistema de cobertura hexagonal, apoiado por estruturas de aço e lona tensionada. Isso resulta em amplas áreas livres, sem obstruções causadas por pilares ou paredes de colocação, permitindo uma maior fluidez para as atividades.

Com um custo inferior a outros métodos construtivos, a proposta satisfaz a demanda, integrando-se de maneira harmoniosa ao terreno de formato triangular, evitando espaços subutilizados. A edificação oferece abrigo, sombreamento, ventilação, iluminação e espaços internos amplos, como ilustrado na Figura 17.

Figura 17 - Vista Interna da Feira da Cidade



Fonte: Archdaily, 2023

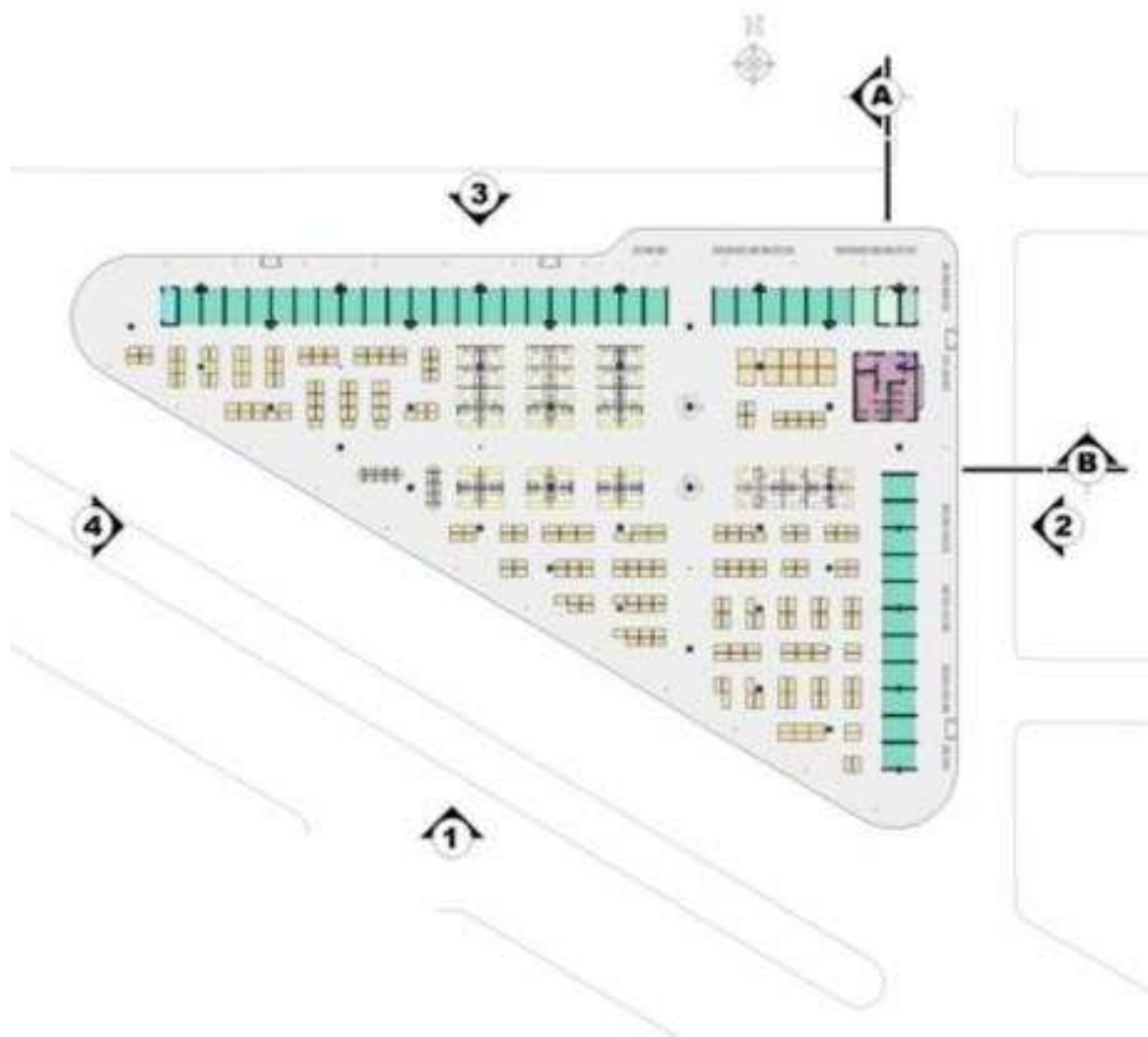
Empregando o aço como elemento principal para sustentar as lonas tensionadas no teto, o design viabiliza a entrada de iluminação natural indireta por meio das aberturas laterais, da translucidez das lonas e das claraboias posicionadas no centro. Ademais, o uso de lonas, conforme elaborado pelos criadores do projeto, cria um paralelo com o caráter não permanente de uma feira livre, visto que, lonas são tradicionalmente utilizadas para abrigos provisórios de naturezas diversas.

A intervenção na "Feira do Quatro" integra um conjunto de outras ações presentes no Plano Diretor Urbano, que visa reorganizar a cidade, antes considerada predominantemente como uma cidade-dormitório, onde a produção do espaço era definida por uma abordagem permissiva (Meia Dois Nove, 2014).

A disposição e organização dos pontos de venda e serviços na feira foram pensadas de forma a garantir uma circulação livre e acesso equitativo a todos os caixas e bancos. Dois grandes corredores atravessam a feira, desempenhando o papel dos principais acessos, ligando o lado paralelo à Avenida Arterial 18 às áreas adjacentes às travessas SN-23 e WE-59. Esses corredores estruturam a localização dos estabelecimentos comerciais e, ao se encontrarem no centro do pavilhão, formam a praça de descanso mencionada anteriormente, que conta com bancos de

concreto, podemos perceber essa circulação de forma mais ilustrativa ao analisarmos a planta baixa da Figura 18.

Figura 18 - Planta baixa da Feira da Cidade



Fonte: Archdaily, 2023

Com relação à distribuição dos pontos de vendas e serviços, a organização foi dividida em três setores: os boxes fechados foram feitos com abertura tanto para fora como para dentro da feira, facilitando a circulação no espaço. Os boxes abertos, especialmente os de vendas de peixe, foram centralizados no complexo consoante a grande circulação de compradores destes produtos. Por fim, as demais vendas foram espalhadas de forma setorizada, de acordo com a afinidade entre os produtos ali comercializados (Meia Dois Nove, 2014). A Figura 19 ilustra como ficou a funcionalidade de algumas das bancas.

Figura 19 - Bancas da Feira da Cidade



Fonte: Archdaily, 2023

A decisão da Prefeitura Municipal de Ananindeua de realocar a "Feira do Quatro" tinha como maior objetivo que a execução da obra estabelecesse um padrão elevado de qualidade para as construções oficiais, servindo como um exemplo a ser seguido. Objetivava desobstruir as ruas, reduzir o comércio informal e fornecer à cidade uma estrutura urbana eficaz instalada em um edifício bem concebido para o seu propósito final, como mostra a Figura 20.

Figura 20 - Vista da Feira da Cidade ao nível dos olhos



Fonte: Archdaily, 2023

3.2 Quadro síntese de estratégias projetuais

O projeto urbanístico desenvolvido no âmbito deste trabalho visa obter inspiração a partir das características, soluções projetuais e estratégias sustentáveis identificadas nos estudos de caso.

Nesse contexto, o Quadro 03 assume o papel de apresentar um resumo elucidativo dos principais elementos que serviram como fonte de inspiração em cada um desses projetos. A intenção é assimilar as boas práticas e inovações aplicadas nesses contextos específicos, incorporando-as de maneira adequada e adaptada ao cenário em análise. Este enfoque busca não apenas incorporar as lições aprendidas, mas também desenvolver propostas que estejam alinhadas com os princípios de sustentabilidade e requalificação, contribuindo para a construção de um ambiente urbano mais integrado, eficiente e socialmente responsável.

Quadro 03 - Pontos de inspiração

Feirinha Beira-Mar	Presença de mobiliários urbanos
	Preocupação com aspectos climáticos
	Cobertura com lona tensionada
	Pré- dimensionamento das bancas
	Uso do entorno como partido arquitetônico
	Iluminação cênica
Concurso Requalificação Feira de Campina Grande - Proposta 2º lugar	Uso de materiais sustentáveis
	Peças de concreto oriundo da reciclagem dos resíduos da obra
	Uso de telha ecológica
	Inserção de torres de caixa d'água
	Bancas com dimensões modulares
	Uso de placas fotovoltaicas
	Inserção de espaço para depósito
Feira da Cidade	Estratégia de sombreamento marcante
	Cobertura independente
	Praça de descanso (ambiente de permanência)
	Preocupação com o conforto ambiental
	Circulação cruzada de acesso para bancas
	Mais de uma tipologia de bancas

Fonte: Autoria própria (2024)

4. A CIDADE QUE NASCEU NAS MARGENS DO RIO DAS ONÇAS

Neste capítulo, examinamos o contexto urbano da região em estudo, explorando inicialmente o desenvolvimento histórico de seu ambiente construído. Em seguida, são apresentadas informações relacionadas ao seu perfil socioeconômico, levantamento dos principais comércios, aspectos culturais, e aspectos bioclimáticos. Posteriormente, realizou-se a análise morfológica por meio de mapas temáticos, e por fim, descreveu-se a área de estudo e os questionários aplicados com a comunidade para fundamentar o projeto.

Localizada no interior do sertão nordestino, mais especificamente na microrregião do Baixo Jaguaribe, o município de Limoeiro do Norte, caracteriza-se por um vale formado geograficamente às margens do rio Jaguaribe, circundado por chapadas e serras. Localizado no extremo Leste do Ceará, fazendo divisão com o estado do Rio Grande do Norte, o município faz fronteira ao norte com Quixeré e Russas, a oeste com Morada Nova e ao sul com Tabuleiro do Norte e São João do Jaguaribe.

Em virtude do dinâmico cenário comercial e da vanguarda em serviços públicos e privados, especialmente nas áreas de educação e saúde, o município emergiu como um importante centro na região. Sua reputação foi forjada não apenas por suas belezas naturais, mas também pelo pioneirismo em setores religiosos, educacionais e esportivos, conferindo-lhe o afetuoso título de "Princesinha do Vale".

4.1 A história de Limoeiro do Norte/CE

A complexidade do espaço geográfico nordestino tem aumentado devido ao processo de ocupação das áreas semiáridas e às relações socioespaciais desenvolvidas ao longo da evolução dos sistemas produtivos. O município de Limoeiro do Norte, em particular, apresenta um contexto significativo nesse cenário. Este tópico tem como ponto de partida a compreensão das circunstâncias que contribuíram para o desenvolvimento deste município. O município viu seu desenvolvimento fundamentado em eventos cruciais, especialmente aqueles ligados ao processo de colonização do Vale do Jaguaribe.

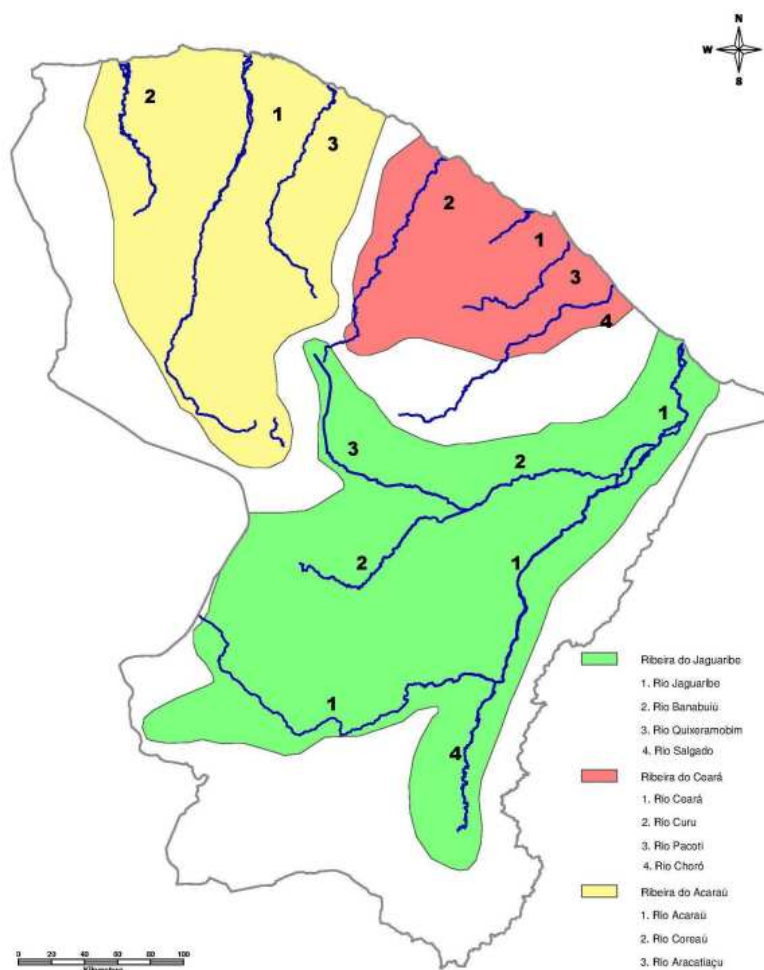
De acordo com Araújo (2003, p. 42) a história da formação do Baixo Jaguaribe está intrinsecamente ligada à expansão da pecuária no interior da Capitania do Siará-Grande. Os conflitos com as comunidades indígenas locais, a ocupação de terras para a criação de gado e as prosperidades resultantes da exploração agrícola e extrativa moldaram os diversos povoados que, posteriormente, evoluíram para os treze municípios que compõem a região.

Segundo Rolim (2012, p. 42) o território da capitania do Siará Grande era dividido em três grandes regiões, que compreendiam as principais ribeiras do sertão. Essas áreas tinham a maior

concentração de colonizadores, embora não fosse uma divisão oficial. No Figura 21, ilustrada por um mapa, podemos ver que a ribeira do rio Ceará, ao norte da capitania e no centro do litoral, era a menor em extensão. Nessa região, foram fundadas as duas primeiras vilas da capitania (São José de Ribamar do Aquiraz, em 1700, e Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, em 1726), além de três importantes "vilas de índios" durante o período pombalino (Messejana, Soure e Arronches).

A segunda maior ribeira era a do Acaraú, onde os rios mais importantes eram Acaracu, Coreau e Aracatiaçu. Essa região se destacava pela criação de gado e pela relação próxima com a vizinha capitania do Piauí. Havia notícias vagas sobre a existência de oficinas de carnes secas no porto do Camocim. No entanto, a ribeira do Jaguaribe era a mais relevante na historiografia. Esse rio, com cerca de 550 quilômetros de extensão, nasce na serra da Joanhina, nos Inhamuns, no sudoeste da capitania, e deságua próximo à vila de Santa Cruz do Aracati, no extremo nordeste do Siará Grande. O Jaguaribe contava com importantes afluentes, como o Banabuiú, Salgado, Quixeramobim, Figueiredo, Rio dos Porcos, Riacho do Sangue, Quixelô, entre outros (Rolim, 2012, p. 42).

Figura 21 - Ribeiras do Siará Grande e seus principais rios

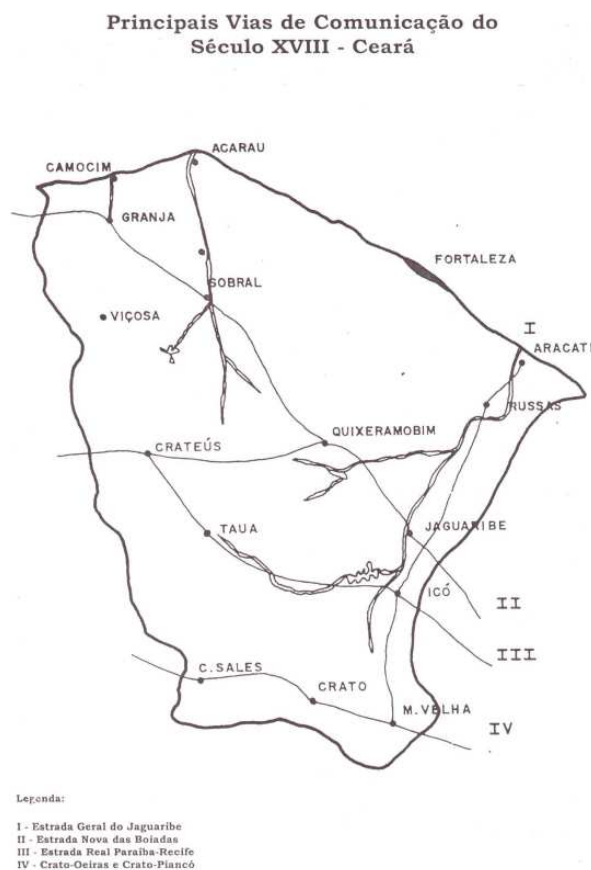


Fonte: Nogueira, 2010

Segundo o IBGE (2009) o processo de povoamento de Limoeiro do Norte teve início em 1687, quando o sargento-mor João de Souza Vasconcelos chegou da região do Sertão do São Francisco para a ribeira do Jaguaribe. Após enfrentar constantes conflitos com os índios paiacus, estabeleceu-se no sítio São João das Vargens, que logo se transformou em um arraial desenvolvido. A construção teve início em terras adquiridas de Bonifácio José Carneiro e Joaquim da Costa Barros, anteriormente pertencentes ao Padre Vicente e seus irmãos.

O núcleo inicial de Limoeiro do Norte, originado no final do século XVIII, surgiu como resultado de um desenvolvimento espacial durante a apropriação do Vale do Jaguaribe, impulsionado pelas atividades agrícolas. Esse núcleo, de fato, cresceu associado ao ambiente rural, onde se erguiam como residências dos principais proprietários de terras, que desempenharam um papel crucial no subsequente desenvolvimento da cidade. A Figura 22 ilustra as estradas do Ceará no século XVIII, é possível observar que uma delas atravessava a atual localidade de Limoeiro do Norte, contribuindo significativamente para o crescimento inicial e subsequente urbanização. A ampliação das relações comerciais com Icó e Aracati, que foram elevadas à condição de cidade em 1842, desempenhou um papel fundamental no processo de formação de Limoeiro, dado que esses centros urbanos eram os principais pólos regionais da época (Araújo, 2003, p. 44).

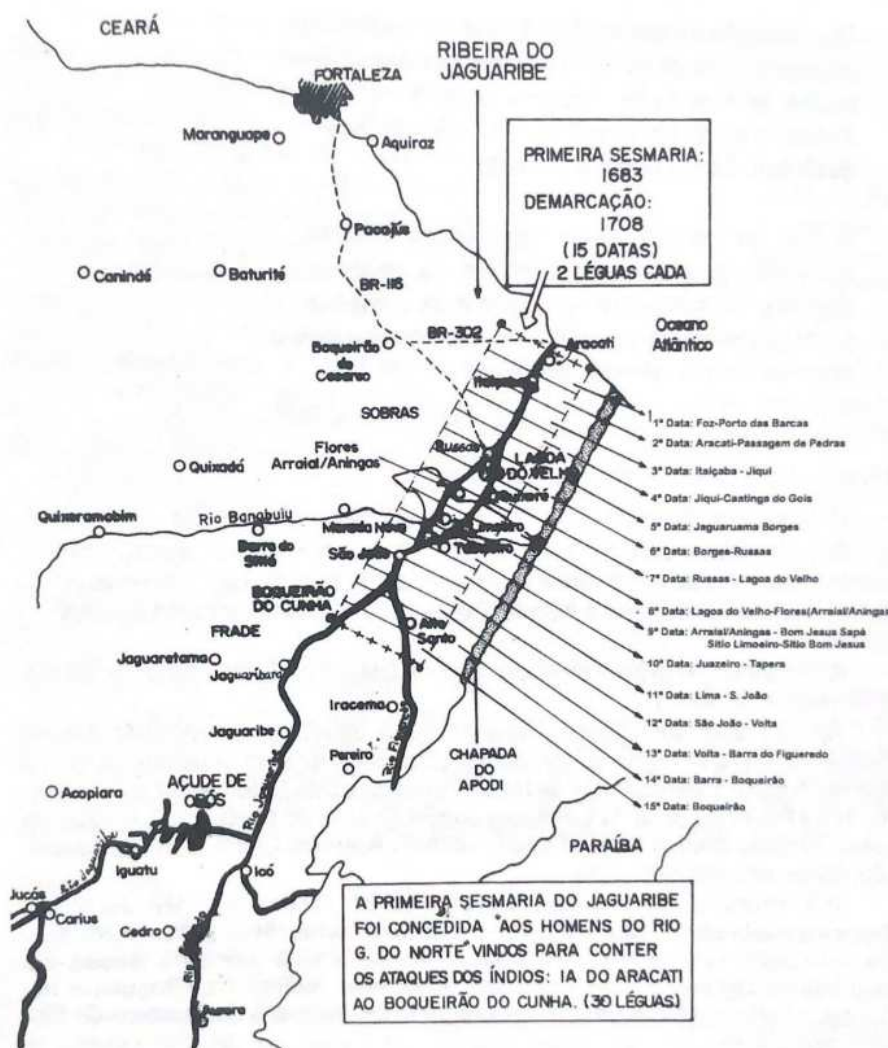
Figura 22 - Estradas do Ceará no Século XVIII



Fonte: Francisco José Pinheiro, 1999

De acordo com Lima (1997, p.110), outro momento significativo na ocupação de Limoeiro do Norte ocorreu com a concessão da Sesmaria do Jaguaribe, quando o Vale do Jaguaribe foi efetivamente ocupado. A primeira concessão foi destinada a Manuel Abreu Soares e seus associados em 1681. E a sétima foi de Gregório Gracismão, iniciada em 1707. A distribuição das sesmarias seguiu uma direção das áreas costeiras em direção ao interior, acompanhando o curso do rio Jaguaribe. Essas concessões foram organizadas em parcelas que se estendiam perpendicularmente às margens do rio, conforme ilustrado na Figura 23.

Figura 23 - Sesmaria do Vale do Jaguaribe



Fonte: Lima, 1996

A história de Limoeiro do Norte é uma jornada que se inicia de um simples sítio, transformando-se em fazenda, evoluindo para distrito e, finalmente, alcançando o status de município, sendo hoje um dos mais prósperos na ribeira do rio das Onças. A cidade tem uma conexão profunda com o Rio Jaguaribe, que se estende por quase oito quilômetros. Localizada em um terreno aluvial com água próxima à superfície, Limoeiro é circundado por florestas de

carnaubais e está a poucos quilômetros da chapada do Apodi, rica em lagoas temporárias. Heródoto, o historiador grego que considerava o Egito um presente do Nilo, pode-se afirmar, de maneira um tanto tosca, que Limoeiro é um presente do Jaguaribe, experimentando ao longo dos séculos as flutuações do seu fluxo majestoso (Lima, 1997, p. 57).

Segundo Lima (1997, p.71-75) no final do século XIX, a paisagem regional era marcada pela criação de gado na Chapada do Apodi, cultivo agrícola no vale, especialmente nas várzeas do rio, extração de palha de carnaúba, produção de farinha de mandioca e colheita de feijão. A rotina diária era complementada por feiras aos sábados e missas aos domingos.

Nos primeiros anos da metade inicial do século XX, as relações comerciais que tiveram início com o processo de ocupação do espaço evoluíram significativamente devido à atividade extrativa da cera de carnaúba. Essa atividade atingiu um preço considerado bastante favorável para a época, resultando em impactos significativos na comunidade limoeirense. Isso se deu através da acumulação de capital financeiro, resultante da valorização da cera de carnaúba, abundante no município, conforme apontado por Lima (1997, p.228). Com o desenvolvimento da atividade extrativa da carnaúba, Limoeiro do Norte experimentou um avanço notável, emergindo como um dos núcleos urbanos mais desenvolvidos em termos de funções urbanas.

No início do século XIX, o núcleo urbano de Limoeiro do Norte era composto por algumas residências, além da sede da fazenda pertencente a Rodrigues, uma das famílias proprietárias de terras mais importantes na região. Em 1830, Bonifácio José Carneiro, vindo de União (atual Jaguaruana), chegou a Limoeiro com o propósito de ensinar técnicas de cultivo de algodão, possivelmente inaugurando o primeiro estabelecimento comercial. Dessa forma, a cultura do algodão foi introduzida no município de Limoeiro do Norte, competindo com a atividade peculiar que já se desenvolveu na região (Araújo, 2003, p. 47).

A vila foi elevada à condição de cidade pela Lei nº 364, de 30 de agosto de 1897, data que marca o aniversário da cidade. Situado na área aluvial da barragem do rio Jaguaribe, o sítio urbano é marcado por uma topografia plana, favorecendo a expansão urbana sem a presença de barreiras físicas. O plano urbano exibe um padrão de traçado ortogonal e paralelo.

Nesse contexto, a configuração do município de Limoeiro do Norte está intrinsecamente relacionada à existência de um núcleo urbano que se expandiu em virtude do desenvolvimento de atividades agrícolas, comerciais e de serviços. A Capela de Nossa Senhora da Conceição, atual catedral, frequentemente desempenhou um papel central na organização do espaço urbano. Portanto, é possível compreender a interligação entre o evento histórico abordado e seu impacto na estrutura física que a cidade adquiriu, evidenciado pela presença de suas construções históricas.

4.2 Perfil socioeconômico local e principais comércios

O município de Limoeiro do Norte, localizado no Ceará, está inserido na mesorregião jaguaribana e na microrregião do Baixo Jaguaribe, com uma distância de 198 km da capital do estado, Fortaleza. Sua extensão territorial é de aproximadamente 751,8 km² e sua população é de 59.560 habitantes, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Limoeiro devido seu panorama socioeconômico é considerado município polo para região, fazendo vizinhança com Quixeré, Tabuleiro do Norte e Morada Nova. Com relação a suas coordenadas geográficas, tem-se como latitude 5° 8' 56" sul e longitude: 38° 5' 52" oeste. A região possui um clima classificado como Tropical Quente Semiárido e sua altitude é de 70 metros em relação ao nível do mar, dados disponíveis no site da Prefeitura do município.

Quanto à vegetação, predomina a caatinga arbustiva densa, com algumas áreas mais arborizadas e espinhosas, além de vegetação de mata ciliar, onde se destacam espécies como carnaúba e oiticica. No que diz respeito à sua hidrografia e aos recursos hídricos, Limoeiro do Norte está vinculado principalmente às bacias dos rios Jaguaribe e Banabuiú. O município possui uma diversidade de açudes e barragens, destacando-se a Barragem das Pedrinhas como um notável ponto turístico.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui uma densidade demográfica de 80 hab/km². Com relação ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) tem-se uma grande evolução, como mostra o gráfico da Figura 24, no ano de 1991 o município apresentava 0,433, já em 2010 essa taxa passou a ser 0,682. Simultaneamente, o Índice de Desenvolvimento Social de Oferta (IDS-O) de acordo com o IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará) que considera condições de saúde, educação, habitação, é de 0,827, preenchendo a 9º posição do ranking estadual.

Figura 24 - Índice de Desenvolvimento Humano



Fonte: IBGE, 2010

Nos últimos anos, Limoeiro do Norte teve um crescimento significativo com relação ao seu PIB per capita ficando entre os 13 maiores PIBs do Ceará, de acordo com IBGE e IPECE. No ano de 2020 o valor era de 20.414,96 reais, enquanto em 2010 o valor era de 8.986,66, valor este duplicou no intervalo de 10 anos. No tocante a população de extrema pobreza, no ano de 2010, o rendimento domiciliar per capita mensal era de até 70 reais, registrando o número de 5.897 nessas condições, sendo 2.724 residentes da região urbana e 3.173 da rural.

No que tange à saúde do município, a quantidade de unidades de saúde públicas ou prestadoras de serviços ao Sistema Único de Saúde (SUS) totaliza 40, de acordo com informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Saúde (SESA) em 2021. Durante o período pandêmico, que teve início em 2020, Limoeiro do Norte apresentou um desempenho notável, incorporando dez novos leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) destinados ao tratamento de pacientes com Covid-19. Os serviços nesse âmbito são tradicionalmente disponibilizados por meio dos Postos de Saúde da Família (PSF) e do Hospital Dr. Deoclécio Lima Verde (HDLV – SESP), sob a gestão da prefeitura local, além do Hospital Maternidade São Raimundo, mantido pela Sociedade Beneficente São Camilo, a Policlínica Regional e o Hospital Geral do Vale do Jaguaribe (HGVJ), inaugurado em 2017.

No aspecto educacional, Limoeiro do Norte apresenta uma taxa de escolarização de 98% entre crianças de 6 a 14 anos, com o número de 28 escolas com ensino fundamental e 6 escolas com ensino médio. Além disso, também se faz presente na região instituições de ensino superior, desde faculdades estaduais, como a UECE (Universidade Estadual do Ceará), até faculdades particulares. A respeito da infraestrutura urbana, a cidade possui 14,91 km² de área urbanizada, o esgotamento sanitário é de 20,9% e a arborização das vias públicas é de 96,4%. No tocante à energia elétrica (fornecida pela Enel⁹), 99,44% das residências particulares possuem, por outro lado apenas 81,84% tem acesso a coleta de lixo.

O Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades do Brasil (IDSC-BR) proporciona uma visão abrangente e integrada das cidades brasileiras em relação a cada um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Essa ferramenta é projetada para incentivar o cumprimento da Agenda 2030 e oferece uma oportunidade para as cidades se alinharem com a agenda global de desenvolvimento sustentável mais avançada. Devido ao IDSC-BR, o Brasil é o único país do mundo que monitora os desafios e progressos de todas as suas cidades em relação à Agenda 2030. A Figura 25 ilustra os índices relacionados à cidade de Limoeiro do Norte. Observa-se que o município alcança um nível médio em termos de abordagens sustentáveis, embora apresente um desempenho muito baixo em alguns objetivos.

⁹ Enel, originalmente significa Ente nazionale per l'energia elétrica (Entidade Nacional de Eletricidade)

Figura 25 - Nível de Desenvolvimento Sustentável de Limoeiro



Fonte: IDSC - BR, 2024

Outro aspecto de notável relevância para a economia de Limoeiro do Norte é a diversidade e amplitude das opções comerciais disponíveis. Este fator faz com que a cidade receba visitantes todos os dias com a finalidade de compra e venda de diversos produtos. A prática comercial não só ajuda na economia da cidade, como também melhora a qualidade de vida de alguns moradores que usam desse meio para ter uma renda e à vista disso uma melhor qualidade de vida. Abaixo a Figura 26 apresenta as maiores redes mercantis privadas da cidade e que influencia diretamente a rotina dos que ali habitam, e na geração de emprego para a cidade.

Figura 26 - Redes de supermercados em Limoeiro do Norte



Fonte: Autoria própria, 2023

A Figura 27 destaca os principais estabelecimentos comerciais informais da região, os quais exercem impacto específico na vida dos comerciantes e dos consumidores e a Figura 28 ilustra suas localizações. Em virtude da reestruturação do Mercado Central, Limoeiro do Norte agora abriga três feiras distintas. A primeira, popularmente conhecida como Feira Livre, engloba uma extensão de barracas que ocupam as ruas e o galpão destinado às verduras, ganhando

notoriedade, especialmente aos sábados. A segunda é a Feira da Nossa Gente, criada recentemente em decorrência da reforma do mercado; atualmente, a feira encontra-se na Praça do Praça Nossa Senhora da Assunção. Por último, há os vendedores informais que ocupam a Praça da Coluna da Hora, situada ao lado do Mercado Público.

Figura 27 - Feiras de Limoeiro do Norte



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 28 - Localização das Feiras de Limoeiro do Norte



Fonte: Autoria própria, 2023

Por último, a Figura 29 apresenta os mercados que integram a malha urbana da cidade e a Figura 30 suas localizações, nomeadamente Mercado da Carne, Mercado do Peixe e o Mercado

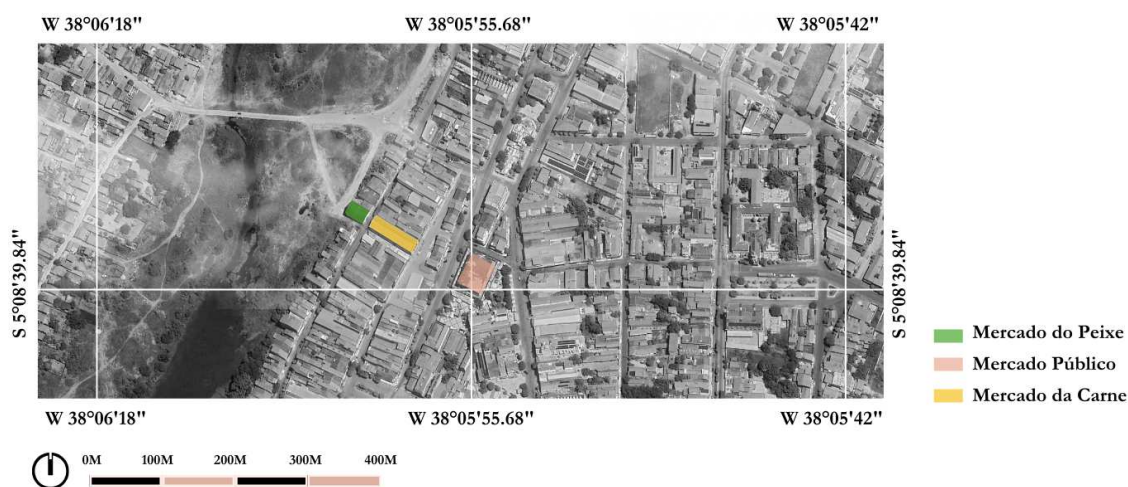
Público. Como mencionado anteriormente, o Mercado Público está atualmente passando por um processo de reestruturação, uma condição que também se aplica ao Mercado da Carne. Nessa perspectiva, o único entre eles que se encontra operacional no momento é o Mercado do Peixe, o que, em virtude dessas transformações, passou a acolher também os vendedores provenientes do Mercado da Carne.

Figura 29 - Mercados em Limoeiro do Norte



Fonte: Autoria própria, 2023

Figura 30 - Localização dos Mercados de Limoeiro do Norte



Fonte: Autoria própria, 2023

4.3 Aspectos culturais de Limoeiro do Norte/CE

Ao longo de sua trajetória, a cidade de Limoeiro do Norte moldou seus hábitos e tradições, concretizando suas conquistas e narrando relatos que, posteriormente, viriam a constituir a essência de sua identidade. A despeito da riqueza das heranças culturais, a cultura nem sempre recebeu a devida atenção e avaliação, sendo negligenciada como parte integrante de uma identidade social e um meio de transformação social. Essas dinâmicas se manifestaram de

maneira evidente na gestão da cultura ao longo dos anos, passando por períodos de valorização e declínio em relação às políticas públicas externas para esse setor (Costa, 2021, p.56).

Conforme destacado por Moura (2011), a Secretaria Municipal de Cultura, desde a sua criação em 1967, perpetuamente ocupou uma posição secundária, uma circunstância derivada de sua constante vinculação a outras secretarias.

“O que foi legislado sobre a cultura no final da década de 1960 e início dos anos 1970 no município se resumiram praticamente a lei que determinava desconto aos estudantes das escolas do município em eventos culturais e outras atividades de ordem esportiva e de lazer. Tal fato demonstra que a cultura não era encarada enquanto questão fundamental por parte do poder público municipal, não fazendo parte, portanto, do primeiro plano da agenda governamental da administração pública.” (Moura, 2011, p.62).

Uma parcela significativa das iniciativas culturais nesse período decorreu da promulgação de leis que estabeleceram a formação de entidades e conjuntos. Em 1979, a criação da Banda de Música Maestro José Robles foi oficializada por meio de uma lei municipal, persistindo ativa na cidade até os dias atuais. Por meio da Lei nº 488, datada de 19 de agosto de 1985, foi instaurado o Museu Histórico Cultural Limoeirense, destinado à preservação do patrimônio histórico e cultural municipal, e possibilita a contribuição de qualquer indivíduo para o seu acervo e manutenção.

Ao longo dos anos de 2000 a 2010, diversos empreendimentos foram implementados em benefício da cultura em Limoeiro, conferindo-lhe uma esfera de maior autonomia e visibilidade na gestão pública. Em 2005, foi implementado o Fórum Regional de Cultura e Turismo do Vale do Jaguaribe, um espaço de discussão sobre assuntos pertinentes à cultura na região, abordando as questões de acordo com a realidade local (Moura, 2011, p.75).

No ano de 2009, foi inaugurado o Centro Cultural Márcia Mendonça, nome social de uma artista plástica natural de Limoeiro do Norte, que ganhou grande reconhecimento por seu trabalho (Costa, 2021, p.57). Na gestão atual, do ano de 2021, de acordo com o secretário municipal de cultura, novas ações estão sendo realizadas em prol da cultura. Através da lei n. 2.176, de 06 de julho de 2020, foi instituído um novo sistema municipal de cultura “cuja finalidade é promover o desenvolvimento humano, social e econômico, com pleno exercício dos direitos culturais, tudo em conformidade com a Constituição da República Federativa do Brasil e a Lei Orgânica do Município” (Limoeiro do Norte, 2020).

Diante do exposto, torna-se evidente que adquirir conhecimento sobre as manifestações culturais existentes é crucial para estabelecer a cultura como um agente transformador na sociedade. Algumas dessas expressões são heranças de outras culturas, enquanto outras são genuinamente originárias da região. Dentre esses, destaca o Bumba Meu Boi Pai do Campo da Faceira, ilustrado na Figura 31. O Bumba meu boi, uma das danças mais emblemáticas do

folclore brasileiro, tem suas raízes em uma lenda popular que narra a morte e ressurreição de um boi. Essa tradição foi então transmitida de geração em geração até alcançar a comunidade da Faceira, em Limoeiro do Norte, onde, em 1980, foi fundado o Bumba Meu Boi Pai do Campo da Faceira por iniciativa do Mestre João Caboclo e Mestre Chico. O boi tornou-se um patrimônio da comunidade, sendo motivo de festas e encontros, consolidando-se como uma tradição (Mapa Cultural do Ceará, 2023).

Figura 31 - Apresentação Bumba Meu Boi do Campo da Faceira



Fonte: Mapa Cultural do Ceará, 2023

O município também conta com outras atividades culturais, como a cultura do barro, realizada por mulheres principalmente residentes da comunidade Córrego de Areia. A escultura em pedra também é uma atividade de destaque nas comunidades rurais da cidade. No tocante ao aspecto musical limoeiro conta com diversos repentistas, cantadores, e seresteiros, símbolos da cultura nordestina. Alguns acontecimentos destacam a rica cultura local, a exemplo da Expovale, que é a Exposição Agropecuária do Vale do Jaguaribe, e da FENERJ, que é a Feira de Negócios da Região Jaguaribana. Esses eventos têm como propósito impulsionar o empreendedorismo, capacitar os participantes e direcionar os produtos locais para os principais mercados. Além disso, durante essas ocasiões, são realizadas apresentações artístico-culturais, enriquecendo ainda mais a experiência dos participantes.

O Festival dos Sanfoneiros, embora realizado de maneira esporádica, é um evento cultural de notável relevância para a comunidade. Contando com a participação de artistas locais e de

outras regiões, o evento se adaptou ao cenário da pandemia de Covid-19 em 2021, realizando-se virtualmente. Outra manifestação cultural significativa na cidade é a renomada Feira do Livro, uma celebração que abrange diversos elementos, como shows, saraus, rodas de cordel, conversas temáticas e recitais poéticos. Assim como o Festival dos Sanfoneiros, a Feira do Livro ajustou-se às situações pandêmicas. O Encontro Mestre do Mundo, iniciado em 2005 pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT), propõe uma interação entre diversas culturas. Embora seja um evento estadual, Limoeiro do Norte já teve o privilégio de sediá-lo, marcando profundamente a população. Além desses eventos destacados, a cidade abraça diversas outras atividades culturais, como a Buchada da Adélia, Limofolia, Festival de Quadrilhas, entre outros, conforme ilustrado na Figura 32.

Figura 32 - Eventos Culturais de Limoeiro do Norte - CE



Fonte: Google Imagens, 2023

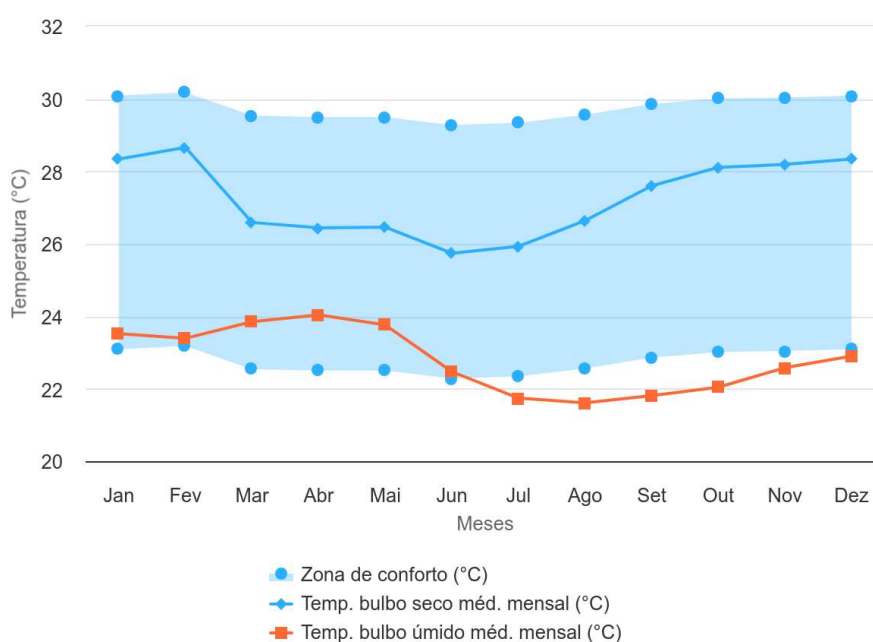
4.4 Aspectos bioclimáticos

Considerar os elementos climáticos no planejamento urbano é fundamental para criar ambientes que promovam o bem-estar das pessoas e melhorem sua qualidade de vida. Um aspecto crítico ao analisar o conforto térmico em uma área urbana é compreender o padrão climático da cidade e adaptar o ambiente urbano de acordo.

Para alcançar esse propósito consultou-se o site ProjeEEE, visto que, não havia informações disponíveis sobre a cidade de Limoeiro do Norte/CE, o município mais próximo com condições climáticas semelhantes é Jaguaruana, também situado no Ceará, aproximadamente a 75 km de distância. Com base nos dados fornecidos pelo laboratório de eficiência energética, foram analisados gráficos de temperatura, radiação, índice de chuva, rosa dos ventos e a carta solar. Em linhas gerais, é possível classificar o clima como quente e seco.

O gráfico de temperaturas (Figura 33) apresenta a temperatura média, máxima e mínima, bem como a faixa de conforto. Conforme os dados de bulbo seco, a temperatura mais alta registrada no município foi de 28,66 °C em fevereiro, enquanto a mais baixa foi de 25,74 °C em junho. Observa-se um aumento gradual da temperatura de junho a outubro, enquanto de novembro a maio ocorrem variações irregulares, com picos e quedas, embora todas as temperaturas permaneçam dentro da faixa de conforto ao longo do ano. Em relação à bulbo úmido, a temperatura mais alta foi de 24,04 °C em abril, e a mais baixa foi de 21,61 °C em agosto. Nos demais meses, há um aumento gradual da temperatura, mas entre maio e agosto ocorre uma diminuição, resultando em temperaturas fora da faixa de conforto durante metade do ano.

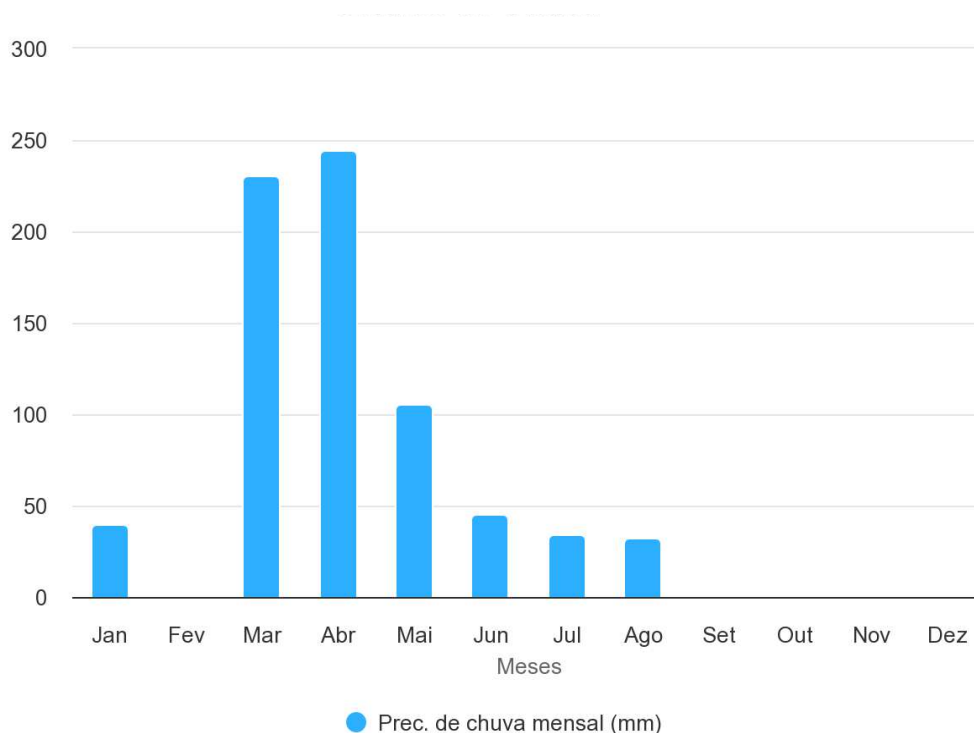
Figura 33 - Gráfico de temperatura e zona de conforto



Fonte: INMET apud ProjeEEE (2016)

O gráfico de chuva (Figura 34) apresenta a precipitação mensal em milímetros para o município durante o período chuvoso. É perceptível um aumento repentino na precipitação de janeiro a março, atingindo o pico de 244 mm em abril. Em seguida, de maio a agosto, os valores começam a diminuir gradualmente, diminuindo de 106 mm para 32 mm por mês. Nos meses de setembro a dezembro e fevereiro, os valores de precipitação são nulos, com uma leve elevação em janeiro, atingindo 40 mm. Diante desse cenário, a reutilização da água e a implementação de sistemas de coleta de água da chuva surgem como alternativas viáveis para lidar com a escassez de chuvas nos meses citados acima.

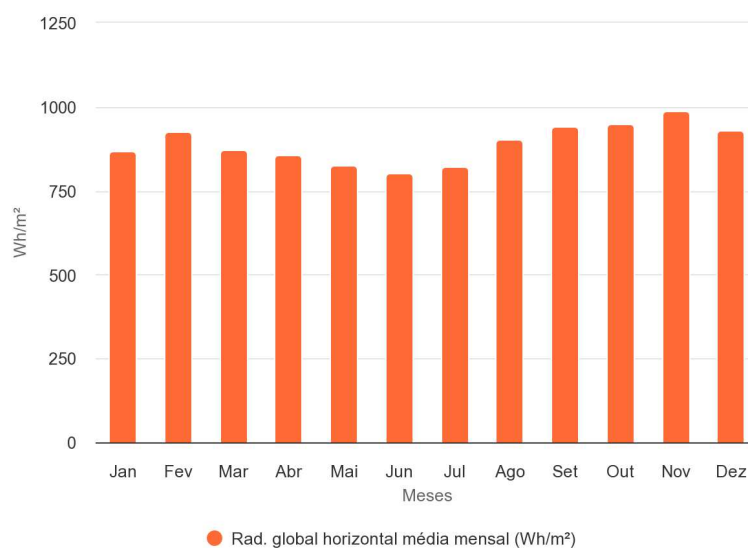
Figura 34 - Gráfico de chuva



Fonte: INMET apud ProjetEEE (2016)

Entender a trajetória do sol é essencial para gerenciar a incidência da radiação solar sobre o espaço. As estratégias para sombreamento, emprego de materiais isolantes e a proporção entre comprimento e largura estão diretamente relacionados ao entendimento da trajetória solar sobre a estrutura. Os dados registrados no gráfico de radiação média mensal (ver Figura 35) indicam que o mês com maior índice de radiação é novembro, com aproximadamente 986 Wh/m², sendo o menor em junho, com um pouco mais de 802 Wh/m². Nos meses compreendidos pelo segundo e terceiro trimestre do ano, há uma redução nos valores de radiação solar, mantendo-se baixos de maio a julho. A partir de agosto até novembro, a incidência mensal começa a aumentar gradualmente, sendo notório neste gráfico que não há variações abruptas ou aumentos significativos de um mês para o outro.

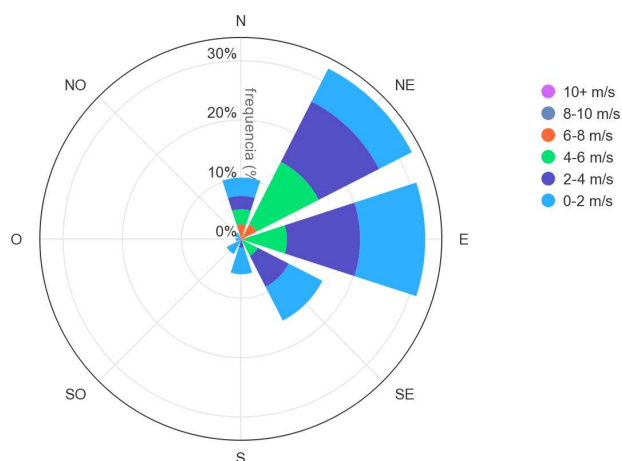
Figura 35 - Gráfico de radiação média mensal



Fonte: INMET apud ProjetEEE (2016)

Ao elaborar um projeto, é essencial levar em conta a interação entre a direção dos ventos e a ocorrência de chuvas. A Figura 36 exibe um gráfico de Rosa dos Ventos, fornecendo dados sobre a velocidade, frequência e direção predominante dos ventos. É notável que a direção mais comum dos ventos é a Nordeste, e a velocidade predominante média é indicada como sendo de 4-6 m/s.

Figura 36 - Gráfico Rosa dos Ventos

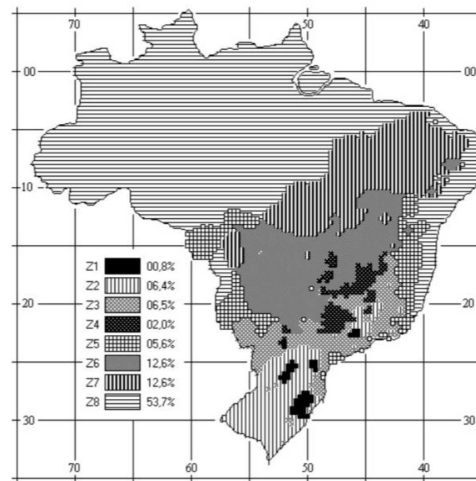


Fonte: INMET apud ProjetEEE (2016)

A norma NBR 15220-3 (ABNT, 2005) estabelece diretrizes específicas para habitações de interesse social no Brasil, oferecendo recomendações e técnicas de construção. Conforme essa norma, o município em análise está situado na zona bioclimática 7, como indicado na Figura 37, caracterizada por temperaturas elevadas e baixa umidade do ar. As diretrizes preconizam que as aberturas destinadas à ventilação devem ser pequenas e protegidas da luz solar direta,

promovendo uma ventilação seletiva que, nos períodos quentes, resulte em temperaturas internas superiores às externas

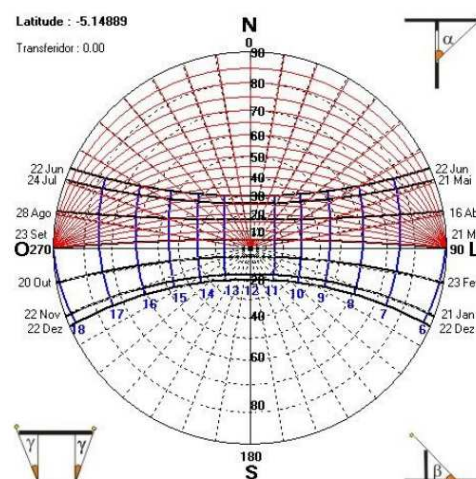
Figura 37 - Mapa das zonas bioclimáticas



Fonte: NBR 15220, 2005

Por meio do software SOL-AR e considerando as coordenadas geográficas de longitude (-38.0977) e latitude (-5.14889), foi gerada uma representação visual da trajetória solar para o município, conforme ilustrado na Figura 38. Durante o solstício de inverno, ocorrido em 22 de junho, é observado que o sol nasce por volta das 6:15 horas e se põe às 17:40 horas, marcando o dia mais curto do ano. Já durante o solstício de verão, em 22 de dezembro, o sol nasce às 5:50 horas e se põe por volta das 18:10 horas, representando o dia mais longo do ano. A análise revela que os dias mais longos coincidem com o solstício de verão, proporcionando uma maior exposição à luz solar, enquanto os dias mais curtos, próximos ao solstício de inverno, têm menos horas de luz solar.

Figura 38 - Carta Solar de Limoeiro do Norte/CE



Fonte: SOL-AR, 2023

4.5 Mapas temáticos

Esmiuçando a palavra morfologia, tem-se que *morpho*, de origem grega, significa forma, aparência, e *logia*, significa o estudo detalhado de alguma coisa. Logo, entende-se esta, como a análise e o estudo das formas urbanas, bem como, dos personagens e processos encarregados pela transformação (Rego e Meneguetti, 2011, p. 123-126). De acordo com Mascaró (2005, p. 37) o início do planejamento urbano reside na delimitação de avenidas, ruas e caminhos para pedestres, fundamentais para garantir a acessibilidade às diversas áreas do ambiente a ser organizado. As formas assumidas por essas avenidas, ruas e caminhos são diversas, influenciadas pela topografia, peculiaridades dos usuários e o propósito que os leva a percorrer essas vias.

Seguindo essa perspectiva, Del Rio (1990, p. 83) argumenta que o planejamento e parcelamento desempenham papéis cruciais na organização do espaço, na estrutura fundiária, nas relações interpessoais, nas distâncias e nos fluxos circulatórios. Conforme Sallem (2006, p. 3), a morfologia urbana engloba a análise das características físicas externas do ambiente urbano, abrangendo seus elementos visíveis, assim como a compreensão de como essas características são concebidas e modificadas ao longo do tempo.

É fundamental destacar, no entanto, que um estudo morfológico não se dedica à explicação do desenvolvimento urbano, isto é, aos processos sociais, econômicos e outros fatores que impulsionam o crescimento das áreas urbanas. Embora esses fatores contribuam para elucidar a formação das características urbanas, eles não constituem o foco central do estudo morfológico (Sallem, 2006, p. 3). A pesquisa subsequente se direciona para a investigação da forma física da porção urbana em análise, concentrando-se na região delimitada, inicialmente explorando seus mapas temáticos. Conforme mencionado por Del Rio (1990, p. 83), a disposição e subdivisão do terreno assumem uma função essencial na organização do espaço, delineando a estrutura de propriedade da terra, suas interconexões, distâncias, bem como as rotas de circulação e acessibilidade na área urbana.

A região de estudo no município de Limoeiro do Norte revela um crescimento que se manifestou de maneira diversificada. É notável uma disparidade no tamanho dos lotes, variando de pequenas e médias dimensões a grandes proporções, como evidenciado pelo terreno que abriga o galpão e os mercados. Além disso, enquanto algumas quadras exibem uma disposição regular e lógica na movimentação urbana, outras apresentam um desenvolvimento desordenado, especialmente à medida que se aproximam das margens do rio na zona oeste do mapa. Essa diversidade resulta da multiplicidade de usos dos terrenos na área e da ausência de um planejamento adequado que considere os aspectos do ordenamento urbano, conforme ilustrado no mapa de traçado e parcelamento do solo na Figura 39.

Figura 39 - Traçado e parcelamento do solo



Fonte: Adaptado pela Autora (2023), Google Earth

Através do mapa de cheios e vazios representa-se a concentração desta área urbana, onde é evidente a predominância de espaços preenchidos, ou seja, lotes com construções. O diagrama abaixo (ver Figura 40) ilustra a concentração inicial no centro da cidade, com uma predominância notável de espaços construídos ao redor da região de intervenção. No que diz respeito às áreas desocupadas, é possível identificá-las em locais destinados a equipamentos urbanos, como exemplificado pela Praça da Coluna da Hora na região central do mapa.

Figura 40 - Cheios e vazios



Fonte: Adaptado pela Autora (2023), Google Earth

Mediante a análise do mapa de uso do solo, retratado na Figura 41, observa-se que, devido à diversidade do solo na região, há uma expressiva ocupação voltada para atividades comerciais e mistas. Apesar desse cenário, a função residencial mantém sua predominância em larga escala. O quadro evidencia investimentos em empreendimentos comerciais, como a área da intervenção, lojas de móveis e grandes supermercados, juntamente com a presença de serviços prestados por instituições como a Caixa Econômica Federal, Correios, hotéis, entre outros. Além disso, é notável a existência de edificações destinadas a uso institucional, incluindo o Mercado Público e o Mercado do Peixe.

Figura 41 - Uso e ocupação do solo

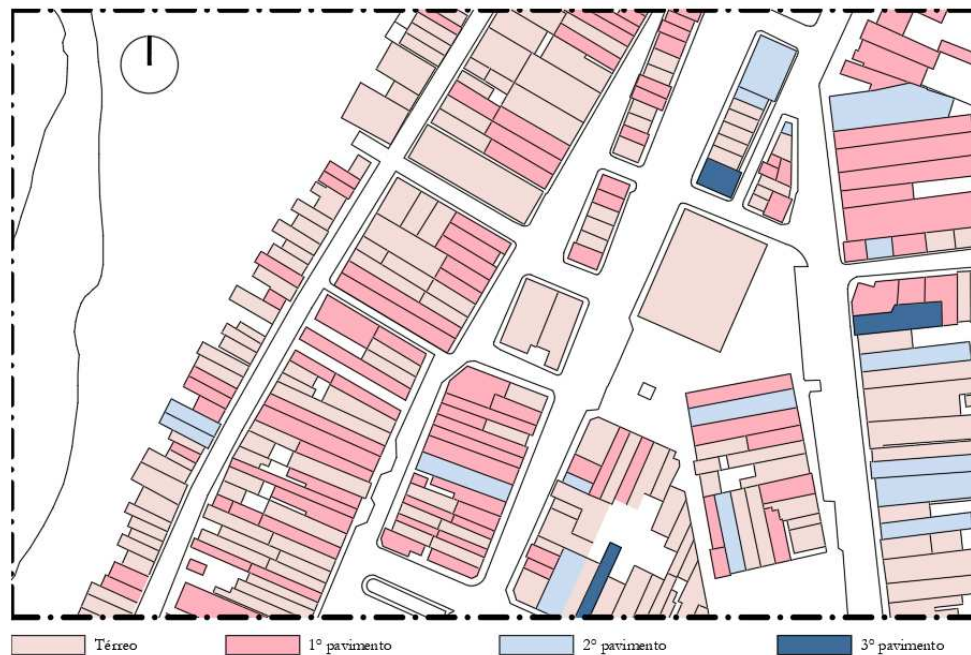


Fonte: Adaptado pela Autora (2023), Google Earth

A variedade de ocupações exerce influência na formação da paisagem urbana, conferindo-lhe diversidade, com zonas urbanas complexas, caracterizadas pela intercalação de edifícios com funções e alturas específicas, harmonizando-se com o ambiente natural já existente. Essa dinâmica é evidenciada pelo gabarito das edificações, conforme representado na Figura 42.

O mapa mostra a prevalência de construções térreas, embora também haja uma quantidade significativa de edifícios de um pavimento, e em seguida de dois e três pavimentos. Os Mercados se destacam ao apresentarem uma altura mais pronunciada. A diversidade, expressa pelas diferentes cores nos mapas, espelha a complexidade da estrutura urbana, revelando usos variados e alturas que indicam um padrão diversificado de ocupação do solo. Apesar disso, nota-se que ao analisarmos o mapa de uso e ocupação do solo junto ao de gabarito notamos que o uso residencial e as construções de baixa altura predominam, mesmo sendo uma área conhecida por abrigar a maior densidade comercial da cidade.

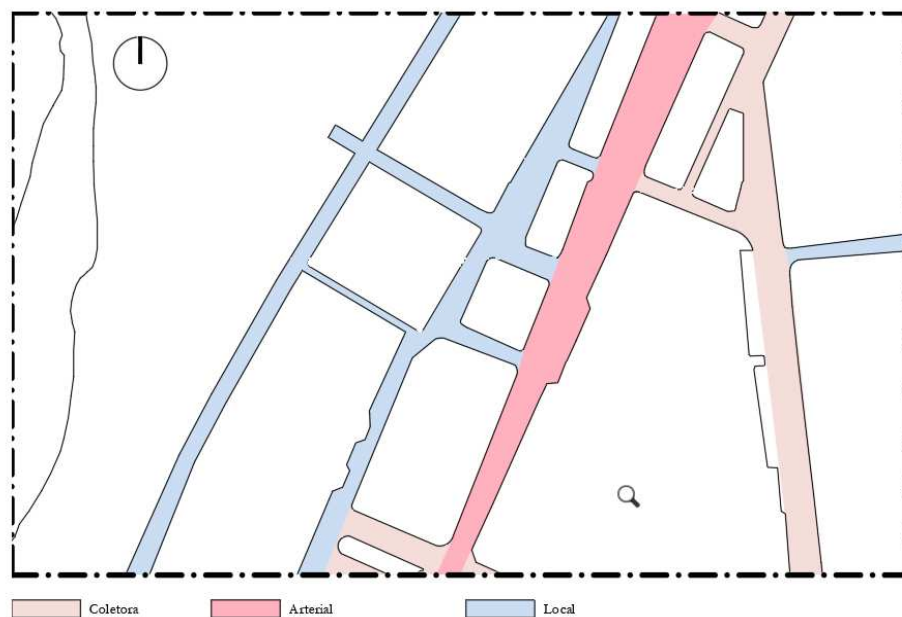
Figura 42 - Gabarito



Fonte: Adaptado pela Autora (2023), Google Earth

As vias urbanas, classificadas como sistema arterial principal, arterial secundário, coletoras e locais, exibem diferentes dimensões e padrões de conexão na estrutura das cidades. O layout urbano influencia essas variações, possibilitando ajustes na largura das vias conforme o volume de tráfego e o uso do solo (Mascaró e Yoshinaga, 2005, p. 69-70). O mapa destaca a presença proeminente da única via arterial, a Avenida Dom Aureliano Matos, seguida pelas ruas locais e coletoras. É notável que a área de intervenção é predominantemente circundada por ruas locais, conforme mostrado na Figura 43.

Figura 43 - Hierarquias de vias



Fonte: Adaptado pela Autora (2023), Google Earth

4.6 A Feira Livre e o Galpão das Verduras

A Feira Livre e o Galpão das Verduras encontram-se situados no centro da cidade de Limoeiro do Norte, ocupando as vias Cap. João Inês, Cel. Malveira, Falismo Maia, e a travessia Anísio Batista, conforme delineado na Figura 44. Registra-se escassez de informações sobre a evolução histórica da Feira Livre nesse recorte espacial, assim como sobre a construção do Galpão. Face a tal lacuna, recorreu-se a relatos orais como fonte primária para a compreensão desses aspectos.

Durante o processo de aplicação dos questionários, revelou-se de suma importância manter diálogos com os feirantes mais antigos que puderam contribuir valiosamente para a reconstrução de fragmentos da história local. Essa abordagem, ancorada na tradição oral, proporcionou uma perspectiva mais clara para a construção do projeto.

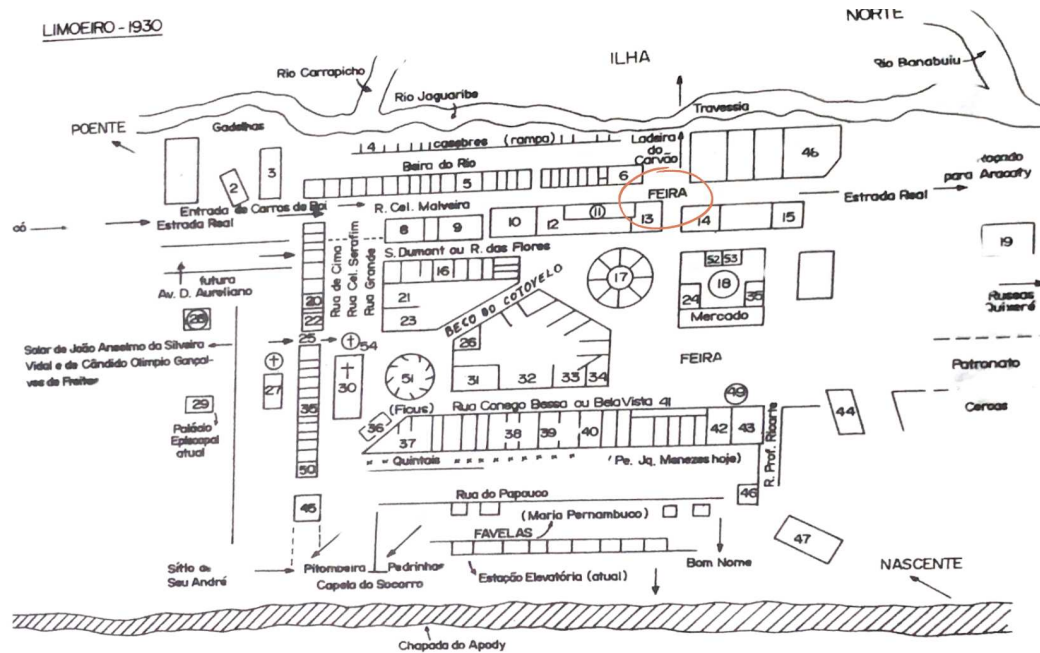
Figura 44 - Recorte espacial da Feira Livre e do Galpão das Verduras



Fonte: Adaptado pela Autora (2023), Google Earth

Os feirantes mais antigos afirmaram que a feira livre sempre operou na mesma localização, uma constatação que pode ser corroborada ao examinarmos o mapa retratado na Figura 45. Este mapa, elaborado por Lima (1996), ilustra a organização urbana de Limoeiro do Norte no ano de 1930, revelando a continuidade da feira no mesmo recorte espacial ao longo do tempo. De acordo com relatos, a feira inicialmente se estabeleceu sob imponentes e frondosos pés de tamarindo, situados onde hoje se ergue a Praça da Coluna da Hora, recorte esse que fica muito próximo ao espaço atual.

Figura 45 - Mapa Limoeiro do Norte em 1930



Fonte: Lima (1996)

Segundo antigos moradores ao término da década de 1970, foi construído o Mercado da Carne, conhecido popularmente por este designativo, seguido pela construção do Mercado do Peixe nos anos 1980, situado posteriormente ao mercado destinado à carne. Em 1986, este último mercado foi submetido a um processo de reforma. Atualmente, tanto o Mercado Público quanto o Mercado da Carne encontram-se em meio a um processo de reabilitação, circunstância que, lamentavelmente, impossibilitou a realização de um levantamento arquitetônico detalhado para ambos. Além disso, a obtenção dos projetos correspondentes não pôde ser efetuada por meio da Prefeitura de Limoeiro do Norte.

Não tem-se registro da data de construção do "galpão das verduras", entretanto, sua localização está próxima ao Mercado da Carne e da Feira Livre. Este espaço, conforme sugere a própria designação, serve como local de comercialização de frutas, hortaliças, legumes, grãos, produtos regionais e outros, muitas vezes incluindo itens comuns ao contexto cultural local. Operando durante toda a semana, no período da manhã, o galpão oferece aos consumidores a conveniência de adquirir esses gêneros sem a necessidade de aguardar até o sábado.

Ao dialogarmos com alguns feirantes presentes no galpão, constatou-se que muitos deles alegaram ter efetuado o cadastro de suas atividades comerciais na Prefeitura. Diante disso, buscou-se acesso a esses registros junto ao órgão competente, identificando, contudo, apenas 42 feirantes cadastrados. No entanto, um levantamento in loco revelou a presença de 56 feirantes, indicando uma discrepância entre os registros oficiais e a realidade observada no espaço físico.

Com base nas tipologias de feiras apresentadas no Quadro 02 (localizado no segundo capítulo item 2.4) procedeu-se à elaboração do Quadro 04, com o propósito de classificar a feira atual objeto de estudo. Este processo visou oferecer uma categorização específica e detalhada, considerando os elementos distintivos e as características essenciais que singularizam a feira em análise. A criação deste novo quadro se mostra imprescindível para uma compreensão aprofundada das dinâmicas e peculiaridades da feira em questão, permitindo uma análise mais refinada e contextualizada das suas dimensões e funcionalidades.

Quadro 04 - Tipologia das feiras e classificação da feira de Limoeiro do Norte

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	FEIRA DE LIMOEIRO DO NORTE
Origem	Naturais (surgiram espontaneamente) ou planejadas (criadas ou organizadas pelo poder público ou privado).	Naturais
Acesso	Públicas (entrada livre e gratuita) ou privadas (acesso controlado e pago).	Pública
Finalidade	Feiras de revenda (onde os compradores adquirem produtos para revenda) ou feiras de negócio para consumo final (onde os compradores são empresas que adquirem produtos para serem consumidos pelas próprias empresas) e de retalho (onde o comprador é o consumidor final).	Retalho
Tempo	Diárias, semanais, mensais ou anuais.	Diárias
Espaço	Feiras locais (os frequentadores moram no entorno da feira); feiras regionais (apresentam frequentadores de outras cidades da mesorregião onde se encontra); feiras nacionais (apresentam frequentadores de vários lugares do país); feiras internacionais (apresentam frequentadores estrangeiros).	Regional
Público-alvo	Feiras de público específico (ex. feiras de profissões, de antiguidades, de imóveis, de noivas, etc.) e de interesse geral (dirigidas a interesses mais genéricos).	Interesse geral

Fonte: Adaptado pela Autora (2024), baseado em Chapman (1987) apud Bernardino (2015)

A realização do levantamento fotográfico da área em estudo é de extrema importância para o diagnóstico abrangente, fornecendo uma análise visual que esclarece a dinâmica espacial da região. A Figura 46, apresentada, expõe a maneira como diversos elementos cruciais se organizam na área, além de evidenciar algumas das problemáticas existentes.

Nesta ilustração (Figura 46), é notável a falta de padronização das bancas, misturando-se bancas fixas e desmontáveis; com cobertura de lona, com cobertura de telha, sem cobertura, com guarda sol; com estrutura metálica e estrutura de madeira; entre outros, e destaca-se também a despadronização de acordo com o produto de venda, ou seja, as bancas que vendem produtos similares não apresentam um padrão de semelhança. Outro aspecto saliente é a ausência de arborização e espaços de permanência, fatores que contribuem para desestimular a população a usufruir desse tipo de comércio. Esse cenário se torna mais significativo, uma vez que a cidade

dispõe de outras opções mercantilistas que oferecem maior conforto, influenciando diretamente no apelo e na atratividade da feira em questão. A análise fotográfica, portanto, não apenas documenta as características visuais, mas também lança luz sobre os desafios e oportunidades que podem orientar a proposta de requalificação urbana.

Figura 46: Feira Livre e o Galpão das Verduras



Fonte: Autoria própria (2024)

As barracas situadas no Galpão das Verduras igualmente compartilham das mesmas problemáticas, notadamente a despadronização e a presença de estruturas precárias. Além disso, a cobertura do galpão apresenta inúmeros déficits, resultando em vulnerabilidades significativas. Durante períodos chuvosos, as barracas são frequentemente alagadas, comprometendo o funcionamento e prejudicando a durabilidade dos alimentos e da própria estrutura da banca (ver Figura 47).

Figura 47 - Galpão das Verduras



Fonte: Autoria própria (2024)

A deterioração da estrutura da coberta é agravada pela presença generalizada de ferrugem nas partes de ferro, juntamente com uma extensa exposição de fiação inadequada. Esses fatores

não apenas comprometem a integridade estrutural do espaço, mas também aumentam os riscos de segurança para os feirantes e frequentadores. Adicionalmente, a falta de conforto térmico no ambiente também foi destacada como uma questão relevante (ver Figura 48).

Figura 48 - Galpão das Verduras



Fonte: Autoria própria (2024)

Os feirantes mais antigos lamentaram o aparente descaso da prefeitura em relação ao Galpão das Verduras, observando que o local nunca recebeu uma reforma significativa para promover melhorias desde o início de suas operações. Este cenário reflete uma necessidade crítica de intervenção e investimento, a fim de atender às demandas de segurança, funcionalidade e conforto dos envolvidos.

No tocante à dinâmica operacional da feira, esta ocorre diariamente, com destaque significativo aos sábados, caracterizados por apresentações de música ao vivo e um aumento substancial no número de barracas e frequentadores (ver Figura 49). Durante o período da tarde e noite, as barracas permanecem nos seus locais, sendo cobertas apenas por lonas (ver Figura 50).

Figura 49 - Música ao vivo na Feira Livre



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 50 - Barracas no período da tarde



Fonte: Autoria própria (2024)

Alguns proprietários de barracas expressaram uma preocupação recorrente quanto à sensação de insegurança ao deixarem as estruturas montadas durante a noite. Em decorrência desse receio, alguns feirantes assumem o ônus de contratar serviços de segurança privada para realizar a vigilância durante o período noturno. Adicionalmente, outros, quando possível, optam por desmontar suas barracas e levá-las para casa, uma prática que também se relaciona à ausência de depósitos destinados ao armazenamento seguro das estruturas.

No que concerne às tipologias das bancas, carece de um padrão unificado, sendo uma prerrogativa individualizada para cada feirante, como patenteado nas imagens acima. Ademais, destaca-se a presença informal de alguns feirantes que recorrem ao uso de seus próprios veículos para conduzir suas atividades comerciais, conforme exemplificado na Figura 51.

Figura 51 - Vendas em veículos



Fonte: Autoria própria (2024)

4.7 Análise dos questionários com a comunidade

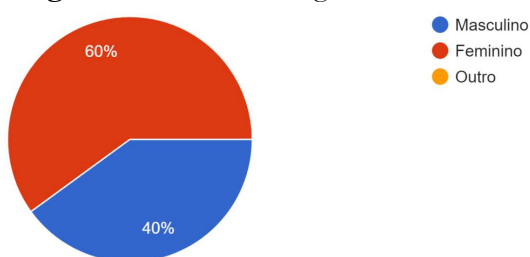
Devido à ausência de informações documentadas sobre a feira livre, a aplicação de questionários in loco revelou-se de suma importância. Tal abordagem permitiu uma aproximação direta e uma escuta atenta às queixas, problemáticas e narrativas dos frequentadores e feirantes do local. Ao todo, foram administrados cinquenta (50) questionários (20 para feirantes e 30 para usuários). Este número foi limitado em virtude do fato de que os feirantes operam apenas durante um turno diário, sendo que alguns trabalham exclusivamente aos sábados. Além disso, a necessidade de diálogo mais prolongado com os idosos, que compartilhavam histórias e enfrentavam desafios específicos na feira, também contribuiu para a deliberação mais demorada dos questionários.

Os questionários foram segmentados em duas categorias: um destinado à aplicação entre os feirantes e outro destinado aos usuários. Ambos os questionários compreendiam quatro seções distintas, abrangendo questões pessoais, relacionadas à feira livre, à qualidade ambiental e à satisfação com os espaços e produtos. Com o intuito de simplificar a análise dos dados adquiridos, foram elaborados gráficos (ver o Apêndices A e B).

4.7.1 Questionários com os feirantes

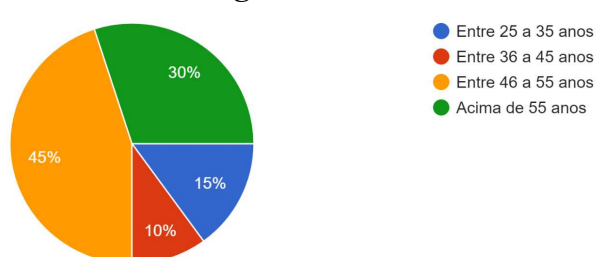
A análise dos percentuais das entrevistas expressou que 60% do público entrevistado é do gênero feminino, enquanto que 40% do masculino (ver Figura 52). Com relação à faixa etária, 15% possuem entre 25 a 35 anos, 10% entre 36 a 45 anos, 45% entre 46 a 55 anos e 30% acima de 55 anos (ver Figura 53).

Figura 52 - Gráfico de gêneros



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 53 - Gráfico de idade

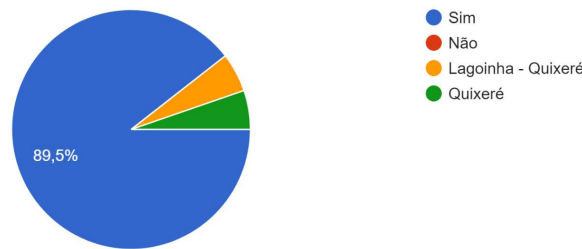


Fonte: Autoria própria (2024)

Quanto ao gráfico representado na Figura 54, referente à residência dos feirantes, observa-se que a significativa maioria, totalizando 89,5%, são residentes de Limoeiro do Norte. A parcela restante desloca-se de cidades próximas para desempenhar suas atividades comerciais. No tocante a frequência de dias trabalhados na feira 70% trabalha todos os dias, 25% somente aos sábados e 5% quase todos os dias (ver Figura 55). Em relação aos produtos comercializados, conforme evidenciado na Figura 56, destaca-se que a grande maioria dos feirantes se dedica à

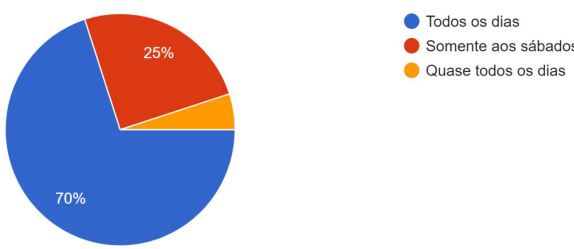
venda de frutas e verduras, seguidos por especiarias e objetos, juntamente com a categoria de lanches de rua.

Figura 54 - Gráfico de residência



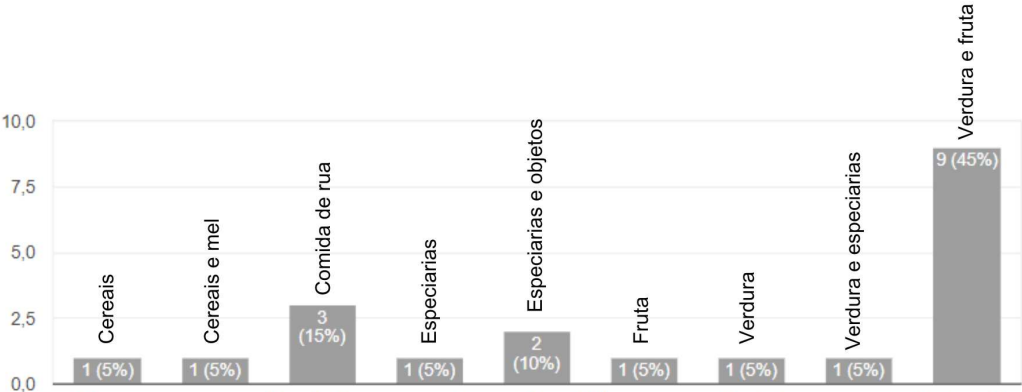
Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 55 - Gráfico de frequência de trabalho



Fonte: Autoria própria (2024)

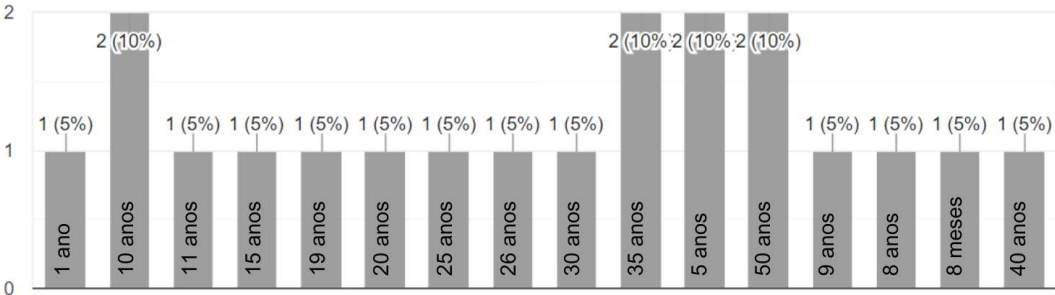
Figura 56 - Gráfico de produtos comercializados



Fonte: Autoria própria (2024)

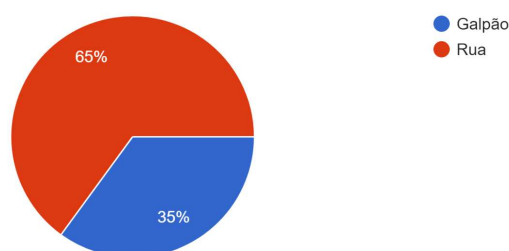
No que diz respeito à experiência de trabalho na feira, é possível observar que a maioria dos entrevistados acumula longos anos de atuação, apresentando períodos consideravelmente diversos, conforme representado no gráfico da Figura 57. No que se refere à indagação sobre se a feira livre era considerada um patrimônio histórico da cidade, destaca-se que houve unanimidade na resposta afirmativa. Ao analisar o gráfico que mostra a localização das bancas dos entrevistados na feira, observa-se que 65% delas estavam situadas nas ruas, enquanto 35% ocupavam espaços no galpão. Esse dado aponta para uma distribuição significativa entre as bancas de rua e aquelas abrigadas no galpão, denotando a diversidade de ambientes dentro da feira (ver Figura 58).

Figura 57 - Gráfico de tempo trabalhado na feira



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 58 - Gráfico de localização da banca dos feirantes

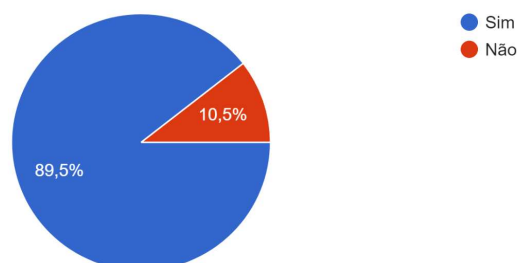


Fonte: Autoria própria (2024)

No que concerne aos laços afetivos estabelecidos pelos feirantes com o ambiente de trabalho, destaca-se, conforme evidenciado na Figura 59, que a grande maioria expressa sentir essa afinidade, representando 89,5%. Apenas 10,5% alegam não experimentar tal vínculo, atribuindo isso, em grande parte, à rotina mecanizada do trabalho.

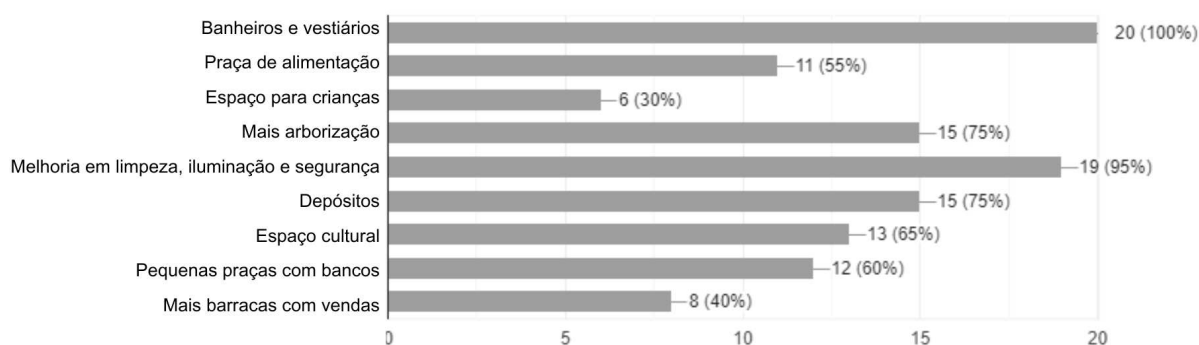
Quanto à escolha de melhorias necessárias, o gráfico da Figura 60 desempenhou um papel crucial ao apresentar opções de futuros equipamentos para aprimorar o espaço. A maioria expressiva indicou uma urgência por banheiros e vestiários, além de melhorias relacionadas à limpeza, iluminação e segurança. Em contraste, uma proporção significativa afirmou não considerar espaços para crianças como uma necessidade premente. A Figura 61 ilustra uma escala de avaliação das necessidades dessas implementações, revelando que 75% consideraram como sendo de extrema necessidade, 15% como necessário e 10% mantiveram uma posição neutra.

Figura 59 - Gráfico de vínculo afetivo com a feira



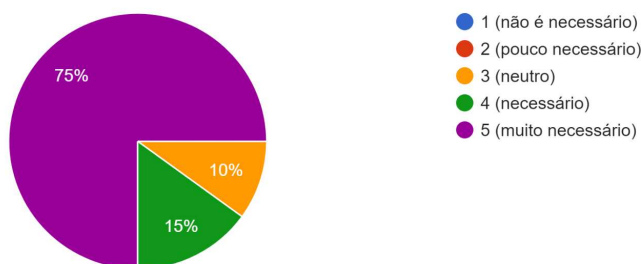
Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 60 - Gráfico de futuros equipamentos para requalificação



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 61 - Gráfico de necessidade de implementação de futuros equipamentos

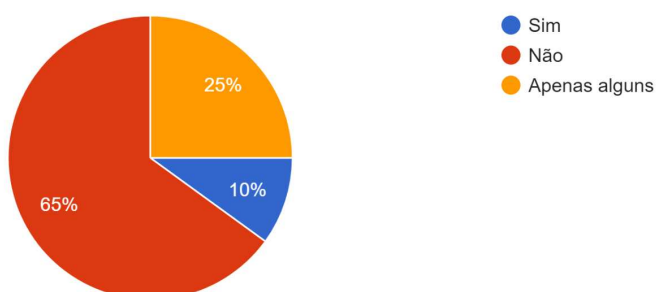


Fonte: Autoria própria (2024)

Quando questionados sobre se herdaram suas bancas de algum parente, 70% dos entrevistados afirmaram que não, enquanto 30% responderam afirmativamente.. Uma indagação adicional aborda o processo de comercialização dos produtos e sua produção, conforme ilustrado na Figura 62. Nesse contexto, observa-se que 65% dos feirantes não produzem os próprios produtos para venda, 25% produzem apenas alguns e 10% estão envolvidos na produção de todos os itens vendidos.

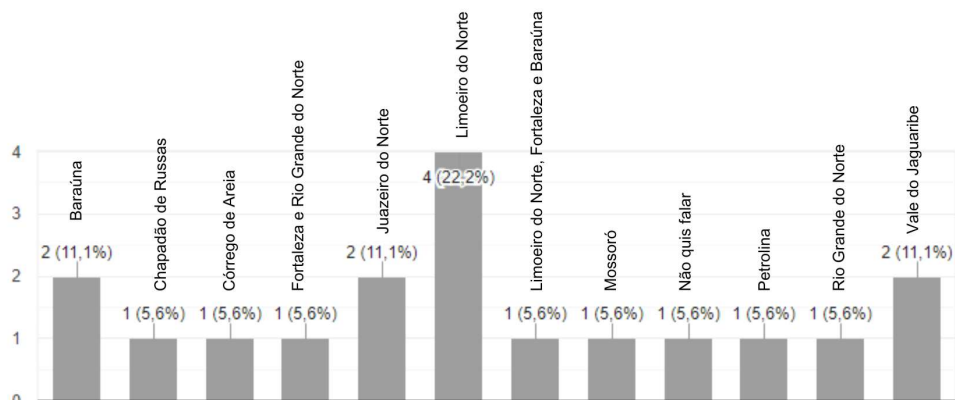
Os produtos que não são fabricados pelos próprios feirantes são provenientes de diversas regiões do Nordeste, sendo a maioria adquirida na própria cidade e região. A Figura 63 destaca alguns dos diversos locais de origem desses produtos. Esse panorama sublinha a diversidade e procedência variada dos itens comercializados na feira.

Figura 62 - Gráfico de produção própria do produto vendido



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 63 - Gráfico de localização dos produtos

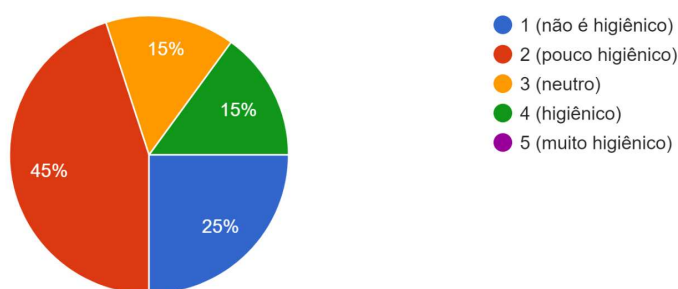


Fonte: Autoria própria (2024)

Os questionamentos subsequentes abordam perguntas graduadas. No que diz respeito à percepção de higiene na feira, 45% dos entrevistados expressaram a opinião de que é pouco higiênica, enquanto 25% afirmaram que não é higiênica. Um contingente de 15% manteve neutralidade quanto a esse aspecto, enquanto outros 15% afirmaram sentir uma sensação de higiene, conforme retratado na Figura 64.

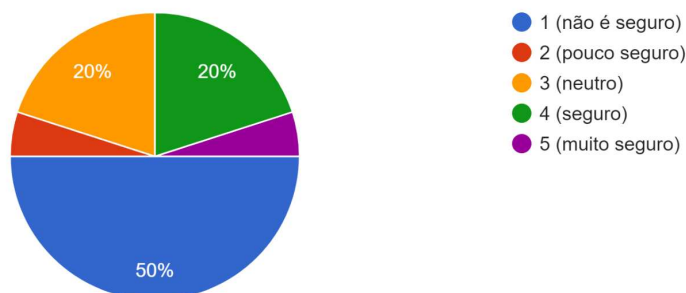
A Figura 65 apresenta a sensação de segurança entre os entrevistados, revelando que a maioria expressiva, representando 50%, não se sente segura. Em contrapartida, 20% afirmam sentir-se seguro, outros 20% permanecem neutros, 5% sentem-se pouco seguros, e os restantes 5% consideram sentir-se muito seguros. Ao analisar o gráfico de sensação térmica na Figura 66, nota-se que 95% dos entrevistados sentem-se completamente desconfortáveis. Em contraste, apenas 5% afirmaram sentir-se confortáveis, esse grupo específico dispõe de barracas que recebem proteção de árvores.

Figura 64 - Gráfico de sensação de higiene da feira



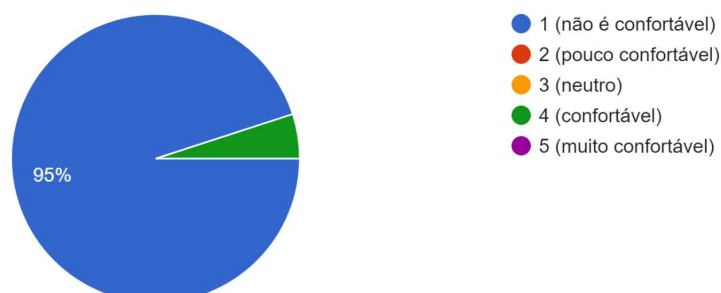
Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 65 - Gráfico de sensação de segurança na feira



Fonte: Autoria própria (2024)

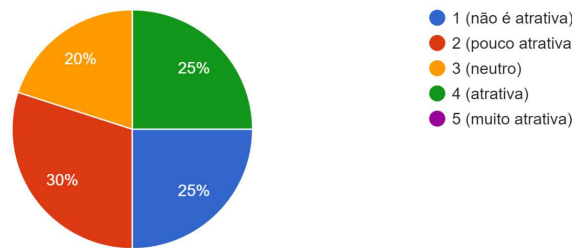
Figura 66 - Gráfico de sensação de temperatura na feira



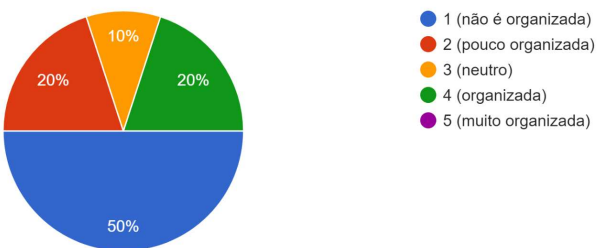
Fonte: Autoria própria (2024)

No que tange à estética da feira, a Figura 67 revela uma ampla variedade de opiniões. Um contingente de 20% manteve neutralidade, enquanto 25% consideraram-a atrativa. Por outro lado, 30% a perceberam como pouco atrativa, e 25% afirmaram a total ausência de atratividade. Quanto à organização das barracas, a Figura 68 ilustra uma diversidade semelhante de opiniões. Metade dos entrevistados, ou seja, 50%, alega desorganização, enquanto 20% opinam que é pouco organizada. Outros 10% expressam indiferença, e os restantes 20% considerando-a adequada.

Figura 67 - Gráfico sobre a estética da feira **Figura 68 - Gráfico sobre a organização das bancas**



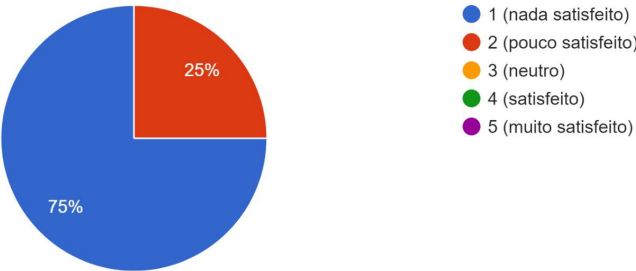
Fonte: Autoria própria (2024)



Fonte: Autoria própria (2024)

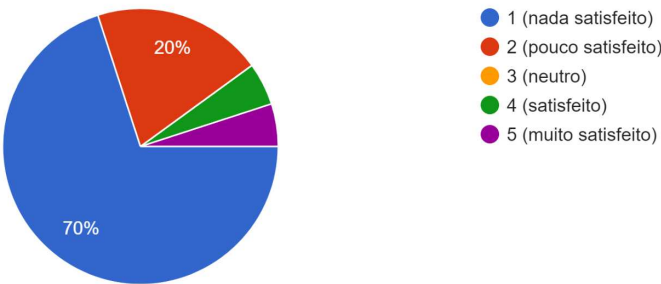
A insatisfação dos feirantes com a estrutura das barracas é explicitada de forma clara no gráfico da Figura 69, sendo que 75% afirmaram estar insatisfeitos, enquanto 25% demonstraram pouca satisfação. Finalmente, em relação à organização das bancas de acordo com os produtos, como apresentado na Figura 70, observa-se que 70% estão insatisfeitos, 20% estão pouco satisfeitos, 5% estão satisfeitos e os 5% restantes estão muito satisfeitos. Este último gráfico evidencia a diversidade de opiniões sobre a preferência entre uma mistura de comerciantes e uma organização setorizada das bancas de acordo com seus produtos.

Figura 69 - Gráfico sobre a estrutura das bancas



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 70 - Gráfico sobre a organização das bancas de acordo com os produtos



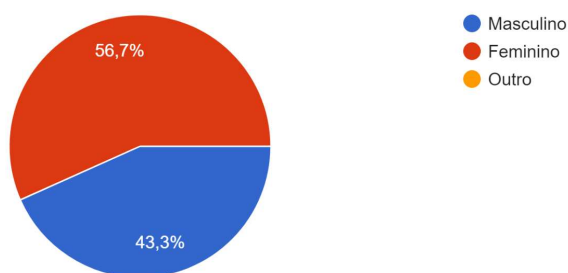
Fonte: Autoria própria (2024)

4.7.2 Questionários com os usuários

A análise dos percentuais provenientes das entrevistas com os usuários destacou que 56,7% do público entrevistado é do gênero feminino, enquanto 43,3% pertencem ao gênero masculino, conforme ilustrado na Figura 71. No que diz respeito à faixa etária, o levantamento indicou que 20% dos entrevistados têm entre 15 a 24 anos, 16,7% estão na faixa etária de 25 a 35 anos, 13,3% situam-se entre 36 a 45 anos, 30% têm idades compreendidas entre 46 e 55 anos, e 20% possuem mais de 55 anos, conforme apresentado na Figura 72.

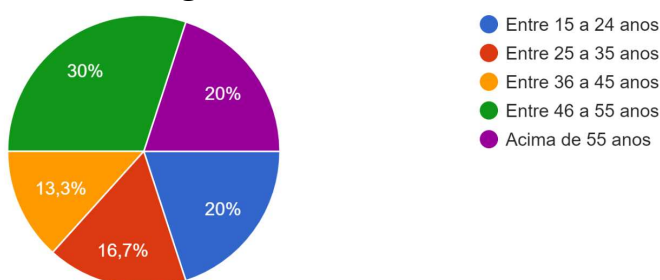
Quanto à residência dos feirantes, nota-se que a significativa maioria, totalizando 93,3%, são residentes de Limoeiro do Norte. O gráfico que aborda a frequência dos não moradores que visitam a cidade, representado na Figura 73, revela que 50% fazem uso mensal, enquanto os outros 50% frequentam diariamente. Essa diversidade na frequência destaca a importância da feira como ponto de visita tanto para moradores quanto para aqueles que não residem na localidade.

Figura 71 - Gráfico de gêneros



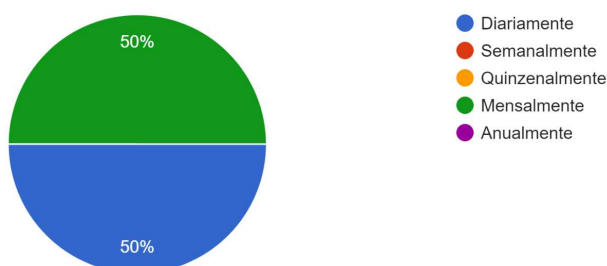
Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 72 - Gráfico de idade



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 73 - Gráfico de frequência de visita a Limoeiro do Norte

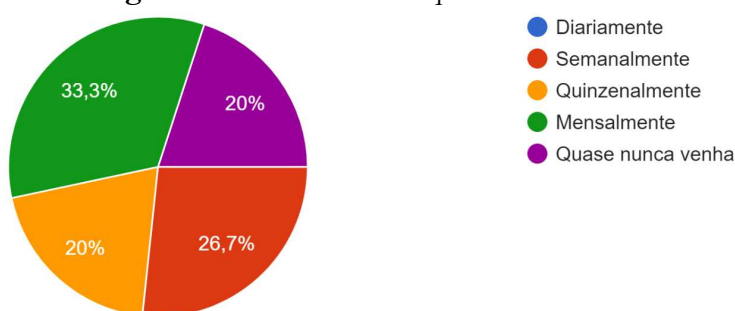


Fonte: Autoria própria (2024)

No que se refere à ocupação dos entrevistados, destaca-se uma ampla diversidade, abrangendo desde estudantes até professores. Foram entrevistados 2 advogados, 4 aposentados, 1 costureira, 5 donas de casa, 1 eletricista, 1 empresaria, 7 estudantes, 1 fiscal, 1 mecânico, 1 pedreiro, 1 professora, 1 radialista, 1 sanfoneiro, 1 funcionário público, e 2 vendedores

Com relação à frequência das visitas à feira, observa-se uma distribuição entre visitas semanais (26,7%), quinzenais (20%), mensais (33,3%) e muito esporádicas (20%), conforme evidenciado na Figura 74. Essa variedade na frequência ressalta a dinâmica flexível de visitação por parte dos entrevistados. No que diz respeito à pergunta sobre se a feira livre é considerada um patrimônio histórico da cidade, houve consenso na resposta afirmativa.

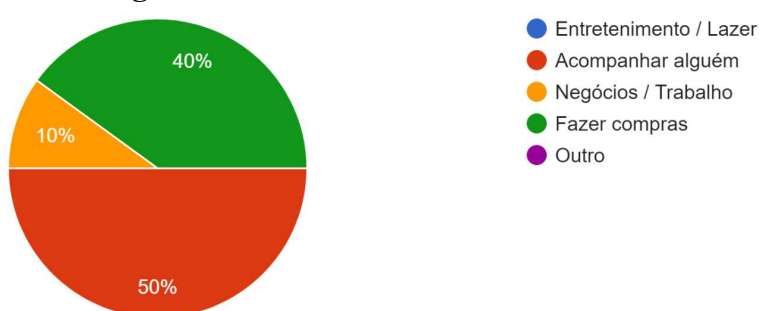
Figura 74 - Gráfico de frequência na feira



Fonte: Autoria própria (2024)

Quanto aos motivos que levam as pessoas a frequentar a feira, ao analisar a Figura 75, observa-se que 40% vão com o propósito de realizar compras, 10% comparecem a trabalho/negócios, enquanto os outros 50% visitam como acompanhantes de outras pessoas. A maioria esmagadora desses frequentadores (90%) não possui uma história pessoal significativa relacionada à feira, os outros 10% afirmaram ter uma relação pessoal devido a frequência de visita.

Figura 75 - Gráfico de motivo de ida a feira

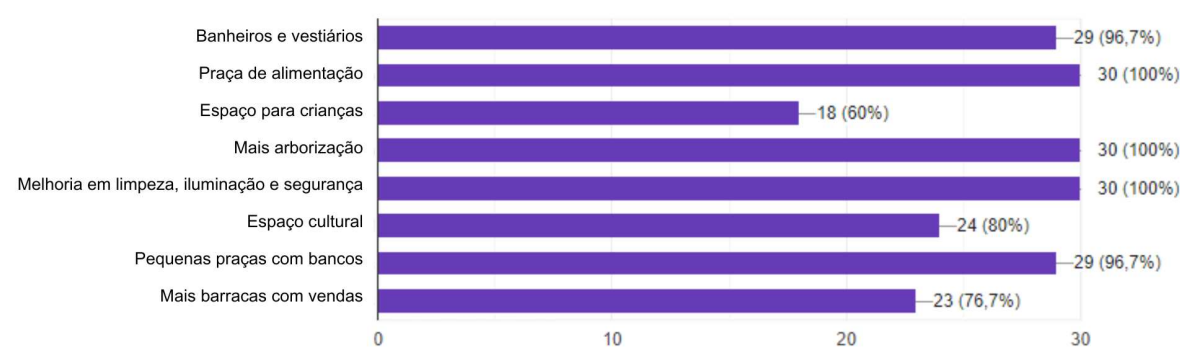


Fonte: Autoria própria (2024)

No que diz respeito à seleção de melhorias necessárias, o gráfico representado na Figura 76 desempenhou um papel crucial ao apresentar opções de futuros equipamentos para aprimorar o espaço. A maioria esmagadora dos usuários demonstrou apoio à implementação de praticamente todos os equipamentos, com poucas ressalvas apenas em relação aos espaços

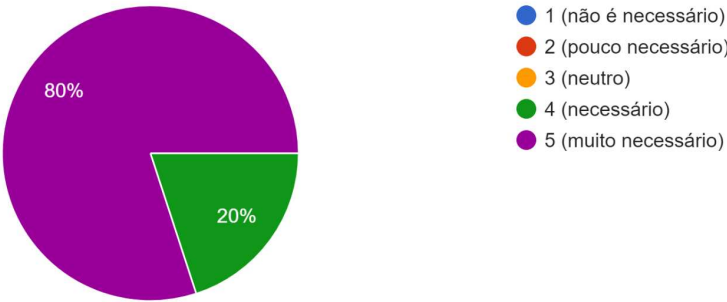
destinados a crianças. A Figura 77 ilustra uma escala de avaliação dessas necessidades, revelando que 80% consideraram como sendo de extrema necessidade, enquanto 20% classificaram como necessário.

Figura 76 - Gráfico de futuros equipamentos para requalificação



Fonte: Autoria própria (2024)

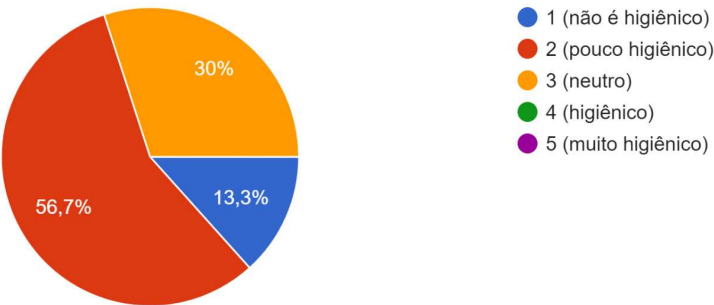
Figura 77 - Gráfico de necessidade de implementação de futuros equipamentos



Fonte: Autoria própria (2024)

Os gráficos subsequentes abordam perguntas graduadas, fornecendo *insights* detalhados sobre a percepção dos entrevistados. No que concerne à avaliação da higiene na feira, observa-se que 56,7% dos participantes expressaram a opinião de que é pouco higiênica, enquanto 13,3% afirmaram que não é higiênica. Além disso, 30% mantiveram-se neutros em relação a esse aspecto, conforme retratado na Figura 78.

Figura 78 - Gráfico de sensação de higiene da feira

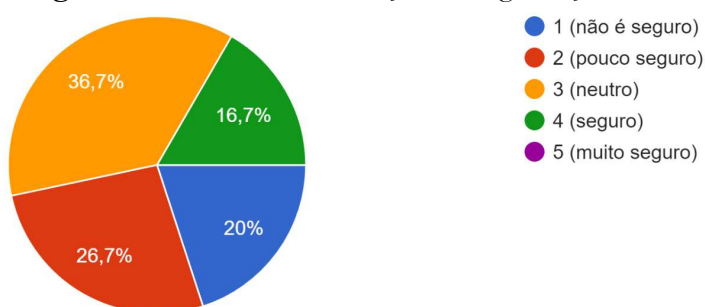


Fonte: Autoria própria (2024)

A Figura 79 destaca a sensação de segurança entre os entrevistados. Neste contexto, 20% afirmaram não se sentir seguros, 26,7% indicaram sentir-se pouco seguros, 36,7% permaneceram

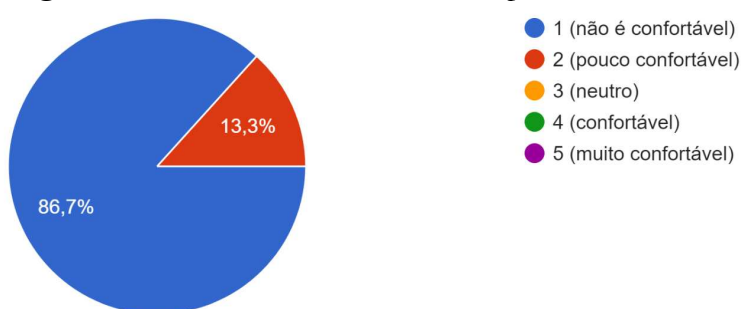
neutros, e 16,7% afirmaram sentir-se seguros. Ao analisar o gráfico de sensação térmica na Figura 80, destaca-se que 86,7% dos entrevistados sentem-se completamente desconfortáveis, enquanto 13,3% afirmaram sentir-se pouco confortáveis. Esses resultados fornecem uma visão abrangente das percepções dos entrevistados em relação à higiene, segurança e conforto térmico durante suas experiências na feira.

Figura 79 - Gráfico de sensação de segurança na feira



Fonte: Autoria própria (2024)

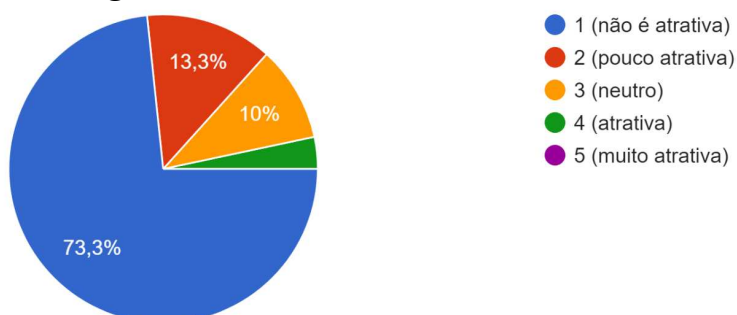
Figura 80 - Gráfico de sensação de temperatura na feira



Fonte: Autoria própria (2024)

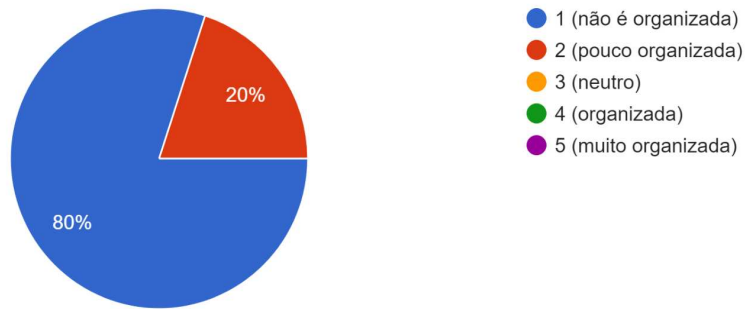
No que concerne à estética da feira, a Figura 81 revela uma ampla variedade de opiniões. Um contingente de 10% manteve neutralidade, enquanto 3,4% consideraram-na atrativa. Por outro lado, 13,3% a perceberam como pouco atrativa, e 73,3% afirmaram a total ausência de atratividade. Quanto à organização das barracas, a Figura 82 ilustra uma grande semelhança de opiniões, com 80% dos entrevistados alegando desorganização, enquanto 20% opinam que é pouco organizada.

Figura 81 - Gráfico sobre a estética da feira



Fonte: Autoria própria (2024)

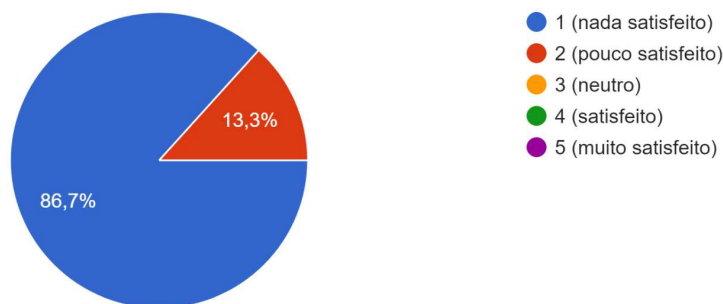
Figura 82 - Gráfico sobre a organização das bancas



Fonte: Autoria própria (2024)

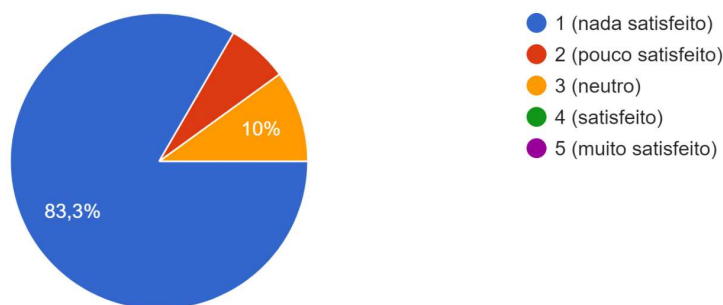
A insatisfação dos visitantes com a estrutura das barracas é explicitada de forma clara no gráfico da Figura 83, sendo que 86,7% afirmaram estar insatisfeitos, enquanto 13,3% demonstraram pouca satisfação. Por fim, em relação à organização das bancas de acordo com os produtos, conforme apresentado na Figura 84, observa-se que 83,3% estão insatisfeitos, 10% permanecem neutros, e os demais 6,7% apresentam pouca satisfação. Esses resultados destacam as diversas percepções dos entrevistados sobre a estética, organização e satisfação geral com a estrutura da feira.

Figura 83 - Gráfico sobre a estrutura das bancas



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 84 - Gráfico sobre a organização das bancas de acordo com os produtos



Fonte: Autoria própria (2024)

*Parte II*¹⁰

¹⁰A segunda seção deste trabalho aborda a da criação do projeto de requalificação urbana. Esta seção engloba aspectos como legislação urbana e normativas, zoneamento da área, programa de necessidades, partido e conceito urbanístico, estratégias sustentáveis, entre outros detalhes.

COMUNIDADE
MEU LIMOEIROII



ARUA É
NOSSAI



5. JUNTO E MISTURADO: O PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA DA FEIRA LIVRE DE LIMOEIRO DO NORTE-CE

Após investigações e análises sobre o tema deste trabalho, torna-se evidente que as cidades no semiárido brasileiro demandam atenção no planejamento dos espaços públicos, considerando seu clima quente e seco, visando respeitar as relações sociais e melhorar a qualidade de vida. O projeto de requalificação urbana da Feira Livre em Limoeiro do Norte propõe uma intervenção sustentável, funcional, com estímulos sociais e culturais.

O ambiente em questão é marcado por afetividade e senso de pertencimento, sendo vital para as interações sociais e a subsistência dos trabalhadores. No delineamento do projeto, os princípios orientadores incluem o conforto térmico, a utilização de materiais inovadores e sustentáveis, a atenção ao bem-estar dos feirantes, bem como a promoção da higiene e a criação de uma infraestrutura de qualidade.

"Junto e Misturado" transcende a mera requalificação física; trata-se de uma intervenção holística que visa equilibrar as necessidades da comunidade, os princípios ambientais e as demandas econômicas. Ao adotar uma abordagem participativa, envolvendo os frequentadores da feira, busca-se criar um ambiente que reflita a importância local de Limoeiro do Norte.

A seguir será explanado aspectos tocantes à legislação e normativas com base nas condicionantes legais do município; conceito e partido, como também a identidade visual do projeto; sistema espacial, zoneamento e programa de necessidades; estratégias sustentáveis adotadas, e por fim, o projeto urbano e seus desenhos técnicos.

5.1 Legislação e normativas

O embasamento legal para o planejamento minucioso e a execução criteriosa do projeto abarca diferentes esferas governamentais, refletindo o comprometimento com a conformidade legal e o respeito às normativas. Este tópico engloba a contextualização das leis de uso e ocupação do solo, destacando, especialmente, os Planos Diretores, Códigos de Obras de Limoeiro do Norte/CE e a NBR – 9050/2020.

A análise das legislações municipais se faz essencial, pois é no nível local que as nuances e especificidades da comunidade são consideradas, fornecendo a estrutura legal que orienta o desenvolvimento urbano, estabelecendo diretrizes para o uso adequado do solo e influenciando diretamente a configuração física da feira.

Com o propósito de embasar essas considerações, foi adotada como referência a Lei Nº 2.051, datada de 27 de agosto de 2018, a qual estabelece o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Limoeiro do Norte. Conforme as disposições legais presentes na Lei Nº 2.051 (2018, p. 16-18) o território municipal é subdividido em duas zonas, a Zona Urbana, que abrange as

áreas internas ao Perímetro Urbano, e a Zona Rural, que abrange as áreas externas ao Perímetro Urbano. A Zona Urbana também é dividida em três categorias: Zona de Usos Diversificados (ZUD), Zona de Usos Econômicos (ZUE) e Zona de Expansão Urbana (ZEU).

De acordo com o exposto, a área de intervenção é classificada com ZUE, ou seja, uma zona destinada ao desenvolvimento de atividades que não são de uso residencial e são potencialmente geradoras de poluição ambiental e volume significativo de tráfego de cargas (Lei Nº 2.051, 2018, pág.18). Como complemento ao Zoneamento municipal, definem-se categorias de Áreas Especiais, as quais, devido às suas características específicas, requerem políticas de intervenção e parâmetros urbanísticos diferenciados (Lei Nº 2.051, 2018, pág.19-20).

No contexto da gleba ela pode ser entendida com Área de Interesse Cultural (AIC), pois são espaços dedicados à preservação e promoção de conjuntos histórico-culturais, que se destacam por traçados, tipologias urbanísticas, arquitetônicas e paisagísticas, contribuindo significativamente para a identidade do local (Lei Nº 2.051, 2018, pág. 25). Segundo a Lei Nº 2.051 (2018):

Fica delimitada como AIC a área do entorno da Igreja Matriz, que compreende um conjunto de edificações de tipologia tradicional preservadas, bem como a área que compreende a torre do Relógio da Hora, o Mercado Municipal, a Igreja de Santo Antônio, a Casa Episcopal e a Câmara Municipal (Lei Nº 2.051, 2018, pág. 25).

Ao consultar o documento do Plano Diretor (2018), foi necessário inicialmente classificar a área de intervenção de acordo com seu Zoneamento. Posteriormente, procedeu-se à análise dos índices urbanísticos pertinentes. O Quadro 05 apresenta os valores estabelecidos, considerando lotes com área superior a 1000 m², os quais são aplicáveis às Áreas de Especial Interesse Cultural (AIC), a exemplo da área de intervenção em questão.

Quadro 05 - Índices urbanísticos conforme o Plano Diretor de Limoeiro do Norte/CE

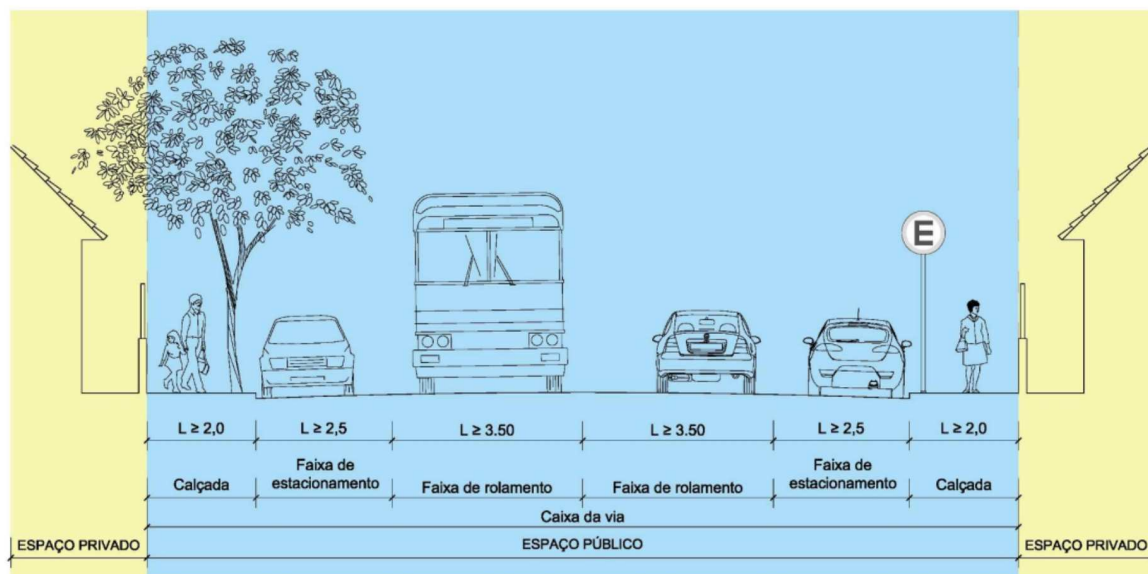
Índices urbanos	Valores para lotes acima de 1000 m ²
Pátio de carga e descarga	1 vaga (3,5x12m)
Coefficiente de aproveitamento	1
Número de pavimentos	2 pavimentos
Recuos	Frontal: 5m Lateral: 3m ou nulo Fundo: 5m
Taxa mínima de área vegetada	15%

Fonte: Adaptado pela Autora (2024), Plano Diretor de Limoeiro do Norte (2018)

Um aspecto relevante para o presente estudo consiste na classificação das vias, uma vez que esta constitui o ponto focal da intervenção. A delimitação espacial apresenta duas tipologias distintas: as Vias Arteriais Urbanas, definidas como aquelas responsáveis pela distribuição do

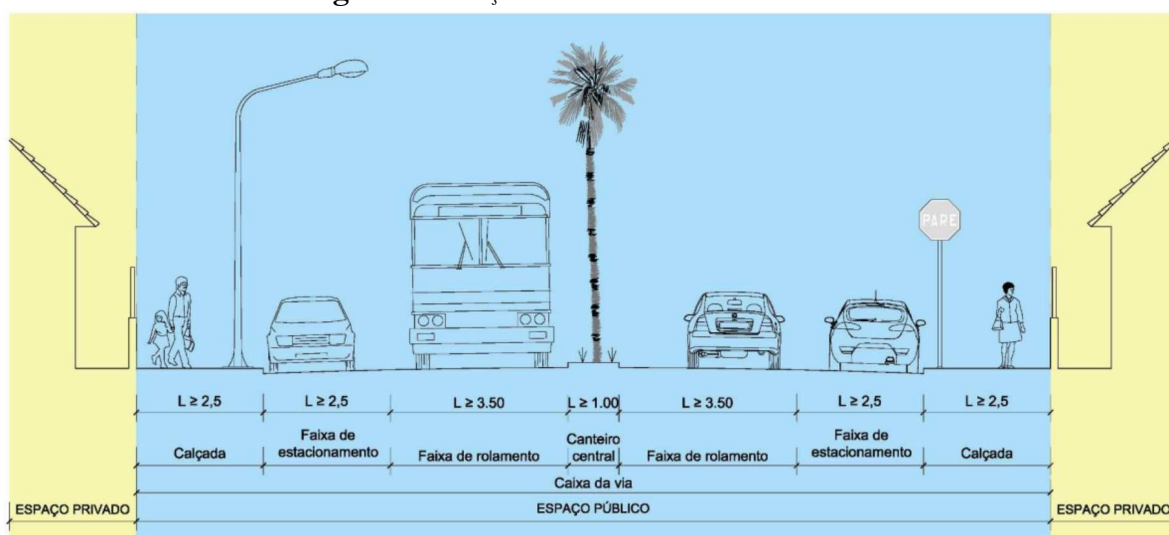
fluxo na malha viária, proporcionando acessibilidade às vias coletoras e locais; e as Vias Coletoras, que desempenham o papel de articular e conectar as Vias Arteriais as Vias Locais (Lei Nº 2.051, 2018, pág. 26). Adicionalmente, as Vias de Pedestres, onde pedestres e ciclistas têm prioridade de tráfego, constituem uma tipologia relevante, especialmente devido à ênfase do trabalho na pedestrianização da Feira Livre. As Figuras 85 e 86 apresentam as seções mínimas das vias, enfatizando a importância das medidas das calçadas e canteiros.

Figura 85 - Seção mínima Via Coletora



Fonte: Plano Diretor de Limoeiro do Norte (2018)

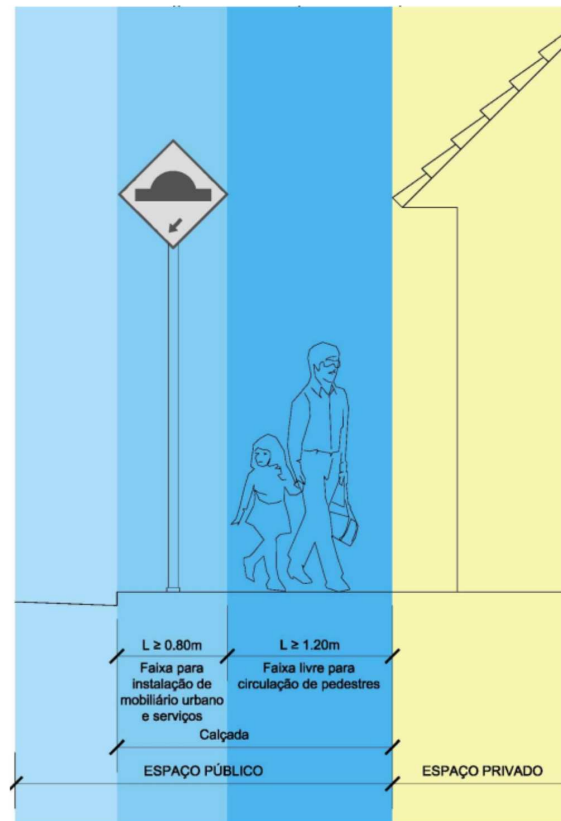
Figura 86 - Seção mínima Via Arterial Urbana



Fonte: Plano Diretor de Limoeiro do Norte (2018)

A faixa designada para a implantação de mobiliários urbanos e serviços, conforme apresentado na Figura 87, é estabelecida em 0,80 metros. Este aspecto reveste-se de significativa importância, uma vez que toda a intervenção visa proporcionar a disponibilidade de mobiliários para permanência, comunicação visual e higiene.

Figura 87 - Seção mínima Calçada



Fonte: Plano Diretor de Limoeiro do Norte (2018)

No Código de Obras de Limoeiro do Norte (2018, p. 26), destaca-se o Artigo 50, o qual estipula a obrigatoriedade do plantio de árvores nas calçadas e os respectivos distanciamentos, conforme evidenciado no Quadro 06. Este aspecto assume relevância, uma vez que a intervenção expressa uma preocupação direta com as medidas voltadas ao conforto térmico e à sustentabilidade.

Quadro 06 - Arborização e distanciamento obrigatório

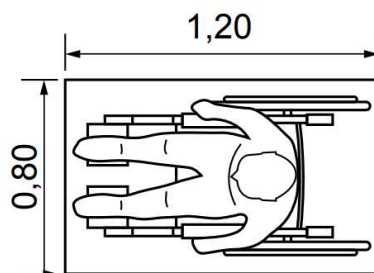
Localização da arborização	Distância
Situadas na mesma calçada	Mínimo de 5m
De esquina	Mínimo de 5m
De postes	Mínimo de 2m
De entrada de garagem	Mínimo de 1m
De tubulações subterrâneas	Mínimo de 0,6m
De meio-fio	0,3m

Fonte: Adaptado pela Autora (2024), Código de obras de Limoeiro do Norte (2018)

A NBR 9050/2020 (Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos) mostra soluções projetuais quando se discute sobre acessibilidade, que é um item indispensável no projeto em análise. As principais recomendações se referem a larguras mínimas

das áreas de circulação, inclinação de rampas, pisos e rotas acessíveis. Visto que o projeto de requalificação refere-se a um espaço público é de suma importância sua acessibilidade. Na Figura 88 vê-se um Módulo de referência para deslocamento de pessoas em cadeira de rodas em linhas retas e suas dimensões ideais.

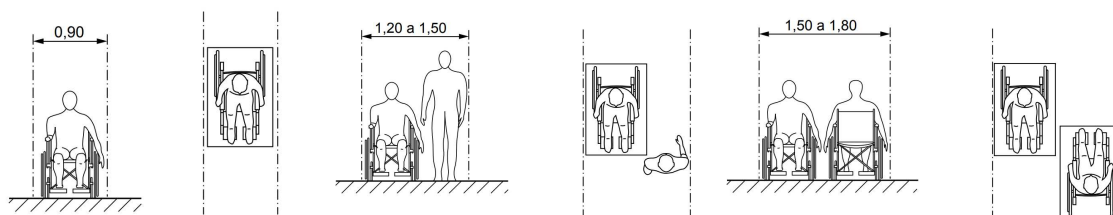
Figura 88 - Módulo de referência



Fonte: NBR 9050 (2020)

A partir deste módulo de referências pode-se construir possíveis possibilidades de deslocamento em áreas de circulação, como mostrado na Figura 89.

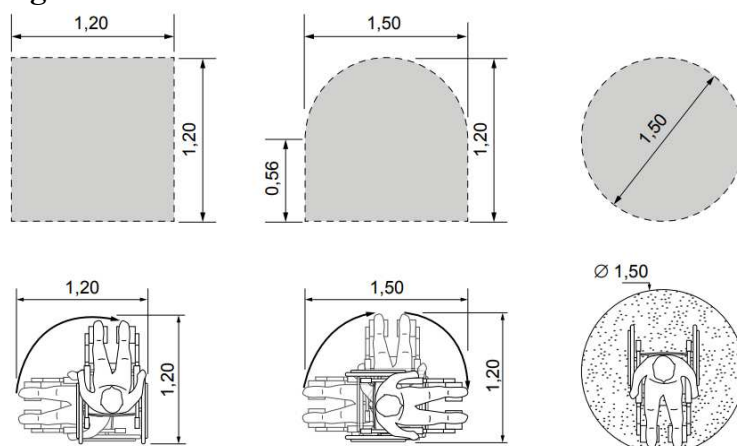
Figura 89 - Possíveis composições de deslocamentos nas áreas de circulação



Fonte: NBR 9050 (2020)

Dado o exposto, a NBR 9050 também mostra indicações relacionadas às medidas necessárias para a manobra de cadeiras de rodas sem deslocamento, como mostra a Figura 90.

Figura 90 - Manobra de cadeiras de roda sem deslocamento



Fonte: NBR 9050 (2020)

Já a Figura 91 mostra como é o design das portas acessíveis, com suas dimensões mínimas e ideais, desde largura até o posicionamento da maçaneta e puxador horizontal. É de suma

Figura 91 - Vista superior e frontal de uma porta acessível

22. D. 1. $\frac{1}{2}$ 2. $\frac{1}{2}$ 3. $\frac{1}{2}$ 4. $\frac{1}{2}$ 5. $\frac{1}{2}$ 6. $\frac{1}{2}$ 7. $\frac{1}{2}$ 8. $\frac{1}{2}$ 9. $\frac{1}{2}$ 10. $\frac{1}{2}$ 11. $\frac{1}{2}$ 12. $\frac{1}{2}$ 13. $\frac{1}{2}$ 14. $\frac{1}{2}$ 15. $\frac{1}{2}$ 16. $\frac{1}{2}$ 17. $\frac{1}{2}$ 18. $\frac{1}{2}$ 19. $\frac{1}{2}$ 20. $\frac{1}{2}$ 21. $\frac{1}{2}$ 22. $\frac{1}{2}$ 23. $\frac{1}{2}$ 24. $\frac{1}{2}$ 25. $\frac{1}{2}$ 26. $\frac{1}{2}$ 27. $\frac{1}{2}$ 28. $\frac{1}{2}$ 29. $\frac{1}{2}$ 30. $\frac{1}{2}$ 31. $\frac{1}{2}$ 32. $\frac{1}{2}$ 33. $\frac{1}{2}$ 34. $\frac{1}{2}$ 35. $\frac{1}{2}$ 36. $\frac{1}{2}$ 37. $\frac{1}{2}$ 38. $\frac{1}{2}$ 39. $\frac{1}{2}$ 40. $\frac{1}{2}$ 41. $\frac{1}{2}$ 42. $\frac{1}{2}$ 43. $\frac{1}{2}$ 44. $\frac{1}{2}$ 45. $\frac{1}{2}$ 46. $\frac{1}{2}$ 47. $\frac{1}{2}$ 48. $\frac{1}{2}$ 49. $\frac{1}{2}$ 50. $\frac{1}{2}$ 51. $\frac{1}{2}$ 52. $\frac{1}{2}$ 53. $\frac{1}{2}$ 54. $\frac{1}{2}$ 55. $\frac{1}{2}$ 56. $\frac{1}{2}$ 57. $\frac{1}{2}$ 58. $\frac{1}{2}$ 59. $\frac{1}{2}$ 60. $\frac{1}{2}$ 61. $\frac{1}{2}$ 62. $\frac{1}{2}$ 63. $\frac{1}{2}$ 64. $\frac{1}{2}$ 65. $\frac{1}{2}$ 66. $\frac{1}{2}$ 67. $\frac{1}{2}$ 68. $\frac{1}{2}$ 69. $\frac{1}{2}$ 70. $\frac{1}{2}$ 71. $\frac{1}{2}$ 72. $\frac{1}{2}$ 73. $\frac{1}{2}$ 74. $\frac{1}{2}$ 75. $\frac{1}{2}$ 76. $\frac{1}{2}$ 77. $\frac{1}{2}$ 78. $\frac{1}{2}$ 79. $\frac{1}{2}$ 80. $\frac{1}{2}$ 81. $\frac{1}{2}$ 82. $\frac{1}{2}$ 83. $\frac{1}{2}$ 84. $\frac{1}{2}$ 85. $\frac{1}{2}$ 86. $\frac{1}{2}$ 87. $\frac{1}{2}$ 88. $\frac{1}{2}$ 89. $\frac{1}{2}$ 90. $\frac{1}{2}$ 91. $\frac{1}{2}$ 92. $\frac{1}{2}$ 93. $\frac{1}{2}$ 94. $\frac{1}{2}$ 95. $\frac{1}{2}$ 96. $\frac{1}{2}$ 97. $\frac{1}{2}$ 98. $\frac{1}{2}$ 99. $\frac{1}{2}$ 100. $\frac{1}{2}$

0.10 0.00

• A •

Quadro 07 - Dimensionamento de rampas

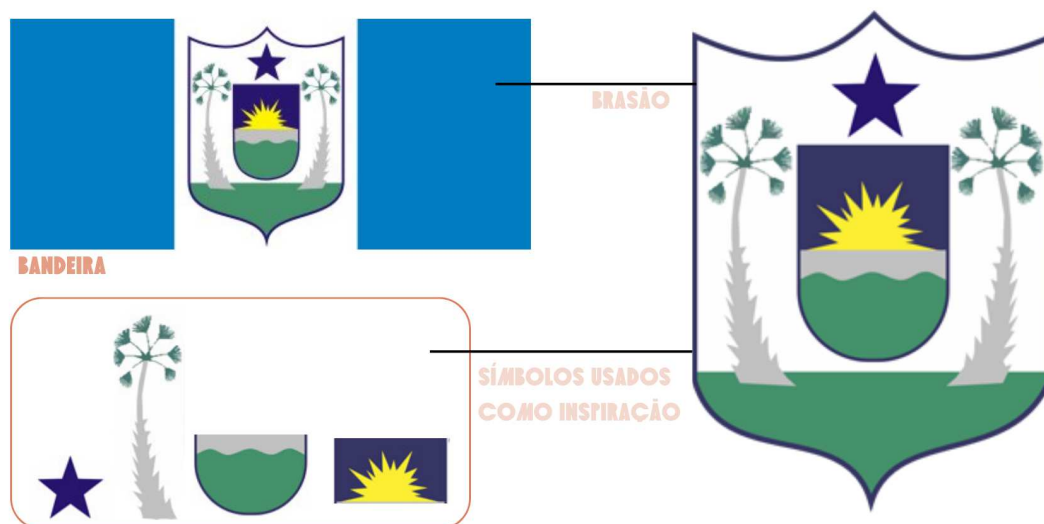
da	Inclinação admissível em cada	Núm
----	-------------------------------	-----

Fonte: Adaptado pela Autora (2024). NBB 9050 (2020).

5.2 Conceito e partido

A elaboração conceitual deste projeto teve seu início a partir de uma abordagem abrangente do contexto do recorte espacial. Fatores físicos, sociais, culturais e ambientais foram minuciosamente considerados, aproximando-se da rotina e das necessidades locais e comunitárias. A inspiração para as formas a serem adotadas nas estratégias projetuais derivou do brasão da bandeira municipal, conforme ilustrado na Figura 93, um símbolo singular que encapsula a história, a cultura e os fenômenos naturais característicos da região.

Figura 93 - Bandeira de Limoeiro do Norte e seus elementos



Fonte: Adaptado pela Autora (2024), Prefeitura de Limoeiro do Norte

Nesse cenário, as decisões relacionadas ao partido arquitetônico e ao design fundamentaram-se em dois princípios fundamentais: funcionalidade e estética. No que diz respeito às decisões funcionais, o projeto empenhou-se em proporcionar acessibilidade e incorporar medidas sustentáveis em suas intervenções. Em termos visuais, a iniciativa buscou respeitar e reinterpretar as simbologias e memórias da cidade de maneira contemporânea. Assim, a narrativa final do projeto é intrinsecamente orientada para combinar princípios de sustentabilidade com a preservação da memória afetiva, representando um esforço integrado para harmonizar a modernidade das intervenções com a riqueza simbólica e histórica do município.

5.2.1 Identidade visual da intervenção

A identidade visual da intervenção tem em evidência a tipografia e os círculos em cores, como mostra na Figura 94. O termo "Junto e Misturado" foi cuidadosamente escolhido como nomeação para a proposta de requalificação, originando-se da concepção de que o ambiente da feira livre é habitado por indivíduos singulares, produtos diversos e uma variedade única de sons e aromas. Mesmo sendo elementos distintos, a combinação e a fusão desses componentes desempenham papel fundamental na formação de um ambiente singular e fascinante. Este

bordão também tem uma justificativa pessoal, adotado pelo conhecido cantor e compositor limoeirense, Paulinho Sertanejo (*in memoriam*), que consistentemente usava para enfatizar a importância de estarmos unidos, entendendo-nos como seres livres e individuais que coexistem no mesmo espaço, unindo-se para forjar um futuro coletivo mais promissor.

As cores de cada círculo presente na logomarca simboliza os 5 sentidos humanos que são despertados nesse ambiente, são eles: olfato, visão, audição, tato e paladar. Como também simboliza os 5 símbolos que foram extraídos do brasão da bandeira do município (estrela, sol, terra, rio, carnaúba).

Figura 94 - Logomarca do projeto



Fonte: Autoria própria (2024)

Objetivando a divulgação da proposta de requalificação urbana foi desenvolvido um cartaz, como mostra a Figura 95 contendo a identidade visual: logomarca, símbolos, paleta de cores, tipografias, e aplicação em diferentes mockups.

Figura 95 - Cartaz de divulgação



Fonte: Autoria própria (2024)

5.2.1 Pannel semântico e referências visuais

O pannel semântico ou mood board tem como finalidade agrupar as referências visual que influenciaram na elaboração do projeto, seja em sua estrutura, nos aspectos formais, nas cores, texturas ou vegetações. No pannel, como exposto na Figura 96, reuniram-se imagens acerca da escolha formal das bancas, da coberta do galpão, do paisagismo, dos mobiliários e alguns materiais adotados.

Figura 96 - Pannel semântico



Fonte: Autoria própria (2024)

5.2.1 Programa de necessidades e zoneamento

O delineamento do programa de necessidades para a intervenção evoluiu durante o processo de aplicação de questionários junto aos feirantes e à comunidade (ver Apêndice A e B), revelando-se como um passo crucial. Aproximar-se, compreender e atentamente ouvir os anseios, necessidades e aspirações daqueles que diariamente moldam suas rotinas na área de intervenção foi de suma importância.

Após obter um diagnóstico abrangente da região e uma atenta consideração das perspectivas dos habitantes locais, uma pergunta norteadora foi formulada para orientar a elaboração do programa de necessidades: "O que a comunidade de Limoeiro do Norte e os residentes no entorno da feira livre realmente necessitam?". As respostas, meticulosamente coletadas por meio de questionários, culminaram em um resumo abarcando áreas de permanência, instalações comerciais, espaços verdes e a valorização da rica história e expressões artísticas locais, conforme indicado na Figura 97.

As quatro palavras-chave que resumem as intervenções propostas pelo projeto urbano são: comércio, comunidade, sustentabilidade e práticas cotidianas. Cada uma destas dimensões desempenha um papel integral na concepção de uma intervenção que não apenas atende às necessidades imediatas, mas também enriquece a experiência urbana de forma duradoura e significativa.

Figura 97 - Programa de necessidades



Fonte: Autoria própria (2024)

O conceito de zoneamento na esfera do urbanismo compreende a prática meticulosa de subdividir uma área urbana em zonas ou setores distintos, cada qual com regulamentações e diretrizes específicas que delineiam o uso do solo, as práticas construtivas e o desenvolvimento urbano. Tal abordagem visa primordialmente à organização e controle do recorte espacial, visando à eficiente utilização do espaço e à criação de ambientes urbanos harmoniosos.

No contexto da análise presente, duas modalidades de zoneamento foram implementadas. A primeira delas direcionou-se à categorização in loco das tipologias das barracas da feira livre em como estão atualmente, tendo como propósito a análise minuciosa de quantidades, localizações e naturezas dos produtos comercializados, conforme evidenciado na Figura 98. Este processo visa oferecer uma compreensão aprofundada das características intrínsecas das atividades comerciais no espaço em questão, permitindo uma apreciação criteriosa da dinâmica local, como também o levantamento quantitativo de barracas.

Essa abordagem metódica do zoneamento não apenas serve como instrumento analítico, mas também contribui para a construção de uma base sólida de informações que, por sua vez, orienta e informa as decisões subsequentes na concepção do projeto de requalificação urbana. Ao considerar detalhes específicos das atividades comerciais, propõe-se uma intervenção mais precisa e alinhada às necessidades e dinâmicas específicas do contexto urbano em questão.

Figura 98 - Zoneamento 01



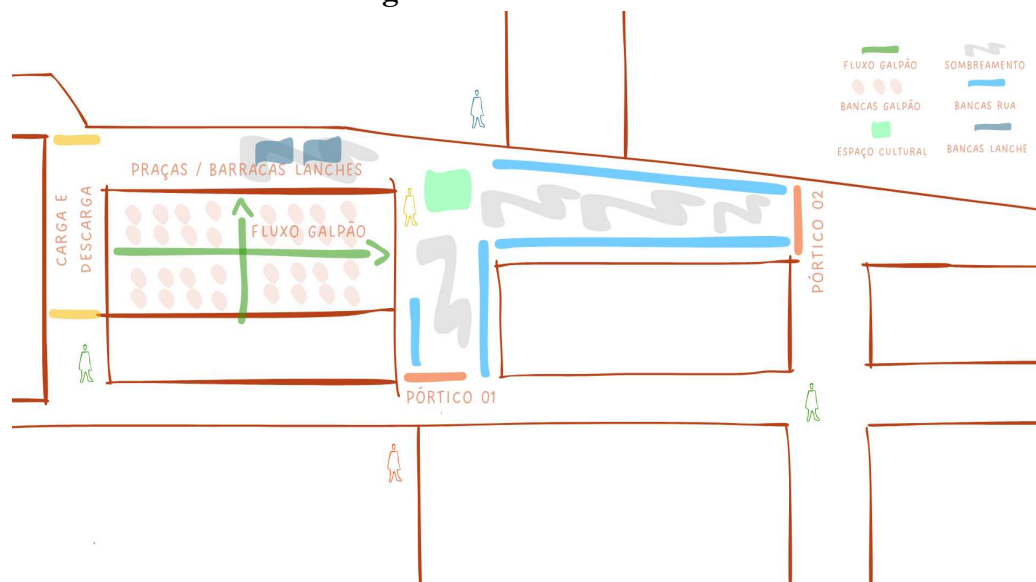
Fonte: Autoria própria (2024)

O segundo procedimento de zoneamento, por sua vez, concentra-se na setorização concebida para a integração de novos elementos no âmbito da proposta de requalificação urbana. Neste estudo, delinea-se a concepção da disposição estratégica das barracas, as áreas propícias à sombra, e os espaços destinados à permanência, oferecendo uma abordagem metódica e estratégica para a implementação de melhorias, conforme ilustra a Figura 99.

A análise detalhada desses elementos busca não apenas otimizar a funcionalidade espacial, mas também promover a criação de ambientes mais acolhedores e eficientes. A ideia subjacente é não apenas realocar estrategicamente as estruturas existentes, mas também identificar áreas propícias à incorporação de novos equipamentos, considerando cuidadosamente a interação entre

elementos existentes e propostos. Desta forma, a implementação do segundo zoneamento se revela como um componente crucial na visualização e execução prática da requalificação, proporcionando uma orientação perspicaz para o posicionamento dos elementos-chave.

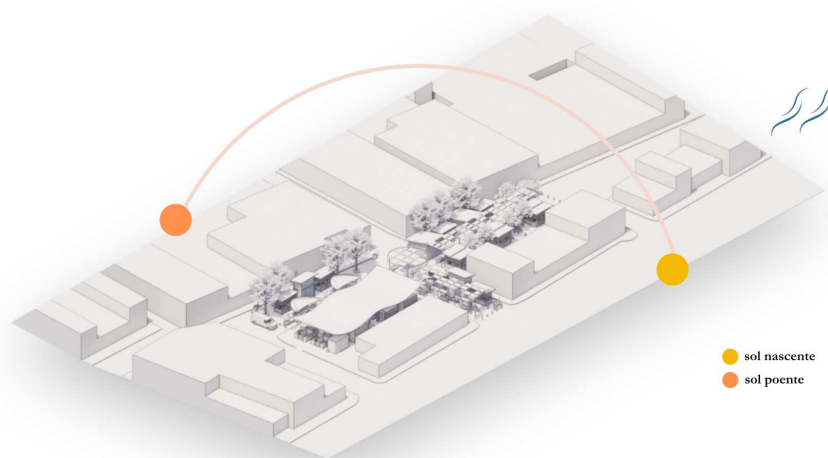
Figura 99 - Zoneamento 02



Fonte: Autoria própria (2024)

Ao considerar as características únicas do ambiente, incluindo suas condicionantes naturais, como isolamento e ventilação (ver Figura 100), nosso objetivo é criar um espaço que respeite não apenas o contexto histórico e cultural da região, mas também proporcione conforto térmico e comodidade. Ao levar em conta esses aspectos naturais, buscamos não só melhorar a experiência dos usuários, mas também promover práticas sustentáveis e uma integração mais harmoniosa com o ambiente circundante.

Figura 100 - Ventilação e insolação



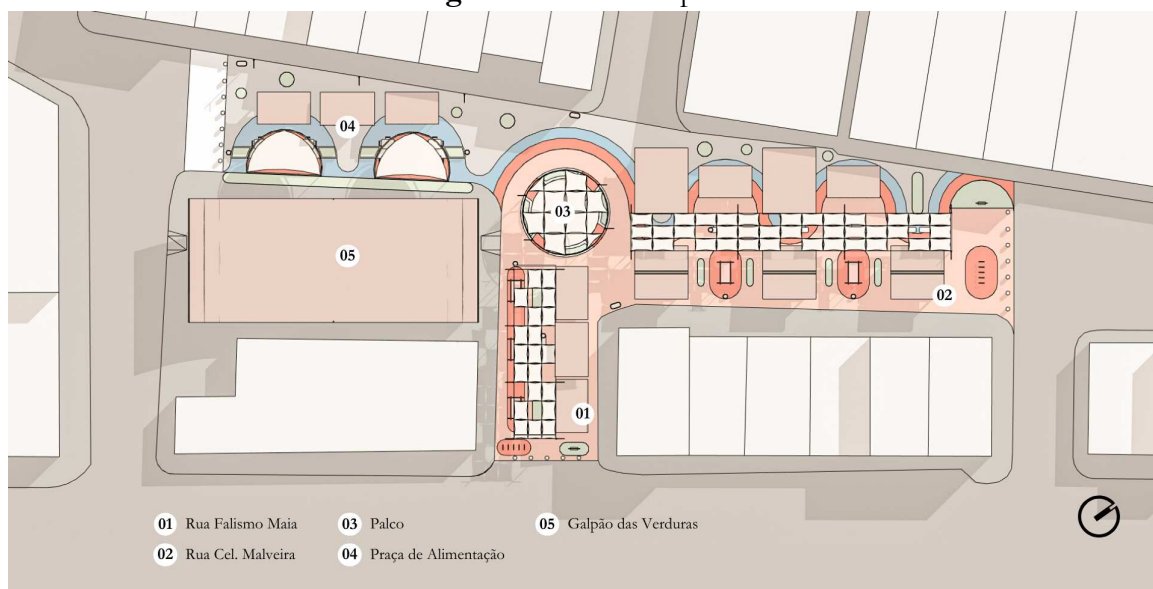
Fonte: Autoria própria (2024)

5.4 O projeto de requalificação urbana

O projeto de requalificação urbana da feira livre parte de uma abordagem transformadora, onde a pavimentação do piso é meticulosamente planejada utilizando blocos de cimento pigmentados. Esses blocos são dispostos de forma a criar um padrão orgânico, conforme ilustrado na Figura 101, que evoca os movimentos sinuosos das águas do Rio Jaguaribe, uma homenagem ao elemento vital que permeia a história e a identidade da região. Inspirado também no brasão da bandeira local, este design incorpora elementos da terra e do rio, simbolizando a interconexão entre a natureza e a comunidade.

Além da estética cuidadosamente pensada, o projeto tem como premissa fundamental a integração harmoniosa de diversos espaços. Desde a rua Falismo Maia e a rua Cel. Malveira até o palco, a praça de alimentação e o galpão, cada elemento é concebido para se unir de forma coesa, criando uma experiência fluida e convidativa para os frequentadores. Esta abordagem visa não apenas requalificar a feira livre, mas também fortalecer os laços sociais e culturais dentro da comunidade, proporcionando um ambiente inclusivo e dinâmico para todos os moradores e visitantes. Vale também salientar que todos os trechos da intervenção são pedestrializados e marcados por pontos de área verde com espécies nativas fazendo referência a carnaúba presente no brasão da bandeira.

Figura 101 - Vista superior



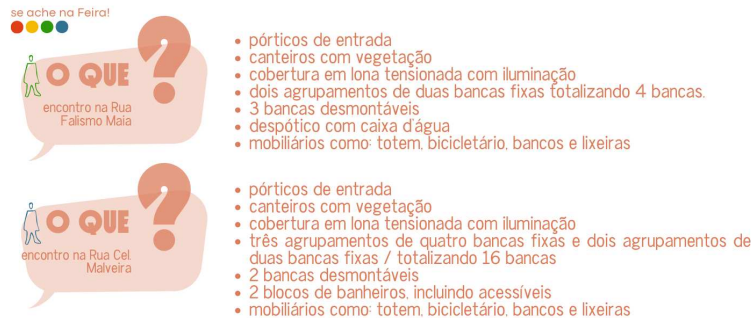
Fonte: Autoria própria (2024)

5.4.1 A Rua Falismo Maia e a Rua Cel. Malveira

Os espaços das ruas onde a Feira Livre se estabelece são palcos de uma série de complexidades urbanas e arquitetônicas. Entre elas, destacam-se a escassez de infraestrutura viária, a carência de espaços verdes, a deficiência na coleta de resíduos e na iluminação pública,

além dos embates entre o fluxo de pessoas e veículos. Para abordar esses desafios de forma abrangente, a proposta de intervenção visa a requalificação das ruas, com um enfoque primordial nos usuários e na sua interação com o ambiente local. Para melhor entendimento do que se encontra em cada rua foi organizada uma lista, conforme ilustrado na Figura 102.

Figura 102 - Lista de elementos da rua Falismo Maia e Cel. Malveira



Fonte: Autoria própria (2024)

O ponto de partida das ruas é demarcado pelo imponente pórtico de entrada, sustentado por uma cobertura de lona tensionada. Essa escolha de cobertura não apenas contribui para melhorar o conforto térmico e o microclima do local, mas também se transforma em uma expressão visual e culturalmente enriquecedora para a região. O design das lonas segue um módulo retangular, que é tensionado apenas em suas extremidades, criando pontas que remetem às pontas presentes na estrela do brasão da bandeira do município. Os bicicletários, por sua vez, são projetados com um design arredondado, harmonizando-se com a estética da pavimentação do piso. Feitos de metal galvanizado e revestidos com uma pintura eletrostática colorida, que reflete a identidade visual da feira livre de forma vibrante e convidativa (ver Figura 103).

Figura 103 - Entrada das ruas Falismo Maia e Cel. Malveira, respectivamente



Fonte: Autoria própria (2024)

Além disso, a iluminação das faixas de rua é integrada à estrutura da cobertura em lona. A iluminação pública é provida por meio de postes metálicos tubulares em alumínio fundido, com acabamento em pintura eletrostática branca, que contém luminárias de LED com potência de 150W na cor branco frio 6500k. Esses postes desempenham também a função de suporte para as lonas de proteção solar. No interior da estrutura, são distribuídos spots de sobrepor cilíndricos em uma variedade de cores, combinados com luminárias com potência de 60W, resultando em uma iluminação mais envolvente e lúdica, como evidenciado na Figura 104.

Figura 104 - Cobertura em lona tensionada e spots da rua Cel. Malveira



Fonte: Autoria própria (2024)

O totem, uma presença constante em todas as entradas, serve como um guia informacional para os frequentadores da feira, fornecendo orientações sobre a localização dos diferentes elementos, como ruas, galpão, palco e praça de alimentação (ver Figura 105). Esses totens são ancorados em bases feitas de concreto estampado reciclado, contribuindo para uma abordagem sustentável e ornamentados por vegetação nativa.

Figura 105 - Totem das ruas Falismo Maia e Cel. Malveira, respectivamente.



Fonte: Autoria própria (2024)

As ruas são delineadas pela presença de bancas, divididos em duas tipologias distintas: as fixas, com dimensões de 2x2 metros, dispostas em arranjos de quatro ou duas; e os desmontáveis, de dimensões 2x1 metros, organizados individualmente. No que diz respeito aos materiais utilizados, o projeto prioriza aqueles com certificação ambiental ou selo ecológico, provenientes de manejo sustentável e recicláveis.

Os elementos estruturais das bancas fixas são confeccionados em madeira laminada colada, um material robusto com grande capacidade de carga, resistência à umidade e menor propensão a deformações do que a madeira maciça. Além disso, apresenta baixa condutividade térmica e mínima expansão térmica. Por ser pré-fabricada, reduz o desperdício e consome menos energia durante a fabricação, podendo ser produzida com madeira de reflorestamento.

Para a cobertura dessas bancas, optou-se pelo uso de telhas trapezoidais tipo sanduíche, conhecidas como "ecotelhado". A versão branca do ecotelhado possui baixa condutividade térmica e reflete o calor, mantendo uma temperatura interna mais agradável. Além disso, possui propriedades retardadoras de fogo, sendo também aplicada nos blocos de banheiros e depósitos ao longo das vias.

Quanto à vedação, foi empregada a placa ecológica Ecofour, fabricada com 100% de material reciclado proveniente de tubos de creme dental. Composta por 75% de plástico (polietileno de baixa densidade) e 25% de alumínio, esta placa é impermeável, oferece isolamento térmico e acústico, não propaga chamas e é altamente resistente a agentes químicos, suportando até 130 Kg por metro quadrado.

No que diz respeito aos materiais utilizados nas bancas desmontáveis, sua estrutura consiste principalmente em um balcão feito de madeira e uma cobertura de lona em diversas cores, conferindo-lhes um aspecto característico de feira. A estrutura das bancas foi projetada em metal galvanizado, com conectores de encaixe simples, permitindo que sejam facilmente montadas, desmontadas, reduzidas ou expandidas de acordo com as necessidades individuais de cada feirante. As Figuras 106 e 107 ilustram o funcionamento da disposição das bancas ao longo das ruas, oferecem uma representação visual de como foram descritas anteriormente, e mostram a presença das áreas verdes, principalmente na rua Cel. Malveira.

Figura 106 - Rua Falismo Maia



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 107 - Rua Cel. Malveira



Fonte: Autoria própria (2024)

Na rua Falismo Maia, um depósito está estrategicamente posicionado entre os módulos de duas bancas fixas, enquanto na rua Cel. Malveira, encontram-se dois blocos de banheiros situados também entre os módulos de duas bancas fixas. Esses blocos de banheiros e depósitos compartilham a mesma cobertura das bancas fixas, além de serem equipados com placas fotovoltaicas adicionais. Os depósitos são equipados com caixas d'água para suprir as necessidades hídricas da feira. Para enriquecer visualmente a experiência da feira, os blocos dos banheiros são adornados em suas paredes externas com elementos que refletem a identidade visual do projeto, incluindo azulejos personalizados e letreiros contendo trechos da música "Feira de Mangaio", conforme ilustra a Figura 108.

Figura 108 - Blocos de banheiros da rua Cel. Malveira



Fonte: Autoria própria (2024)

Os mobiliários adotam um design minimalista, guiado por três princípios fundamentais: versatilidade de uso, durabilidade e eficiência econômica. A seleção e disposição desses elementos

urbanos seguem uma abordagem de arquitetura gentil, visando criar espaços urbanos inclusivos, convidativos e seguros. Ao contrário da chamada "arquitetura hostil", que visa repelir certos grupos sociais e desencorajar a permanência prolongada, aqui, busca-se o oposto: os mobiliários são projetados para incentivar o descanso, oferecer múltiplos usos e estimular a autogestão e a auto-organização típicas da dinâmica da Feira (ver Figura 109).

Os bancos são concebidos em dois modelos retangulares, com bordas arredondadas, feitos de concreto reciclado proveniente das demolições locais do projeto. Além de servirem como assentos, podem funcionar como plataformas para a exposição de produtos, uma prática comum na feira. Adicionalmente, possuem lixeiras integradas em suas extremidades, facilitando o descarte de resíduos para quem utiliza os bancos. As lixeiras, também feitas de concreto, apresentam três tipos: as acopladas aos bancos, as distribuídas pela feira, sendo as menores direcionadas aos usuários e as maiores posicionadas estrategicamente para o descarte pelos feirantes.

Figura 109 - Mobiliários da rua Cel. Malveira



Fonte: Autoria própria (2024)

5.4.2 Palco

A feira livre, principalmente aos sábados, costuma incluir apresentações musicais de menor escala. Com isso em mente, foi concebido um palco de dimensões reduzidas para acomodar essas performances e proporcionar oportunidades para outros tipos de expressões culturais. Estrategicamente centralizado, o palco conecta todos os elementos da feira, permitindo que todas as áreas se beneficiem das apresentações realizadas, promovendo assim uma atmosfera mais vibrante e inclusiva (ver Figura 110).

Figura 110 - Localização do palco



Fonte: Autoria própria (2024)

A escolha da forma circular para o palco foi deliberada para maximizar a sensação de abrangência em relação a todos os pontos da feira. Sua estrutura é delineada por uma rampa circular que percorre todo o perímetro, garantindo acessibilidade, e por canteiros com vegetação, proporcionando áreas verdes neste espaço também. Todos esses elementos são construídos com cimento reciclado, reforçando o compromisso com a sustentabilidade (ver Figura 111).

A cobertura do palco segue o mesmo princípio das coberturas de sombreamento das ruas, com a única diferença sendo sua forma circular. No entanto, sua estrutura é sustentada por postes metálicos tubulares em alumínio fundido, com acabamento em pintura eletrostática branca, proporcionando uma base robusta e estável. O interior do palco é equipado com spots cilíndricos de sobrepor, garantindo uma iluminação adequada para as apresentações noturnas e contribuindo para criar uma atmosfera envolvente e acolhedora durante os eventos realizados.

Figura 111 - Palco

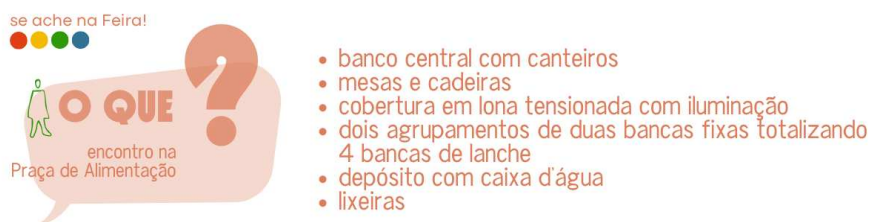


Fonte: Autoria própria (2024)

5.4.3 Praça de alimentação

A praça de alimentação está situada ao longo da rua Cel. Malveira, concebida com a ideia de reunir as barracas que vendem lanches de rua em um único espaço. Este conceito visa criar um ponto de encontro para este estilo de venda, oferecendo também uma área adequada para os clientes desfrutarem de suas refeições. A Figura 112 apresenta um checklist com os elementos encontrados na praça de alimentação.

Figura 112 - Lista de elementos da Praça de Alimentação



Fonte: Autoria própria (2024)

As bancas e o depósito seguem a mesma configuração encontrada na rua Falismo Maia, com dois conjuntos de duas bancas fixas posicionadas nas extremidades e o depósito localizado ao centro (ver Figura 113). Quanto à materialidade, esses elementos seguem o mesmo padrão adotado ao longo da rua. Suas estruturas são feitas de madeira laminada colada, enquanto a vedação é feita com placas ecológicas Ecofour, proporcionando uma abordagem sustentável. As coberturas são compostas por telhas trapezoidais do tipo sanduíche. Além disso, há a presença de placas fotovoltaicas sobre a cobertura do depósito, contribuindo para a geração de energia solar, e caixas d'água para atender às necessidades hídricas do local.

Figura 113 - Vista Praça de Alimentação



Fonte: Autoria própria (2024)

A praça é concebida como um espaço multifuncional que inclui não apenas áreas de permanência, mas também uma faixa destinada à carga e descarga. A área de permanência no local é delimitada por dois bancos com uma largura de 1 metro, acompanhados por mesas e cadeiras dispostas ao seu redor. Os bancos também são complementados por canteiros, os quais realçam a presença de áreas verdes nesse espaço.

Quanto à cobertura, optou-se pelo mesmo material de lona tensionada, porém em uma tipologia diferente. A intenção era criar uma cobertura mais uniforme e estável, proporcionando uma proteção direta à área. Sua forma semicircular foi alinhada à paginação do piso, conferindo uma sensação de continuidade espacial, e fazendo analogia ao nascer do sol presente no brasão da bandeira da cidade (ver Figura 114).

A iluminação das mesas é fornecida por perfis de LED com uma potência de 60W, seguindo o contorno da cobertura, enquanto as outras áreas são iluminadas utilizando a mesma tipologia de postes adotada nas outras partes do projeto. Além dos canteiros de áreas verdes nos bancos, também foram incorporados canteiros atrás das bancas, com árvores, visando proporcionar sombreamento e proteção contra a incidência solar. Adicionalmente, uma faixa de barreira vegetal foi estabelecida entre a praça e o galpão, com o propósito de direcionar e organizar o fluxo de pessoas entre esses dois ambientes distintos.

Figura 114 - Praça de Alimentação



Fonte: Autoria própria (2024)

5.4.3 Galpão das Verduras

A reformulação e reorganização do galpão teve como ponto de partida a revisão da disposição das bancas e a criação de áreas de convivência, banheiros, depósitos e bebedouros. A Figura 115 ilustra dentro da cobertura do galpão. Além disso, houve uma mudança no tipo de piso, que foi substituído por granilite, e foram instaladas rampas nas calçadas para garantir acessibilidade a todos os usuários (ver Figura 116).

Figura 115 - Lista de elementos do Galpão das Verduras



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 116 - Rampas de acessibilidade nas calçadas



Fonte: Autoria própria (2024)

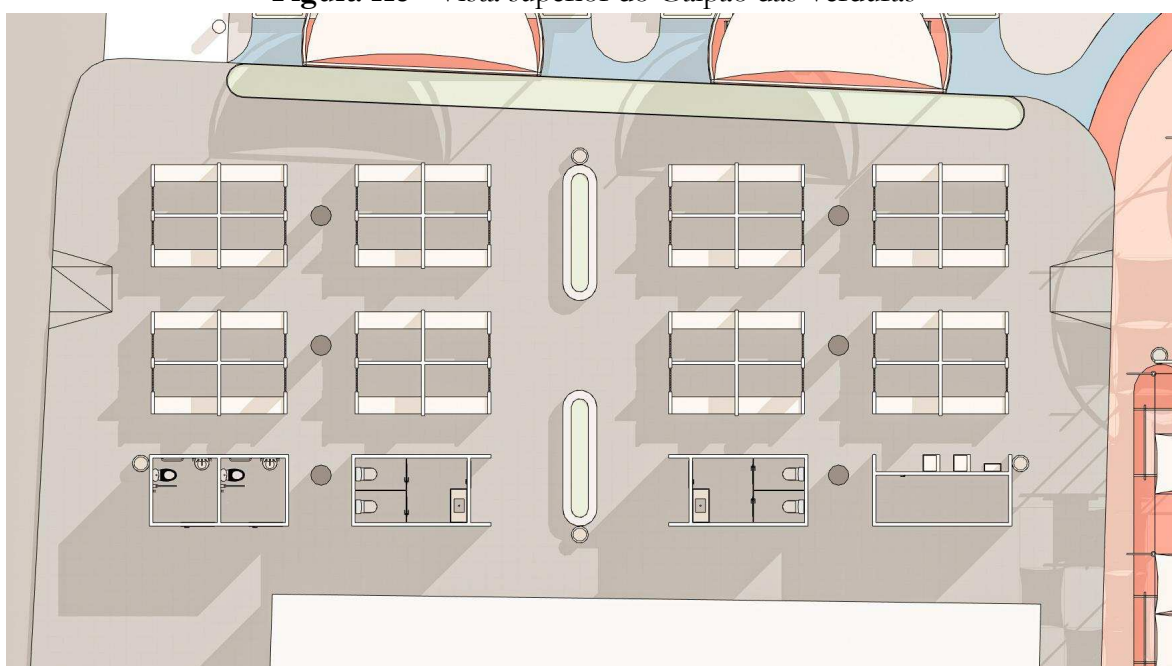
Dentro do galpão, o movimento das pessoas é organizado por três fileiras de blocos que criam dois corredores: o primeiro é composto apenas por bancas, enquanto o segundo inclui bancas, blocos de banheiro e depósito (ver Figura 117 e 118). Esses corredores são interrompidos por um canteiro central localizado no meio do espaço. Este canteiro central, marcado pela vegetação nativa, cria um local de convivência coberto para os frequentadores. Além disso, lixeiras são distribuídas pelas extremidades do espaço, contribuindo para a manutenção da higiene e limpeza no ambiente.

Figura 117 - Vista aérea do Galpão das Verduras



Fonte: Autoria própria (2024)

Figura 118 - Vista superior do Galpão das Verduras



Fonte: Autoria própria (2024)

Foi imprescindível repensar a cobertura, melhorando sua estrutura e conferindo-lhe uma nova identidade. A nova cobertura apresenta um design ondulado, harmonizando-se com a paginação do piso da feira. Optou-se pela utilização de madeira laminada colada como material estrutural, oferecendo flexibilidade e adaptabilidade ao projeto, permitindo a criação de vigas curvas e a cobertura de vãos espaçosos. Para o fechamento, foram empregadas placas cimentícias impermeabilizadas, proporcionando leveza e fluidez ao conjunto (ver Figura 119).

A sustentação da cobertura é garantida por quatro pilares robustos de cimento, que oferecem a base necessária para sua sustentação. A iluminação é realizada por meio de perfis de LED com potência de 60W, instalados ao longo das vigas robustas que também auxiliam na sustentação. Esse sistema de iluminação dinâmica proporciona uma maior atratividade ao ambiente, contribuindo para uma experiência visualmente envolvente..

Figura 119 - Galpão das Verduras



Fonte: Autoria própria (2024)

A sustentação da cobertura é garantida por quatro pilares robustos de cimento, que oferecem a base necessária para sua sustentação. A iluminação é realizada por meio de perfis de LED com potência de 60W, instalados ao longo das vigas robustas que também auxiliam na sustentação. Esse sistema de iluminação dinâmica proporciona uma maior atratividade ao ambiente.

As bancas dentro do galpão não necessitam de cobertura adicional, uma vez que já estão abrigadas pela estrutura do próprio galpão. Elas são dispostas em módulos de quatro bancas, separadas por divisórias mais altas entre elas e meia-parede em suas extremidades, possuindo uma dimensão individual de 2 x 1,5 metros. Estas bancas são pintadas com as mesmas cores encontradas na paginação do piso e também são decoradas com os azulejos personalizados que adornam as paredes dos banheiros da rua Cel. Malveira (ver Figura 120).

Figura 120 - Bancas do Galpão das Verduras



Fonte: Autoria própria (2024)

Os banheiros são divididos em três blocos distintos: um feminino, outro masculino e um terceiro com dois banheiros acessíveis. Eles seguem a mesma paleta de cores utilizada nas bancas e são cobertos por uma laje. O depósito segue a mesma estética de pintura e apresenta uma meia parede decorada com os mesmos azulejos encontrados nas bancas. Esta parede é destinada à instalação dos bebedouros, conforme mostrado na Figura 121.

Figura 121 - Bebedouros



Fonte: Autoria própria (2024)

Com o objetivo de proporcionar uma compreensão mais abrangente do estudo preliminar, organizou-se os desenhos técnicos localizados nas pranchas dos apêndices. Neste documento pode-se analisar a localização e situação da intervenção, como também-se a implantação de forma mais precisa, entre outros desenhos, como cortes e plantas baixas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa, explorou-se as possibilidades e desafios enfrentados pela Feira Livre de Limoeiro do Norte, CE, e a proposta de um projeto que visa tornar esse espaço mais sustentável e inclusivo. Mostrando que o desenvolvimento sustentável em áreas urbanas vai além das preocupações ambientais, abrangendo também aspectos sociais e econômicos. Nas cidades, que são complexas e interligadas, temos oportunidades, mas também enfrentamos obstáculos relacionados à infraestrutura, qualidade de vida e resiliência ambiental.

Ao realizar a análise e o estudo preliminar da requalificação, vislumbrou-se um futuro promissor para a Feira Livre. Estratégias construtivas sustentáveis que abordem questões urbanas, de infraestrutura e culturais foram propostas, transformando o ambiente em algo mais atraente, inclusivo e funcional. Espera-se que esse trabalho não sirva apenas de inspiração, mas também motive ações concretas para melhorar o bem-estar das gerações presentes e futuras.

Assim, espera-se que esta intervenção contribua para elevar o potencial da área em questão, proporcionando novas perspectivas de uso para os usuários e reafirmando a importância desse local para a comunidade limoeirense. Este é um esforço que vai além do contexto acadêmico de um trabalho de conclusão de curso, sendo impulsionado pelo desejo pessoal de transformar Limoeiro do Norte, a "princesinha do vale", um lugar melhor, onde "as portas e janelas estão sempre abertas, para a sorte entrar", como nos versos da música "Vilarejo".

REFERÊNCIAS

ABNT. NBR 9050: Acessibilidade as edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020.

ALMEIDA, Mirella Dias; PENA, Paulo Gilvane Lopes . Feira livre e risco de contaminação alimentar: estudo de abordagem etnográfica em Santo Amaro, Bahia. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 35, n. 1, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.22278/2318-2660.2011.v35.n1.a1021>>. Acesso: 17 out. 2023

MOTA, L. H. S.; CRUZ, D.R.C.; LIMA, J. S.; SANTANA, M. I. Práticas Extensionistas: um Relato Experienciado na Feira Livre de Santo Antônio de Jesus - BA. 2012.

ALMEIDA, S. P. N. C. Fazendo a Feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da feira livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2009.

ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. Organização espacial e questão ambiental: o caso de Limoeiro do Norte – Ceará. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Ceará. Fortaleza. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 15220-3: Desempenho térmico de edificações Parte 3: Zoneamento bioclimático brasileiro e diretrizes construtivas para habitações unifamiliares de interesse social. Rio de Janeiro, 2005.

BERNARDINO, V. M. P. A mobilidade da força de trabalho e do consumo nas feiras de Maringá (PR-Brasil) e de Leiria (Portugal): a resistência do setor no contexto do capitalismo global. 2015. 216 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOFF, L. Sustentabilidade: tentativa de definição. 2012. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2012/01/15/sustentabilidade-tentativa-de-definicao/>.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS. Edital nº 11/08 - Unidade Familiares de Produção Agroecológica Sustentável. Brasília/DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS. Feiras Livres da Agricultura Familiar: Roteiro de Implantação. 2007.

_____. CARTA DE LISBOA SOBRE A REABILITAÇÃO URBANA INTEGRADA. 1º Encontro Luso Brasileiro de Reabilitação Urbana em Lisboa. Lisboa, 1995.

CARLOS, Ana Fani A. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CARVALHO, T. Feiras livres da agricultura familiar. 2016. Disponível em: <http://agrario.mg.gov.br/feiras-livres-da-agricultura-familiar/>.

CHOAY, Françoise; MERLIN, Pierre. Dictionaire de l'urbanisme et l'aménagement. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

CIB (International Council for Research and Innovation in Building and Construction), Agenda 21 on Sustainable Construction, 2002.

Cole A. C.; Kopittke E. C.; Leite L. L. F.; Andrade M. C. Mincarone M. M.; Schneider R. Z. *FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE: tradição e contemporaneidade na feira das feiras*. 2023. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/169191245/-Feira-Central-de-Campina-Grande-2023>. Acesso: 22 out. 2023

CORRÊA, Lásaro Roberto. Sustentabilidade na construção civil. Monografia (Curso de Especialização em Construção Civil)-Escola de Engenharia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

COSTA, Thalia Monise Silva. Anteprojeto do centro cultural Márcia Mendonça, em Limoeiro do Norte/CE. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

DEL RIO, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. São Paulo: Pini, 1990.

DIAZ-BERRIO, Salvador ; ORIVE B., Olga. Terminología general en materia de conservación del patrimonio cultural prehispánico. Roma, Mimeo/Iccrom: 1974

FABRÍCIO, Edmar Pereira; BRUM, Nelci Denti; PINTO, Rodrigo Barcelos; KÖHLER, Felipe Ariel. *Planejamento urbano sustentável*. Brazilian Journal of Development, v. 5, n. 2, p. 1326-1338, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/1107/957> . Acesso em: 17 out. 2023.

FARR, D. Urbanismo sustentável. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

Feira da Cidade / MEIA DOIS NOVE Arquitetura & Consultoria" 03 Jul 2014. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/623364/feira-da-cidade-meia-dois-nove-arquitetura-e-consultoria> Acesso: 22 out. 2023

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GEHL, Jan. Cidades Para Pessoa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1936. Tradução Anita Di Marco.

IBDAIWI, Thiago Kader Rajeh et al. Entre o campo e a cidade: as feiras livres. A ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO: DO CRESCIMENTO ECONÔMICO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, v. 1, n. 1, p. 100-116, 2023.

IBGE. Cidades e Estados. Limoeiro do Norte. 2021. Disponível em: . Acesso em: 25 de setembro de 2023.

IBGE. Limoeiro do Norte. 2022. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/limoeiro-do-norte/panorama>. Acesso em: 22/07/2023

IPECE. Perfil Municipal. Limoeiro do Norte. 2017. Disponível em: . Acesso em: 25 de setembro de 2023.

INSTITUTO KAIRÓS; BADUE, A.F. B.; GOMES, F. F. F. Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras. São Paulo: Instituto Kairós, 2011.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Editora WMFmartinsfontes, (coleção cidades 3ª edição), 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTÍFICA - 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2008.

LEITE, Carlos. Cidades inteligentes, cidades sustentáveis. Bookman. Porto Alegre, 2012.

LIMA, Lauro de Oliveira. Na ribeira do rio das onças. Fortaleza: Assis Almeida, 1997.

LIMA, T.; CÂMARA, T. Importância cultural da feira livre para a população do município de Parnamirim/RN. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte–IFRN, 2010.

LIMOEIRO DO NORTE (CE). Lei nº 2.055, de 27 de agosto de 2018. Institui o Código de Obras do Município de Limoeiro do Norte e dá outras providências. Limoeiro do Norte: Prefeitura Municipal de Limoeiro do Norte, 2018. Disponível em: https://www.limoeirodonorte.ce.gov.br/arquivos/392/LEIS_2.055_2018_0000001.pdf. Acesso em 31 jan. 2024.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v.2, n.4, p.72-87, ago. 2008.

MATOS, Fátima. Espaços Públicos e qualidade de vida nas cidades: o caso de cidade porto. In: *Observatorium: Revista eletrônica de Geografia*. v.2, n.4. 2010.

MASCARÓ, J. L.; YOSHINAGA, M. Infra-estrutura urbana. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2005.

Mendes de Vasconcellos, L., & Fernandes de Mello, M. C. (2008). TERMINOLOGIAS EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE. *RUA: Revista De Urbanismo E Arquitetura*. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3232>

MENEZES, V. P. L. As feiras livres em Fortaleza - retrato da polissemia urbana. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL. 2020. Carta brasileira para cidades inteligentes. 2020.

Disponível em:

<<https://www.gov.br/cidades/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/desenvolvimento-urbano-e-metropolitano/projeto-andus/carta-brasileira-para-cidades-inteligentes/CartaBrasileiraParaCidadesInteligentes2.pdf>> Acesso em: 17 out. 2023.

MOURA, José Gledson Nogueira de. Políticas culturais e gestão cultural: a secretaria municipal da cultura e do turismo (semuc) de limoeiro do norte(2005 a 2010). 2011. 128 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciencias Sociais, Universidade Federal do Rio Grande de Norte, Natal, 2011.

NAÇÕES UNIDAS, Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: Nosso Futuro Comum. 1987. Disponível em: <<http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>>. Acesso em: 17 out. 2023.

NORA, F. D.; DUTRA, M. R. P. Etnografando feiras livres em praças de Santa Maria-RS: as feiras ecológicas da Praça Saturnino de Brito e da Praça Saldanha Marinho. In: Somos todas mulheres iguais! Estudo antropológico sobre feira, gênero e campesinato (E-book) - São Leopoldo: Oikos, 2015.

NOTTINGHAM, Mariana. Feirinha Beira-mar. Fortaleza, 2022. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/990208/feirinha-beira-mar-marina-nottingham>>. Acesso em 19 de out. 2023.

PEREIRA, Viviane; BRITO, Tayrine; PEREIRA, Samanta. A feira-livre como importante mercado para a agricultura familiar em Conceição do Mato Dentro (MG). **Revista Ciências Humanas**, v. 10, n. 2, 2017.

PINTO, Moisés Augusto Tavares; MORAES, André de Oliveira. Espaço e economia: Crises e perspectivas no abastecimento em Manaus, Amazonas, Brasil. Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL, 2011, P.1-14.

PINTO, T. P. Metodologia para a gestão diferenciada de resíduos sólidos da construção urbana. São Paulo, 1999. 189 f. Tese (Doutorado) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

PREFEITURA DE LIMOEIRO DO NORTE. Buchada da Adélia. 2022. Disponível em: . Acesso em: 21 de agosto de 2023.

PREFEITURA DE LIMOEIRO DO NORTE. Mestres do Mundo se encontram em Limoeiro do Norte. 2017. Disponível em: . Acesso em: 06 de março de 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMOEIRO DO NORTE. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Limoeiro do Norte – PDM. LEI MUNICIPAL 2051/2018. Limoeiro do Norte. Ceará. Prefeitura Municipal. 2018

PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.cidadessustentaveis.org.br/>

PROJETEE - Projetando Edificações Energeticamente Eficientes. Estratégias bioclimáticas. Laboratório de Eficiência Energética em Edificações: LabEEE/UFSC. Disponível em:< http://www.mme.gov.br/projeteee/dados-climaticos/?cidade=CE-Jaguaruana&id_cidade=bra_c_e_jaguaruana.824930_inmet >. Acesso em: 23 out.2023.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. A respeito da morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. In: Acta Scientiarum Technology, v.33, n.2, p. 123-127, Maringá, 2011. Disponível em: . Acesso em: 12 de agosto de 2023.

ROLIM, Leonardo Cândido. Tempo das carnes no Siará Grande: dinâmica social, produção e comércio de carnes secas na Vila de Santa Cruz do Aracati (c.1690-c.1802). João Pessoa, 2012.

SALLEM, Angela Leitão. Morfologia e Desenho Urbano na Configuração da Cidade Planejada: O caso de Curitiba. Curitiba. 2006.

SARTORI, S.; LATRONICO, F; CAMPOS, L. M. S. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. Ambiente & Sociedade. 2014, vol.17, n.1.

SECULT. Mapa Cultural do Ceará. Biblioteca Municipal Dr. João Eduardo Neto. 2023. Disponível em: . Acesso em: 31 de setembro de 2023.

SECULT. Governo do Estado do Ceará. Encontro Mestres do Mundo. 2023. Disponível em: . Acesso em: 06 de setembro de 2023.

SECULT. Mapa Cultural do Ceará. Boi Pai do Campo.2023. Disponível em: . Acesso em: 31 de setembro de 2023.

SILVA, Andrea da. Sustentabilidade em empreendimentos de feiras livres. 2017. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/handle/10737/1590>> . Acesso: 17 out. 2023

SILVA, D. De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014

SILVA, R.; SATO, M. Territórios e identidades: mapeamento dos grupos sociais do Estado de Mato Grosso – Brasil. Ambiente & Sociedade. vol.13, n.º.2, 2010.

SOUZA, Ana Joaquina Barbosa de. Morar bem: estudo preliminar de requalificação urbana do conjunto habitacional São Pedro, em Campo Grande-RN. 2023.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. 3. ed. São Paulo: Manole, 2015.

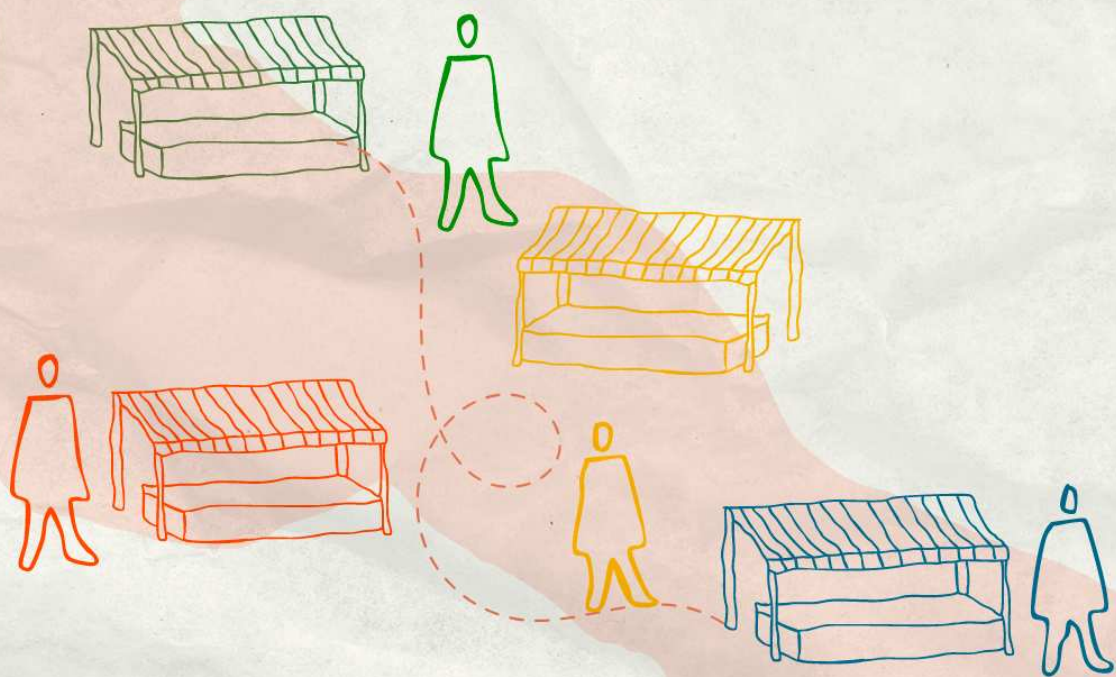
VAZ, Lilian; JAQUES, Paola Berenstein. Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana. In: Anais do IX Encontro Nacional da Anpur. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001, p. 664- 74.

WINCKLER, Denise Ries. Feira-livre para Foz do Iguaçu: utilização do bambu como tecnologia construtiva. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. UNILA.

APÊNDICE

Esta seção deste trabalho apresenta alguns informativos adicionais, tal qual os questionários aplicados, os desenhos técnicos e o álbum digital com as imagens geradas do projeto de requalificação.

Sândya Paula Pereira Regis



A VIDA ACONTECE NA RUA:

Proposta de Requalificação Urbanística
da Feira Livre de Limoeiro do Norte/CE.

Esta é uma pesquisa de Bacharelado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRSA. Suas opiniões aqui expressas são confidenciais, e serão utilizadas para avaliar sua percepção quanto ao espaço público da Feira Livre de Limoeiro do Norte. O trabalho estará disponível para consulta em 2024, no repositório e biblioteca da universidade. Obrigada pela colaboração, Sândya Paula Pereira Regis.

Entrevista Nº 02 - Feirantes

Data: ____/____/____

Hora: ____:____

SESSÃO 01: SOBRE VOCÊ

01- Qual seu gênero?

- ☐ Masculino
☐ Feminino
☐ Outro

02- Qual sua idade?

- ☐ Entre 25 a 35 anos
☐ Entre 36 a 45 anos
☐ Entre 46 a 55 anos
☐ Acima de 55 anos

03- Você reside em Limoeiro do Norte?

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Qual cidade: _____

04- Que tipo de produto você comercializa?

SESSÃO 02: SOBRE A FEIRA LIVRE

05- Com que frequência você vem à feira?

- ☐ Todos os dias
☐ Somente aos sábados
☐ Quase todos os dias

06- Há quanto tempo você trabalha na feira?

07- Você considera a feira livre patrimônio imaterial da cidade?

- ☐ Sim
☐ Não

08- Onde fica sua barraca?

- ☐ Galpão
☐ Rua

09- Você tem algum vínculo afetivo com a feira livre?

- ☐ Sim
☐ Não

10- Considerando um projeto futuro para requalificação da feira livre, o que você gostaria de ver?

- ☐ Banheiros e vestiários
☐ Praça de alimentação
☐ Espaços para crianças
☐ Mais arborização
☐ Melhoria em limpeza, iluminação e segurança
☐ Depósitos
☐ Espaço cultural
☐ Pequenas praças com bancos
☐ Mais barracas com vendas
☐ Outro: _____

11- Em uma escala de 0 a 5, o quanto você considera importante a implementação desses equipamentos?

- ☐ 1 (não é necessário)
☐ 2 (pouco necessário)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (necessário)
☐ 5 (muito necessário)

12- Você herdou a barraca de algum parente?

- ☐ Sim

- ☐ Não

13- Você cultiva/produz os produtos que vende?

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Apenas alguns

14- De onde vem os produtos que não são produzidos por conta própria?

SESSÃO 03: SOBRE A QUALIDADE AMBIENTAL

15- Sobre a sua sensação de higiene na feira e no galpão?

- ☐ 1 (não é higiênico)
☐ 2 (pouco higiênico)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (higiênico)
☐ 5 (muito higiênico)

16- Sobre a sua sensação de segurança na feira e no galpão?

- ☐ 1 (não é seguro)
☐ 2 (pouco seguro)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (seguro)
☐ 5 (muito seguro)

17- Sobre a sua sensação de temperatura durante o dia na feira e no galpão?

- ☐ 1 (não é confortável)
☐ 2 (pouco confortável)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (confortável)
☐ 5 (muito confortável)

18- Sobre a estética da feira e do galpão?

- ☐ 1 (não é atrativa)
☐ 2 (pouco atrativa)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (atrativa)
☐ 5 (muito atrativa)

19- Sobre a organização das bancas?

- ☐ 1 (não é organizada)
☐ 2 (pouco organizada)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (organizada)
☐ 5 (muito organizada)

SESSÃO 04: SOBRE A SATISFAÇÃO DOS ESPAÇOS E PRODUTOS

20- Sobre a estrutura das bancas de venda?

- ☐ 1 (nada satisfeito)
☐ 2 (pouco satisfeito)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (satisfeito)
☐ 5 (muito satisfeito)

21- Sobre a organização das barracas dos produtos?

- ☐ 1 (nada satisfeito)
☐ 2 (pouco satisfeito)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (satisfeito)
☐ 5 (muito satisfeito)



Esta é uma pesquisa de Bacharelado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFERSA. Suas opiniões aqui expressas são confidenciais, e serão utilizadas para avaliar sua percepção quanto ao espaço público da Feira Livre de Limoeiro do Norte. O trabalho estará disponível para consulta em 2024, no repositório e biblioteca da universidade. Obrigada pela colaboração, Sândya Paula Pereira Regis.

Entrevista Nº 01 - Usuários Data: ____/____/____

Hora: ____:____

SESSÃO 01: SOBRE VOCÊ

01- Qual seu gênero?

- ☐ Masculino
☐ Feminino
☐ Outro

02- Qual sua idade?

- ☐ Entre 15 a 24 anos
☐ Entre 25 a 35 anos
☐ Entre 36 a 45 anos
☐ Entre 46 a 55 anos
☐ Acima de 55 anos

03- Você reside em Limoeiro do Norte?

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Qual cidade: _____

04- Se não, com qual frequência vem a cidade?

- ☐ Diariamente
☐ Semanalmente
☐ Quinzenalmente
☐ Mensalmente
☐ Anualmente

05- Qual sua profissão?

SESSÃO 02: SOBRE A FEIRA LIVRE

06- Com que frequência você vem à feira?

- ☐ Diariamente
☐ Semanalmente
☐ Quinzenalmente
☐ Mensalmente
☐ Quase nunca venho

07- Qual motivo lhe trouxe a feira?

- ☐ Entretenimento/Lazer
☐ Acompanhar alguém
☐ Negócios / Trabalho
☐ Fazer compras
☐ Outro

08- Você considera a feira livre patrimônio imaterial da cidade?

- ☐ Sim
☐ Não

09- A feira faz parte da sua história pessoal? Como?

10- Considerando um projeto futuro para requalificação da feira livre, o que você gostaria de ver?

- ☐ Banheiros
☐ Praça de alimentação
☐ Espaços para crianças
☐ Mais arborização
☐ Melhoria em limpeza, iluminação e segurança
☐ Espaço cultural
☐ Pequenas praças com bancos
☐ Mais barracas com vendas
☐ Outro: _____

11- Em uma escala de 0 a 5, o quanto você considera importante a implementação dessas melhorias?

- ☐ 1 (não é necessário)
☐ 2 (pouco necessário)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (necessário)
☐ 5 (muito necessário)

SESSÃO 03: SOBRE A QUALIDADE AMBIENTAL

12- Sobre a sua sensação de higiene na feira e no galpão?

- ☐ 1 (não é higiênico)
☐ 2 (pouco higiênico)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (necessário)
☐ 5 (muito higiênico)

13- Sobre a sua sensação de segurança na feira e no galpão?

- ☐ 1 (não é seguro)
☐ 2 (pouco seguro)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (seguro)
☐ 5 (muito seguro)

14- Sobre a sua sensação de temperatura durante o dia na feira e no galpão?

- ☐ 1 (não é confortável)
☐ 2 (pouco confortável)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (confortável)
☐ 5 (muito confortável)

15- Sobre a estética da feira e do galpão?

- ☐ 1 (não é atrativa)
☐ 2 (pouco atrativa)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (atrativa)
☐ 5 (muito atrativa)

16- Sobre a organização das bancas?

- ☐ 1 (não é organizada)
☐ 2 (pouco organizada)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (organizada)
☐ 5 (muito organizada)

SESSÃO 04: SOBRE A SATISFAÇÃO DOS ESPAÇOS E PRODUTOS

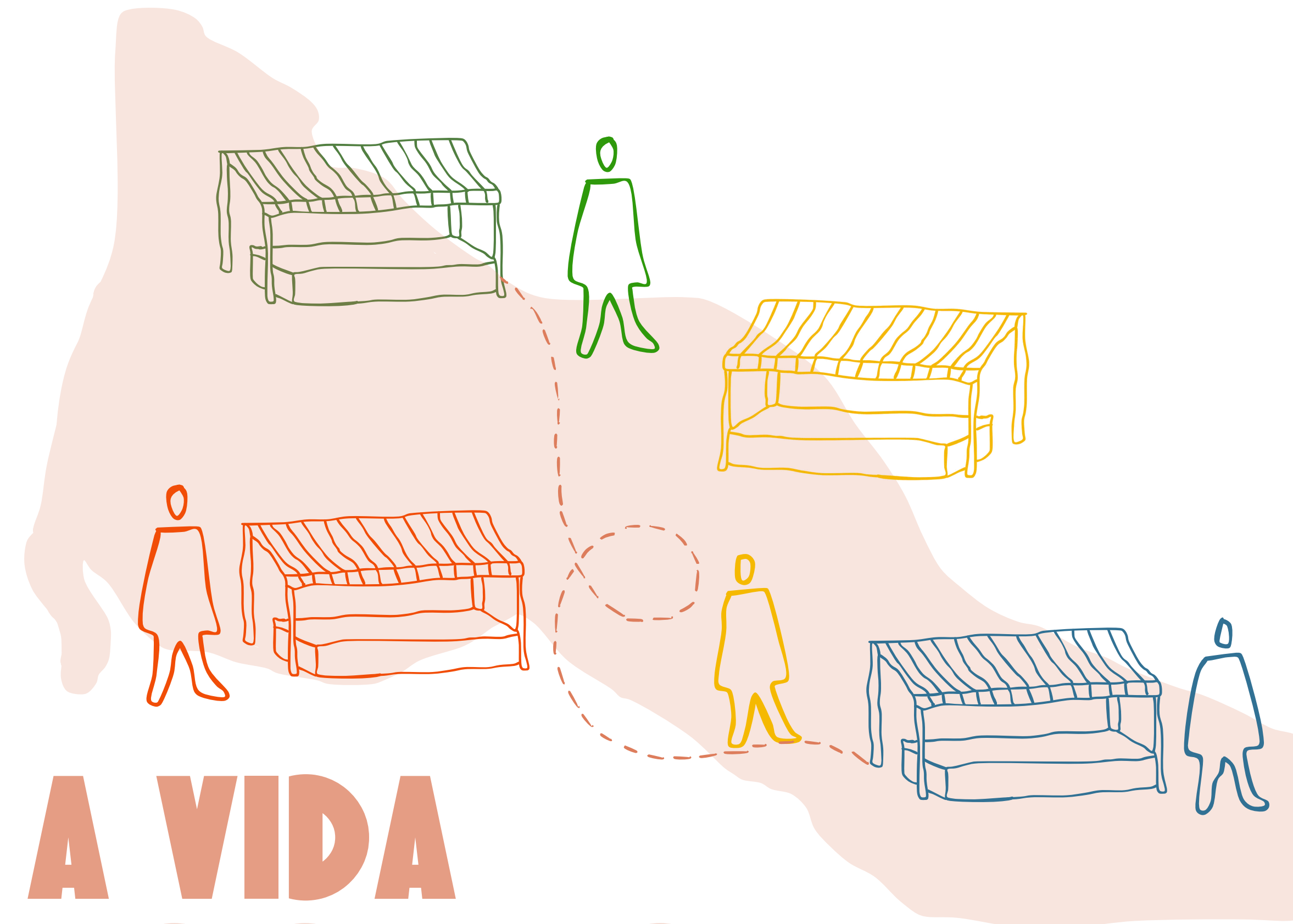
17- Sobre a estrutura das bancas de venda?

- ☐ 1 (nada satisfeito)
☐ 2 (pouco satisfeito)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (satisfeito)
☐ 5 (muito satisfeito)

18- Sobre a organização das barracas dos produtos?

- ☐ 1 (nada satisfeito)
☐ 2 (pouco satisfeito)
☐ 3 (neutro)
☐ 4 (satisfeito)
☐ 5 (muito satisfeito)





A VIDA ACONTECE NA RUA:

Proposta de Requalificação Urbanística
da Feira Livre de Limoeiro do Norte/CE.

Sândya Paula Pereira Regis



Introdução ao Trabalho de Conclusão do Curso
Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dra. Anna Cristina

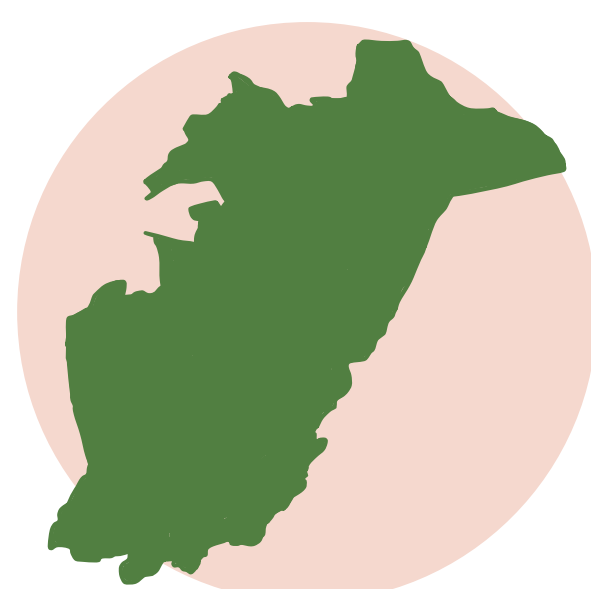




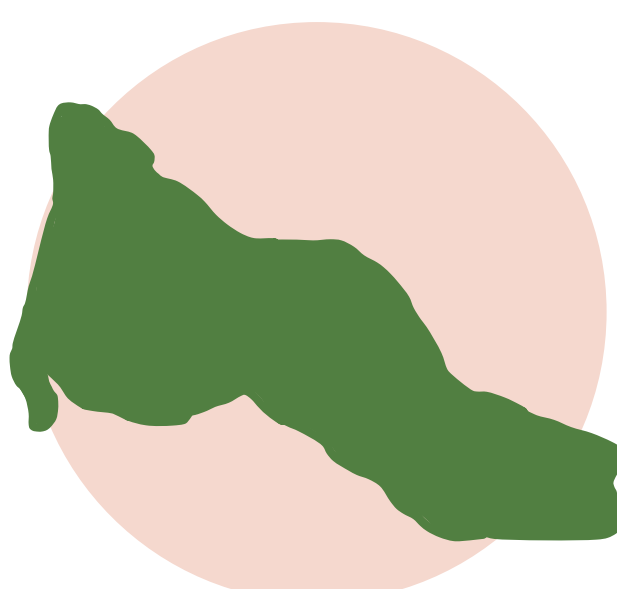
BRASIL



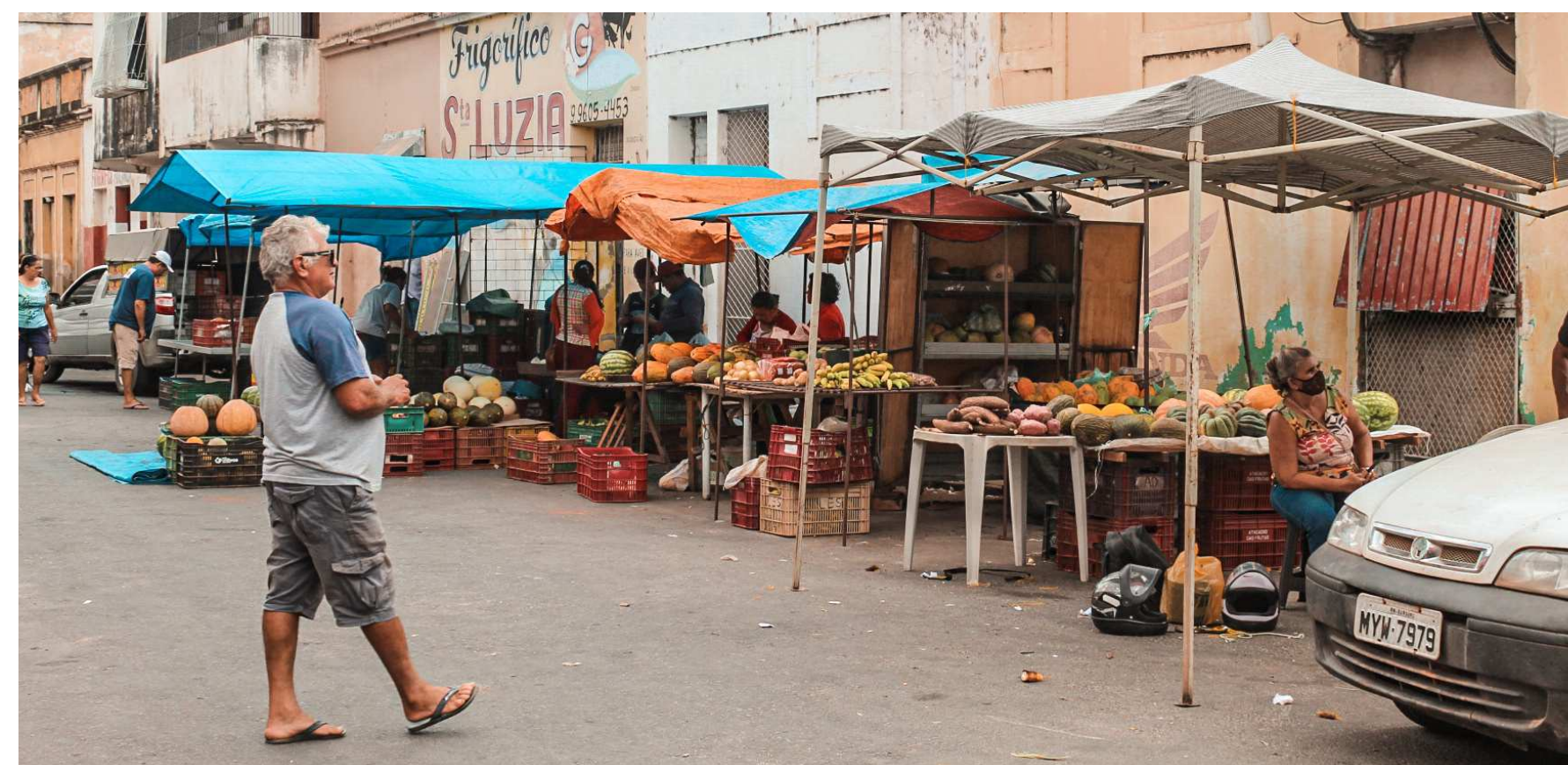
CEARÁ



VALE DO
JAGUARIBE



LIMOEIRO
DO NORTE



junt
misturado

projeto de
requalificação urbana

UFERSA

ARQUITETURA
E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TIPOLOGIA DE USO E OCUPAÇÃO:
REQUALIFICAÇÃO DA FEIRA LIVRE

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

DISCENTE:
SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

LOCALIZAÇÃO:
LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ, BRASIL



01 09

W 38°06'18"

W 38°05'55.68"

W 38°05'42"

S 5°08'39.84"

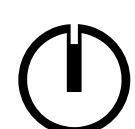
S 5°08'39.84"

LOCALIZAÇÃO

W 38°06'18"

W 38°05'55.68"

W 38°05'42"

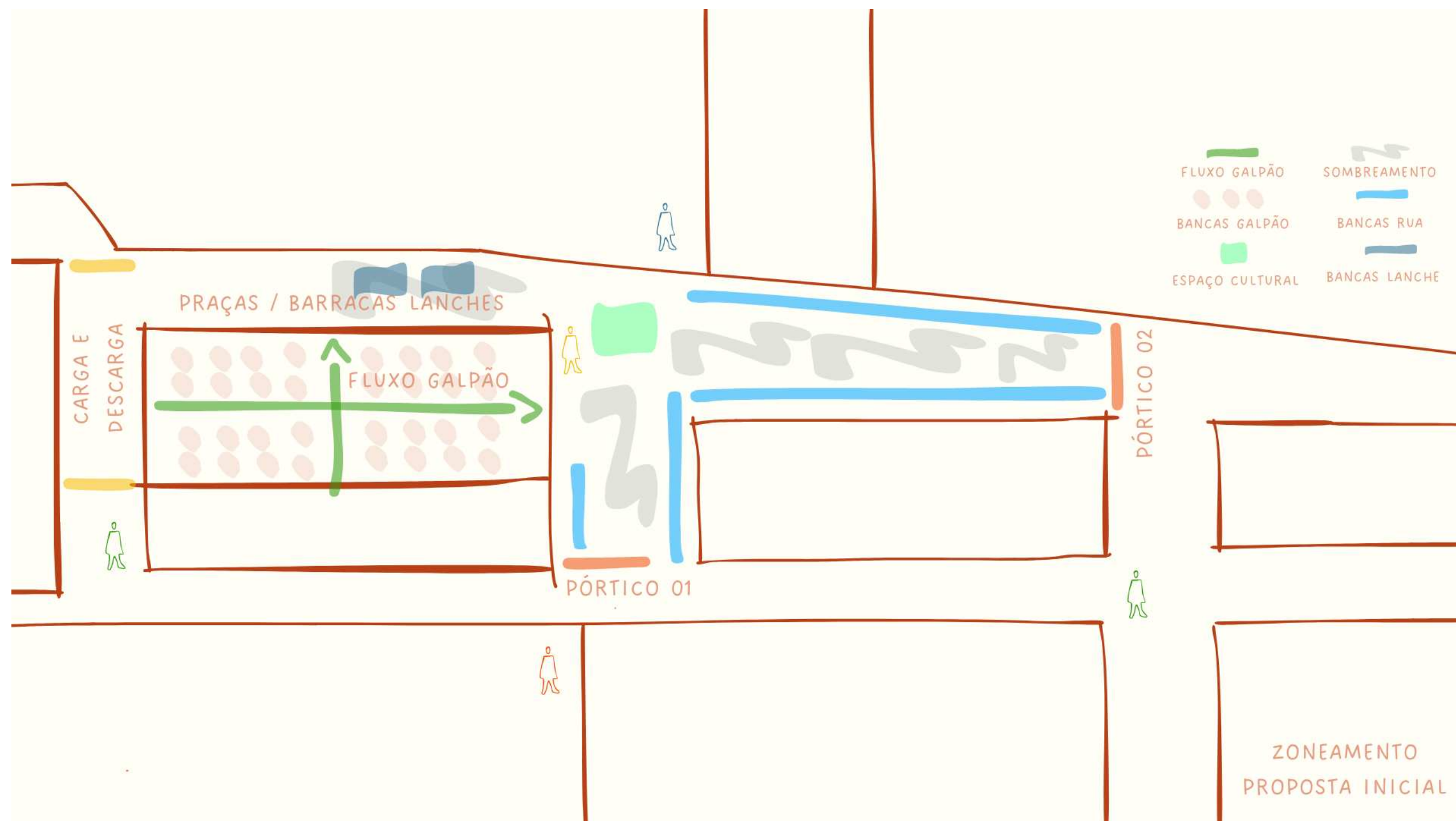


0M 100M 200M 300M 400M

Galpão das Verduras e Feira Livre



Zoneamento Proposta Inicial
SEM ESC.





IMPLANTAÇÃO
ESC 1/100

Rua Cap. João Enês

Rua Cel. Malveira

Rua Falismo Maia

Rua Cel. Malveira

Av. Dom Aureliano

Travessia Anísio Batista

-  Praça de Alimentação
-  Galpão das Verdura
-  Palco
-  Rua Falismo Maia
-  Rua Cel. Malveira

junt
misturado

UFERSA

ARQUITETURA
E URBANISMO

TIPOLOGIA DE USO E OCUPAÇÃO:
REQUALIFICAÇÃO DA FEIRA LIVRE

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

DISCENTE:
SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

LOCALIZAÇÃO:
LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ, BRASIL



PLANTA BAIXA
ESC 1/100

Rua Cap. João Enês

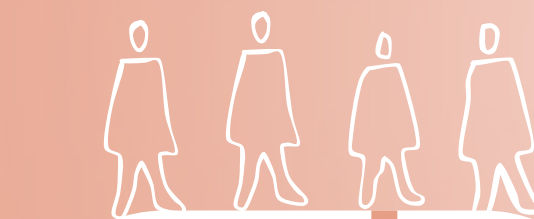
Rua Cel. Malveira

Rua Falismo Maia

Rua Dom Aureliano Matos

Rua Cel. Malveira

Travessa Anísio Batista



03

09

TIPOLOGIA DE USO E OCUPAÇÃO:
REQUALIFICAÇÃO DA FEIRA LIVRE

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

DISCENTE:
SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

LOCALIZAÇÃO:
LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ, BRASIL

junt
misturado

projeto de
requalificação urbana

UFERSA

ARQUITETURA
E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

VISTA SUPERIOR - Quantitativo
ESC 1/100

- 5 Blocos de banheiros
- 3 Blocos de depósitos
- 5 Bancas tipo A
- 12 Bancas tipo B
- 12 Bancas tipo C
- 32 Bancas tipo D

TIPOLOGIA DE USO E OCUPAÇÃO:
REQUALIFICAÇÃO DA FEIRA LIVRE

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

DISCENTE:
SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

LOCALIZAÇÃO:
LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ, BRASIL



VISTA SUPERIOR - Paisagismo
ESC 1/100

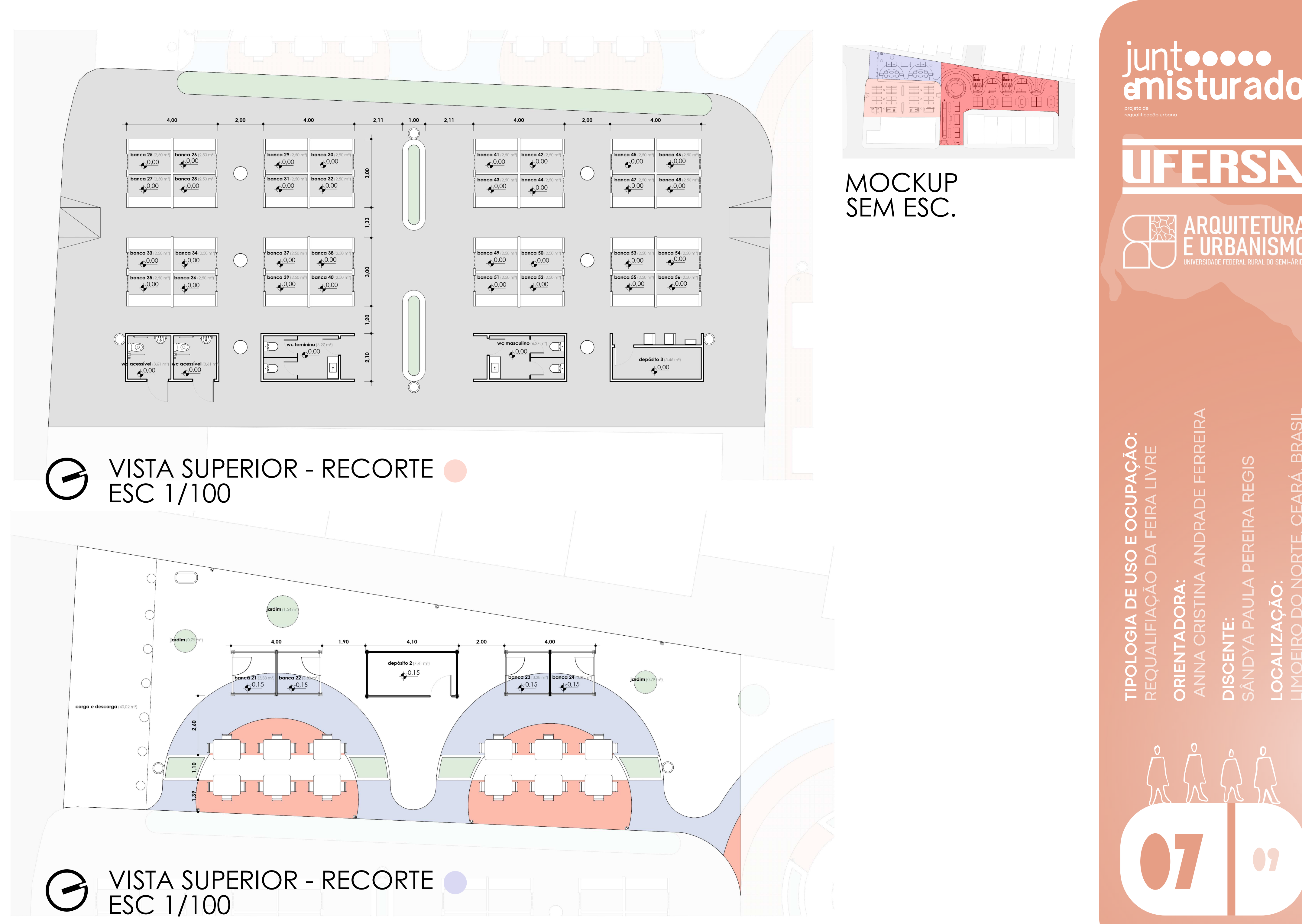
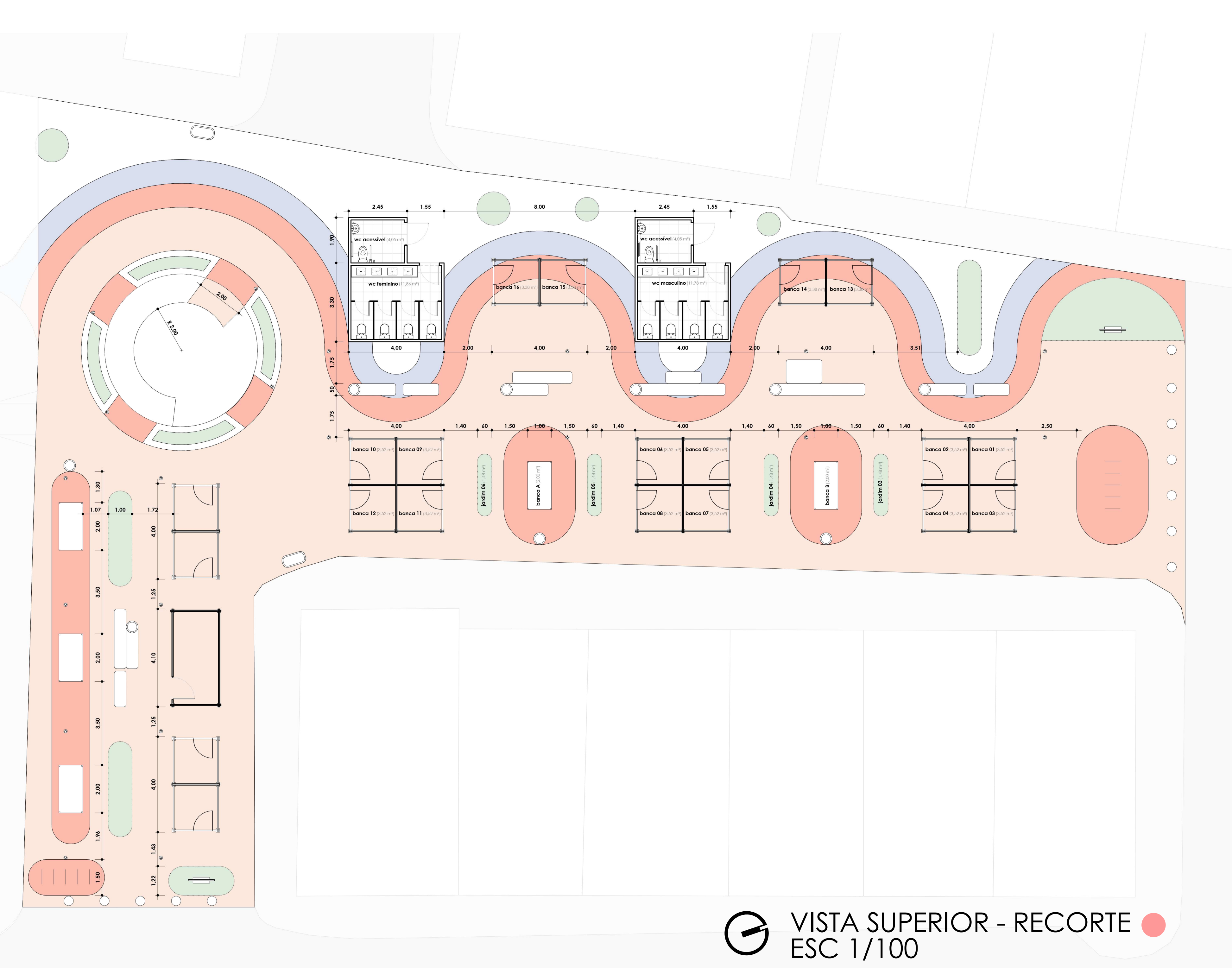
SÍMBOLO	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO
	Cumarú	Dipteryx Odorata
	Espada-de-são-jorge	Sansevieria Trifasciata
	Bambú Amarelo	Phyllostachys Aurea
	Palmeira-Leque	Livistona Chinensis
	Jasmim-Manga	Plumeria Rubra
	Palma Forrageira	Opuntia Cochenillifera
	Mandacaru	Cereus Jamacaru

TIPOLOGIA DE USO E OCUPAÇÃO:
REQUALIFICAÇÃO DA FEIRA LIVRE

ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

DISCENTE:
SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

LOCALIZAÇÃO:
LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ, BRASIL

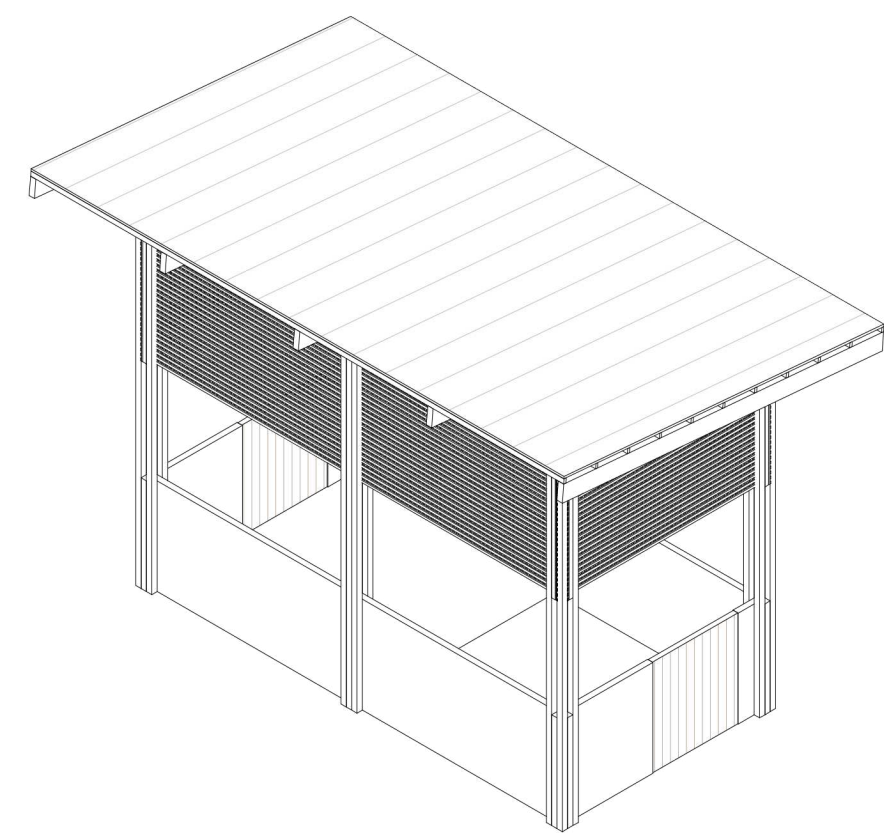


TIPOLOGIA DE USO E OCUPAÇÃO:
REQUALIFICAÇÃO DA FEIRA LIVRE

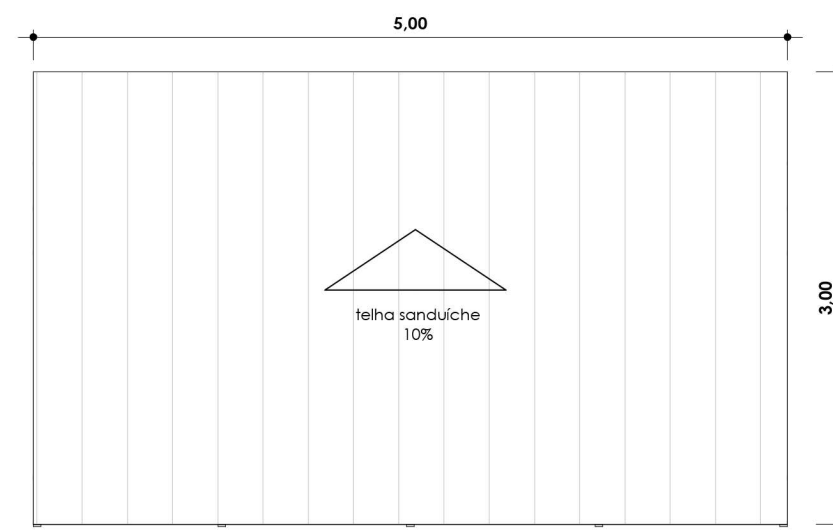
ORIENTADORA:
ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA

DISCENTE:
SÂNDYA PAULA PEREIRA REGIS

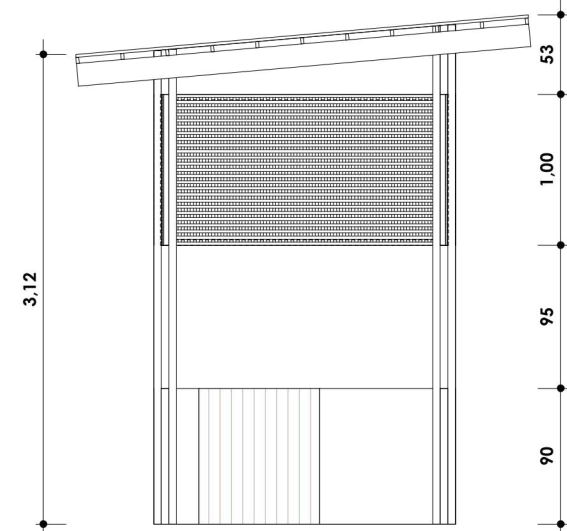
LOCALIZAÇÃO:
LIMOEIRO DO NORTE, CEARÁ, BRASIL



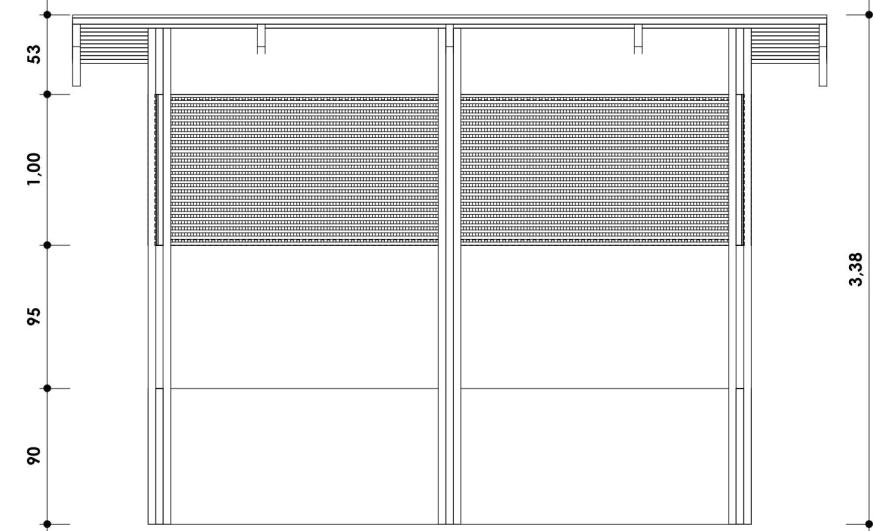
BARRACA TIPO C
ESC 1/50



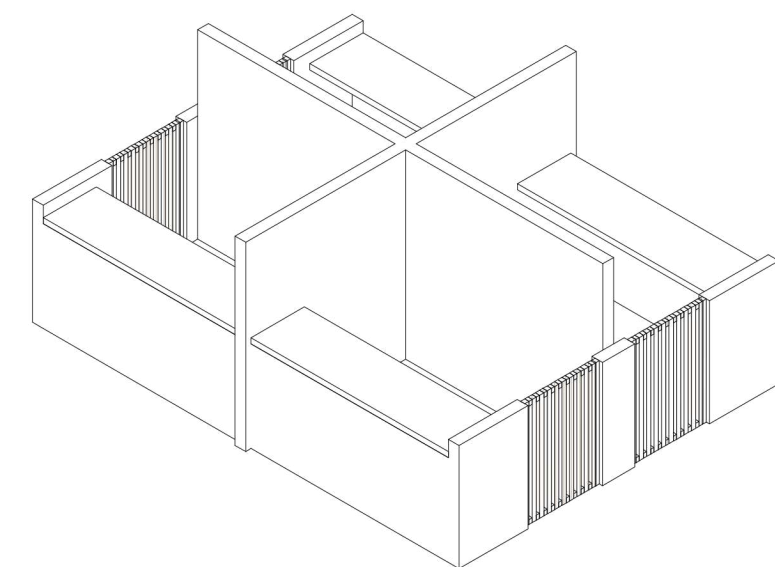
BARRACA TIPO C - COBERTURA
ESC 1/50



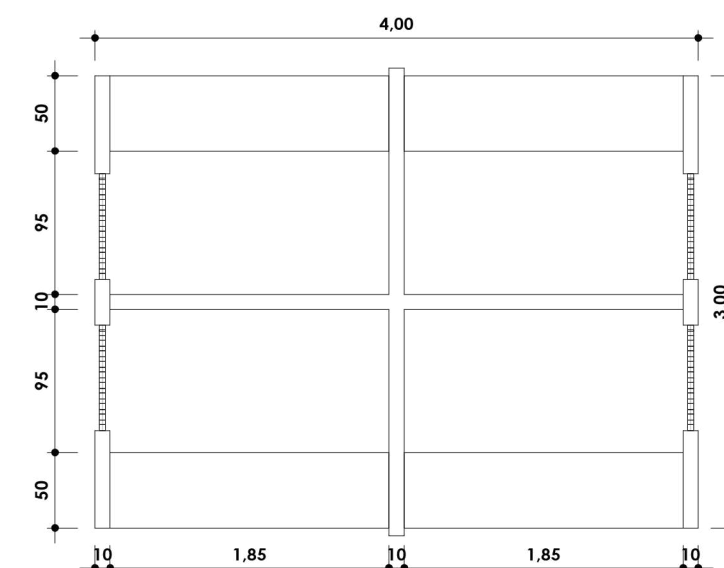
BARRACA TIPO C - LATERAL
ESC 1/50



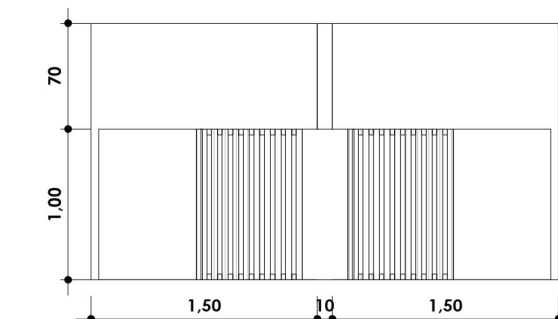
BARRACA TIPO C - FRONTAL
ESC 1/50



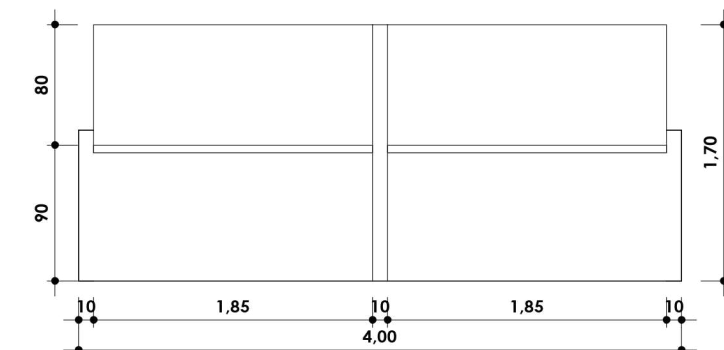
BARRACA TIPO D
ESC 1/50



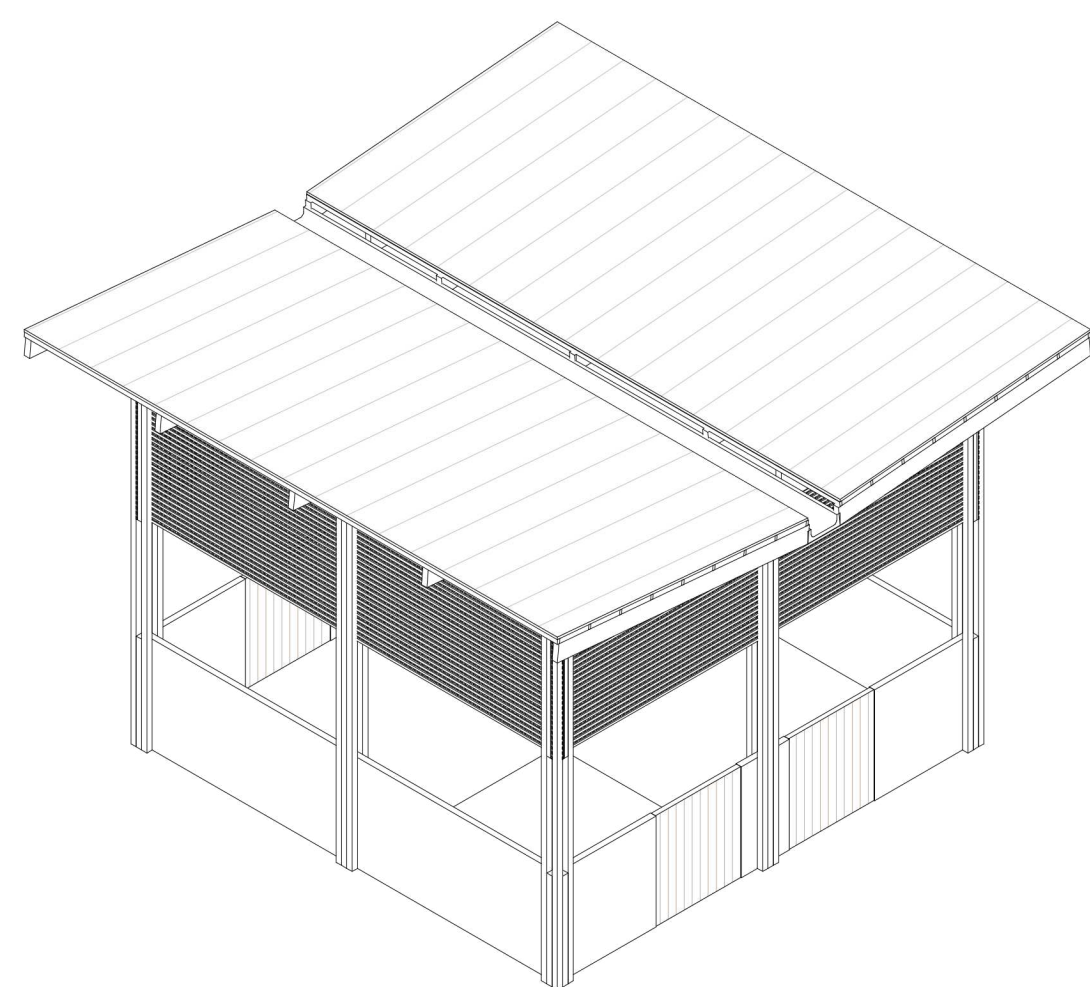
BARRACA TIPO D - COBERTURA
ESC 1/50



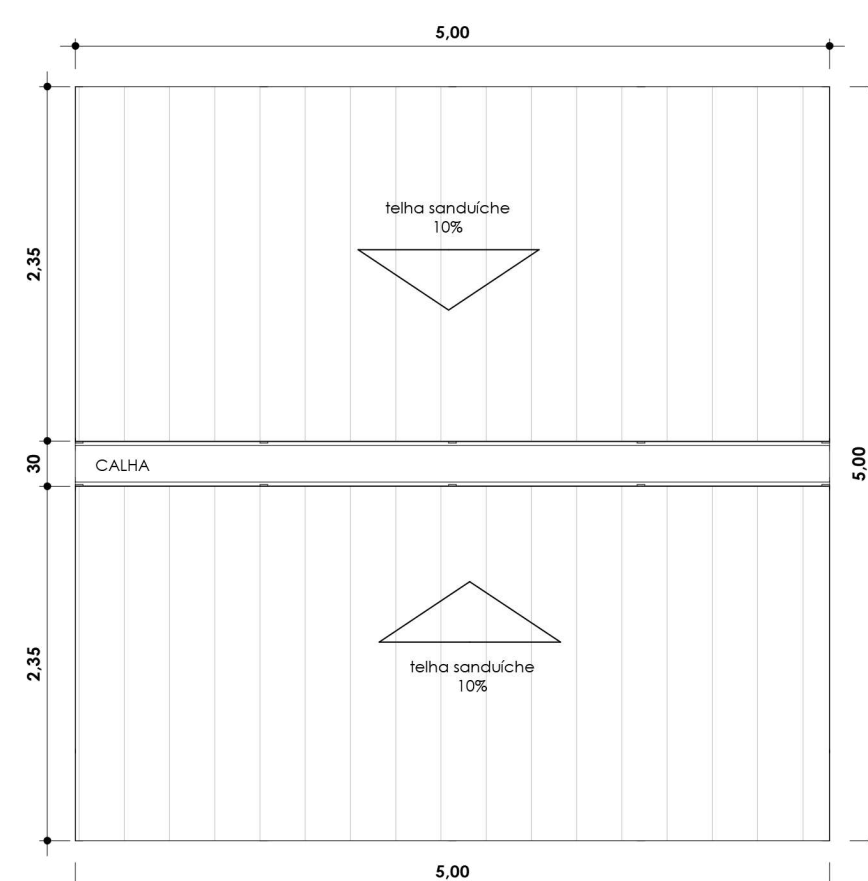
BARRACA TIPO D - LATERAL
ESC 1/50



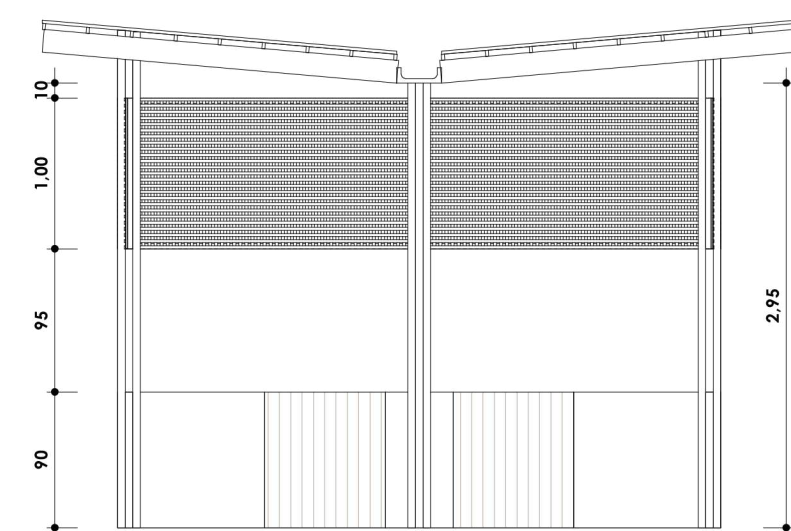
BARRACA TIPO D - FRONTAL
ESC 1/50



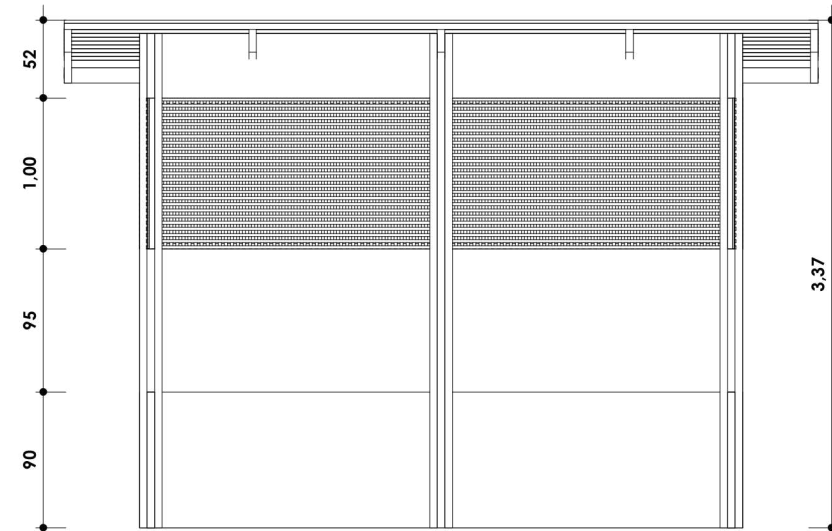
BARRACA TIPO B
ESC 1/50



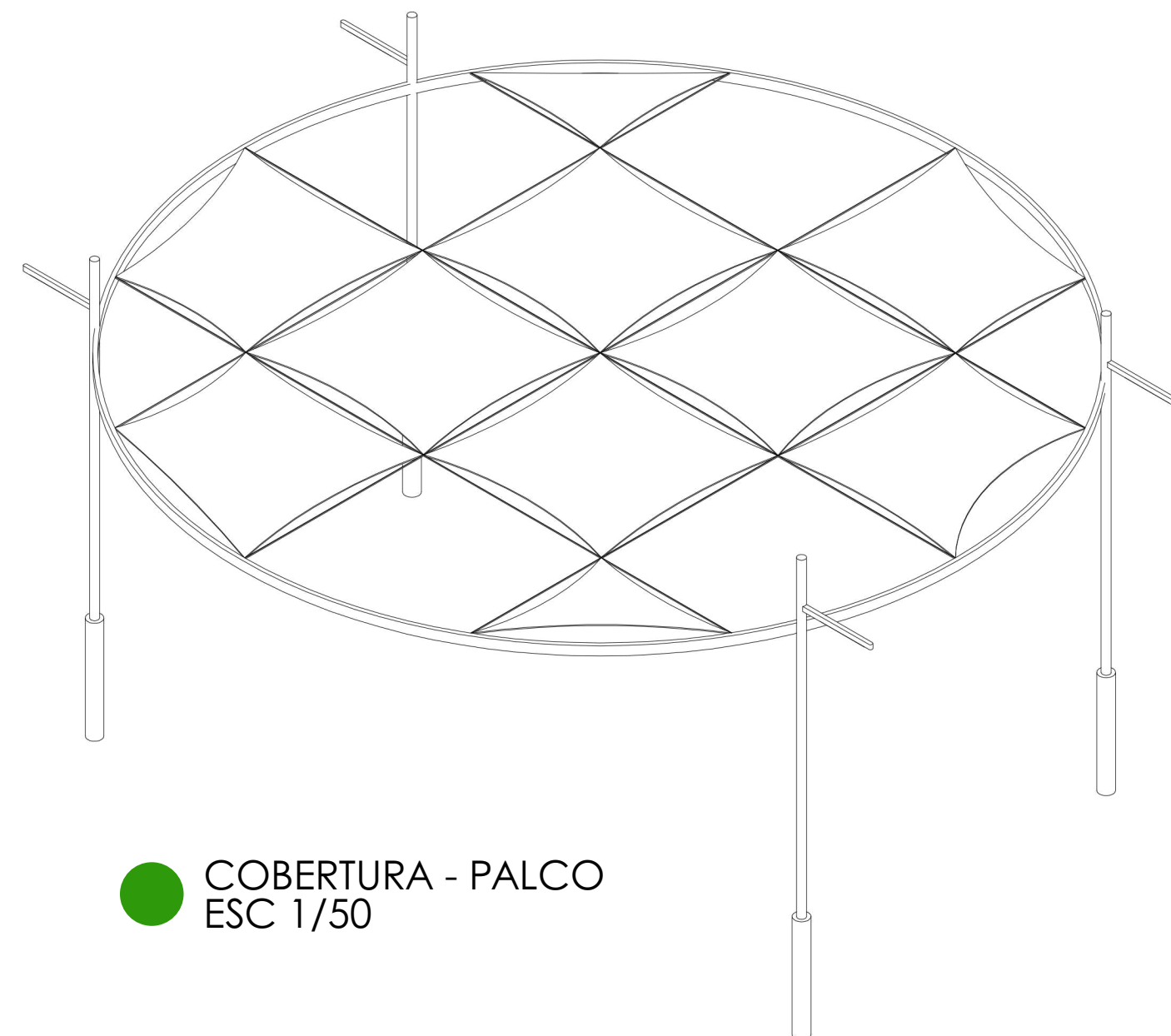
BARRACA TIPO B - COBERTURA
ESC 1/50



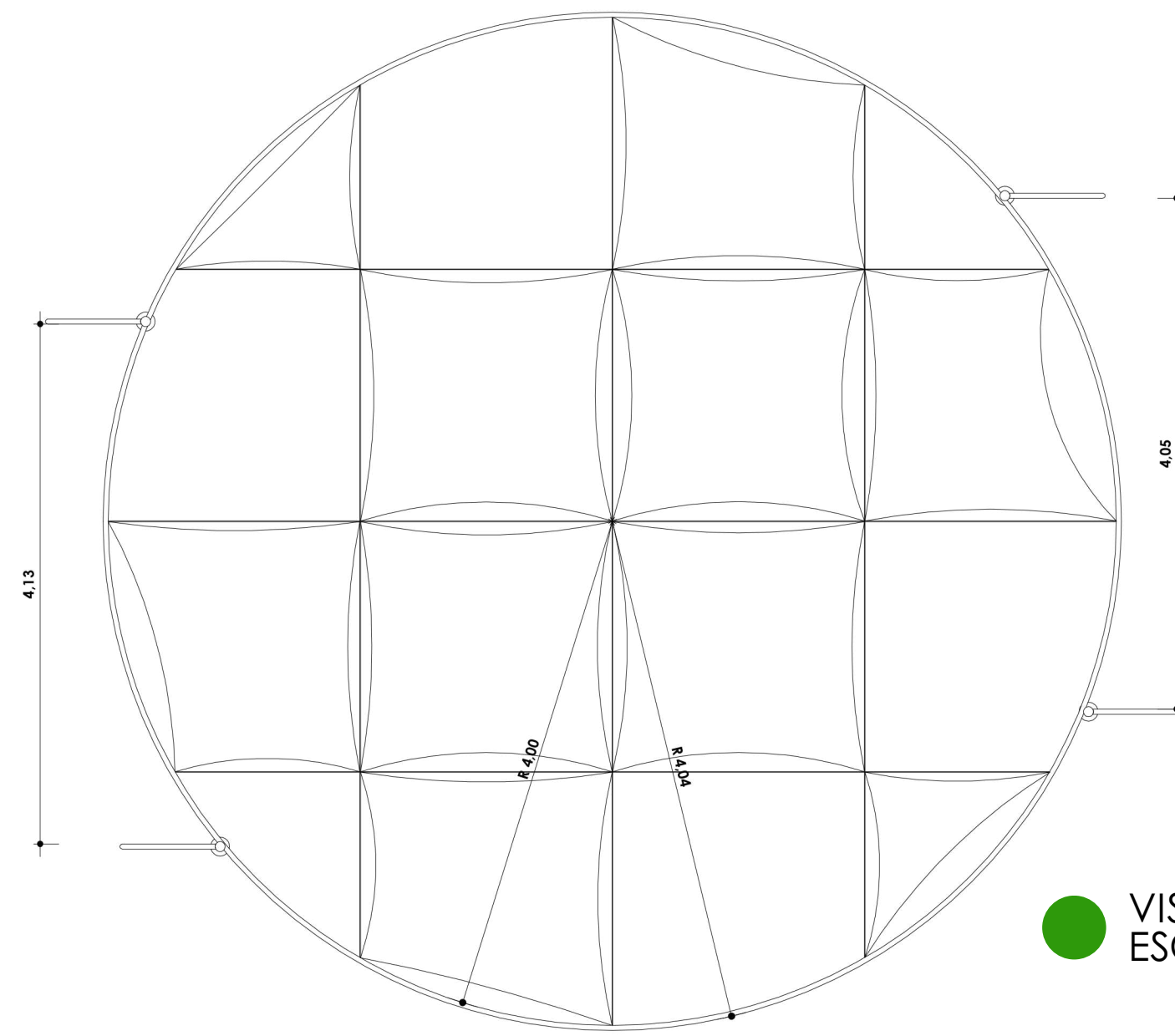
BARRACA TIPO B - LATERAL
ESC 1/50



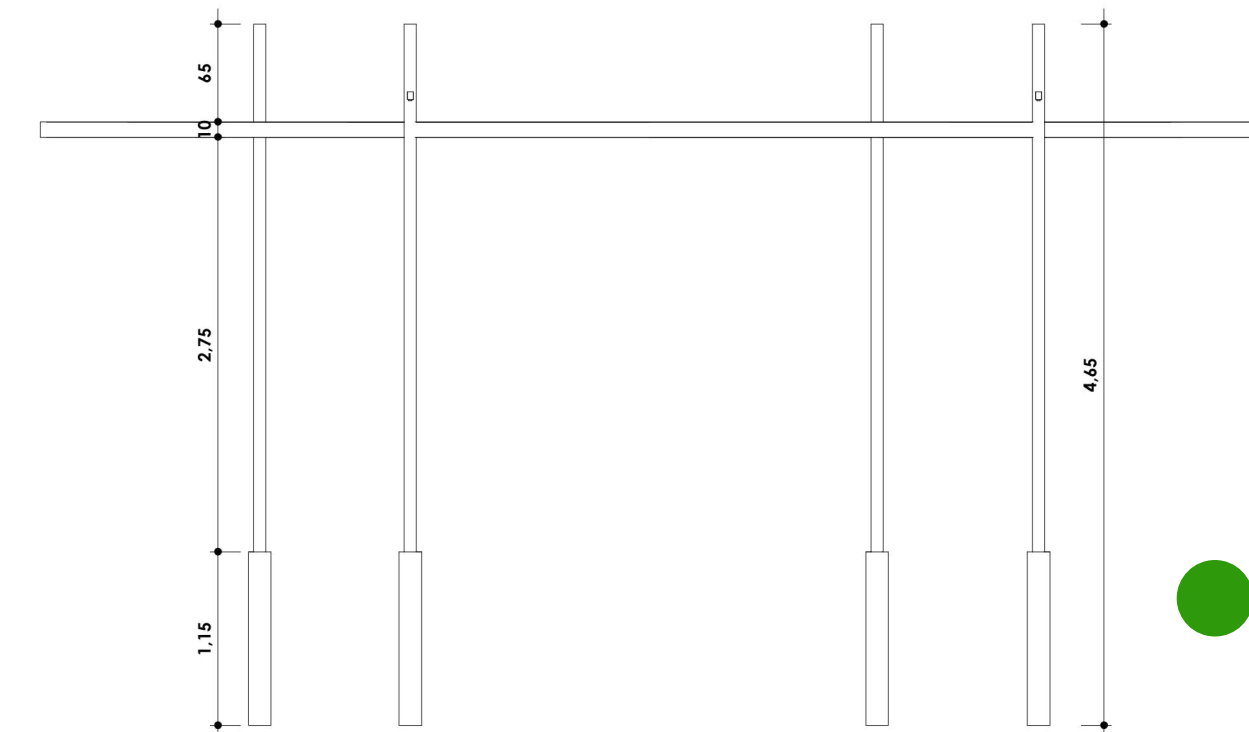
BARRACA TIPO B - FRONTAL
ESC 1/50



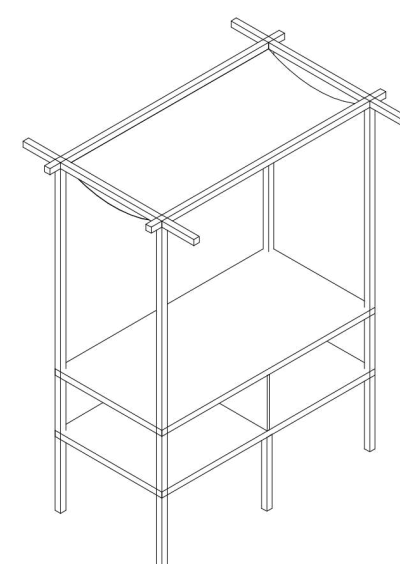
COBERTURA - PALCO
ESC 1/50



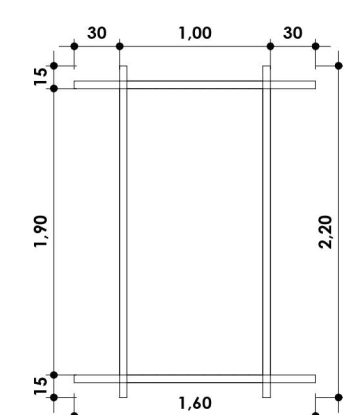
VISTA SUPERIOR
ESC 1/50



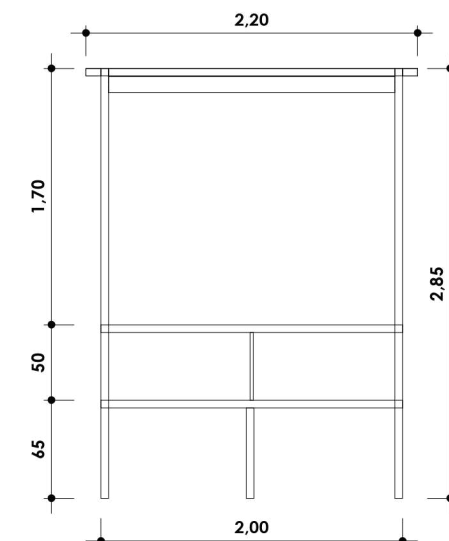
VISTA LATERAL
ESC 1/50



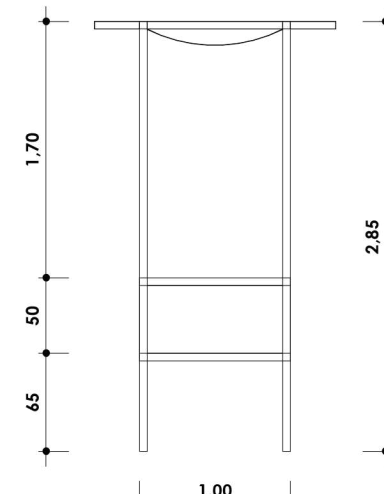
BARRACA TIPO A
ESC 1/50



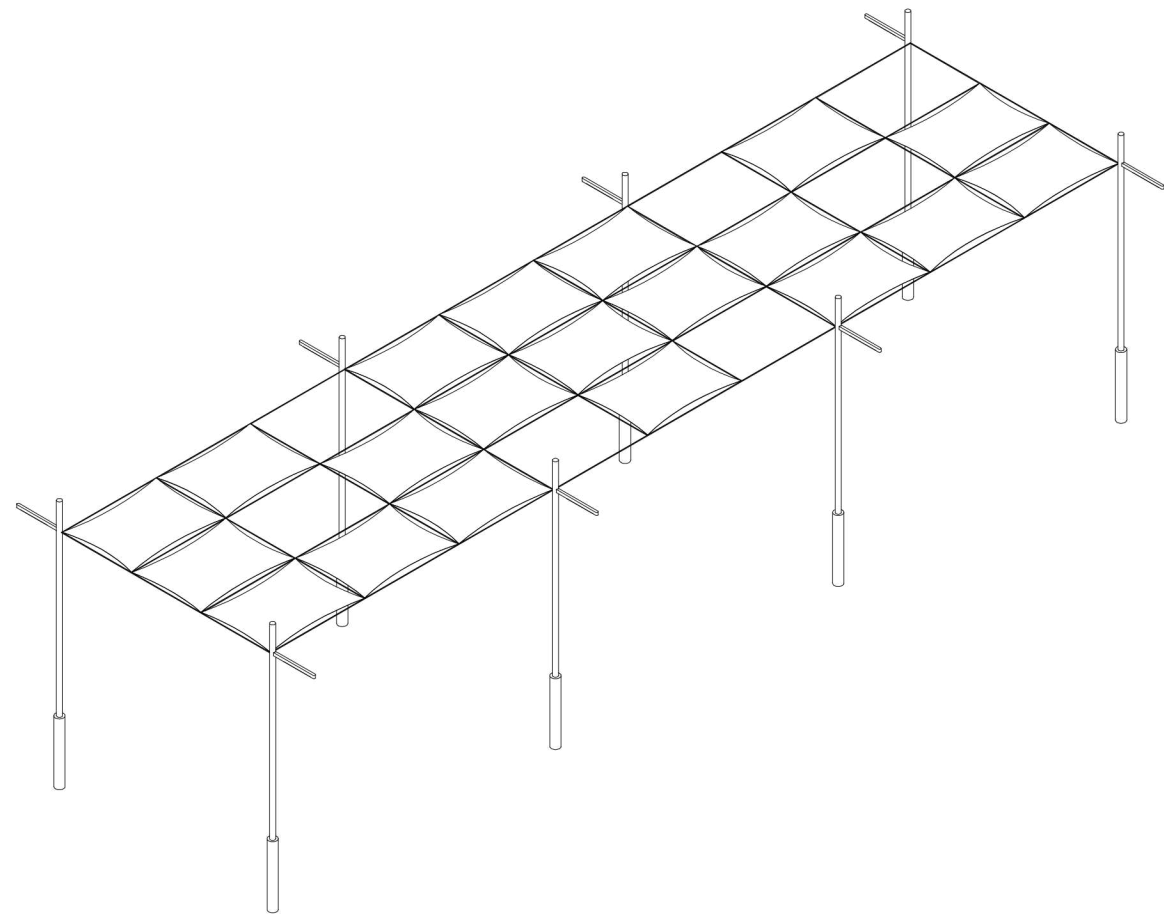
BARRACA TIPO A - COBERTURA
ESC 1/50



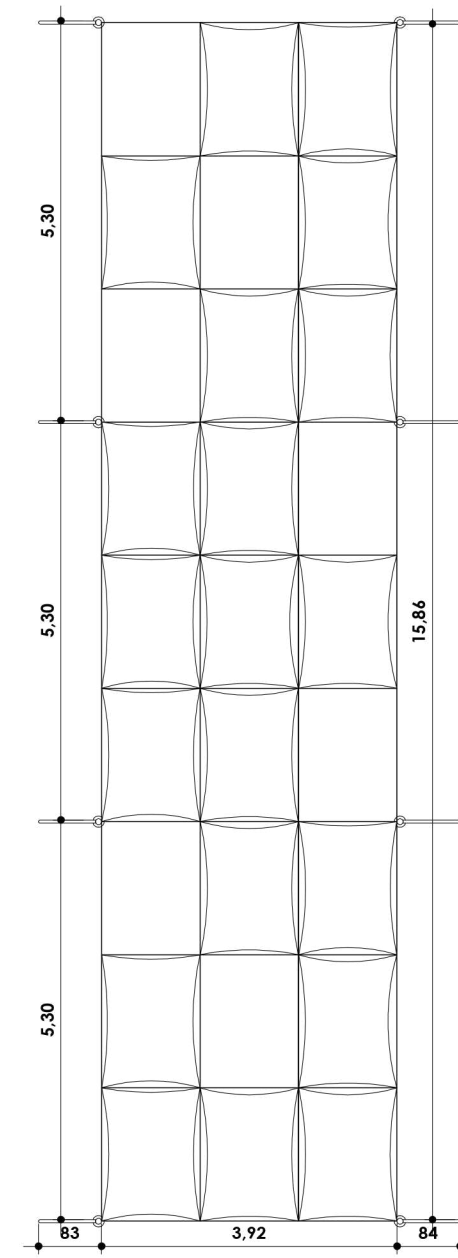
BARRACA TIPO A - LATERAL
ESC 1/50



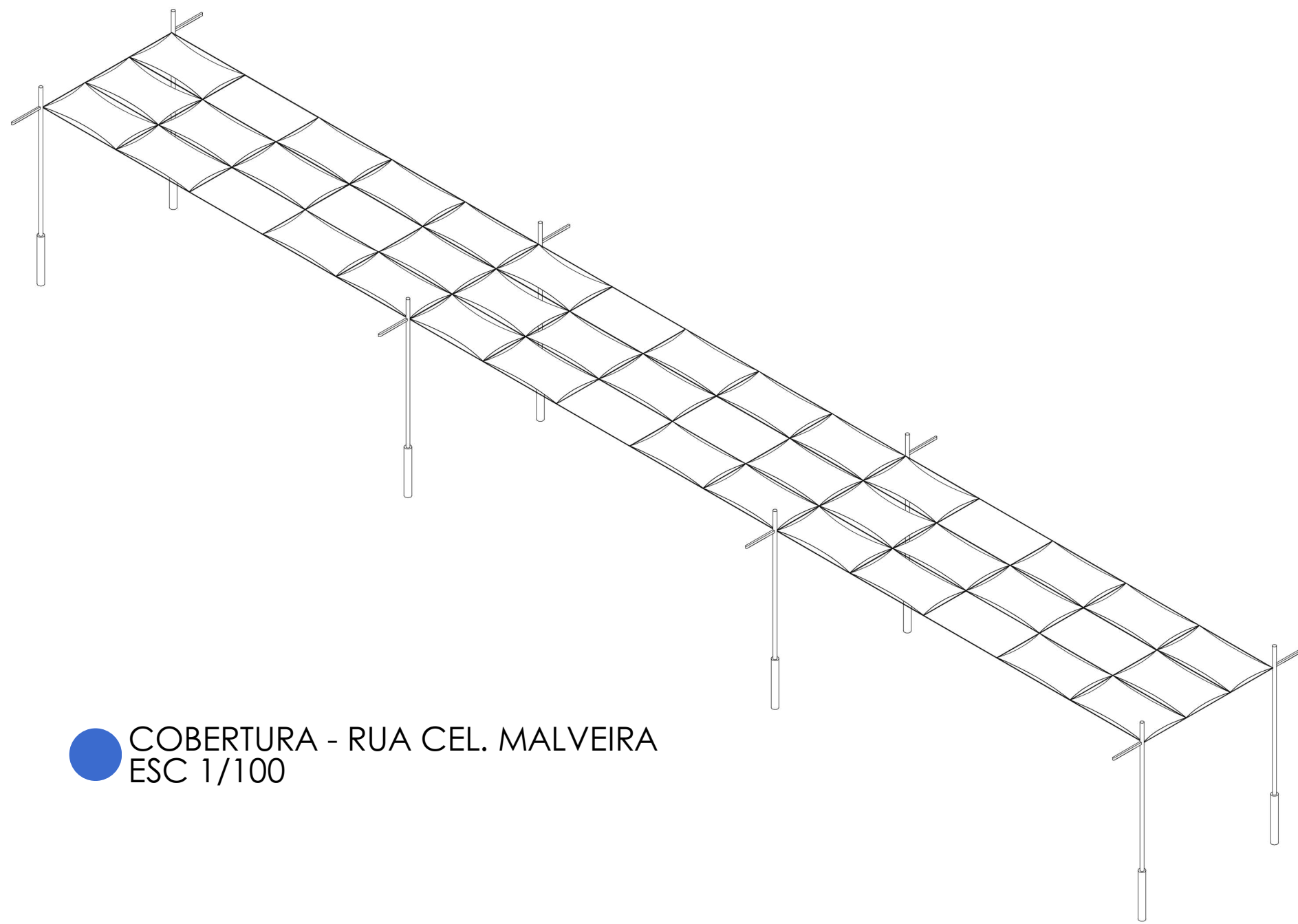
BARRACA TIPO A - FRONTAL
ESC 1/50



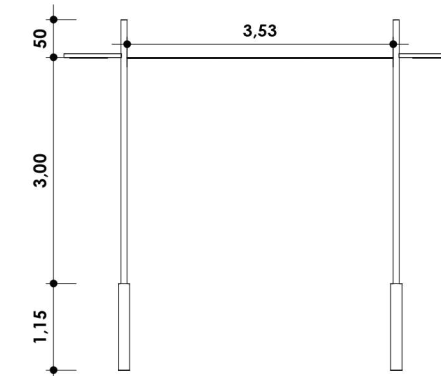
● COBERTURA - RUA FALISMO MAIA
ESC 1/100



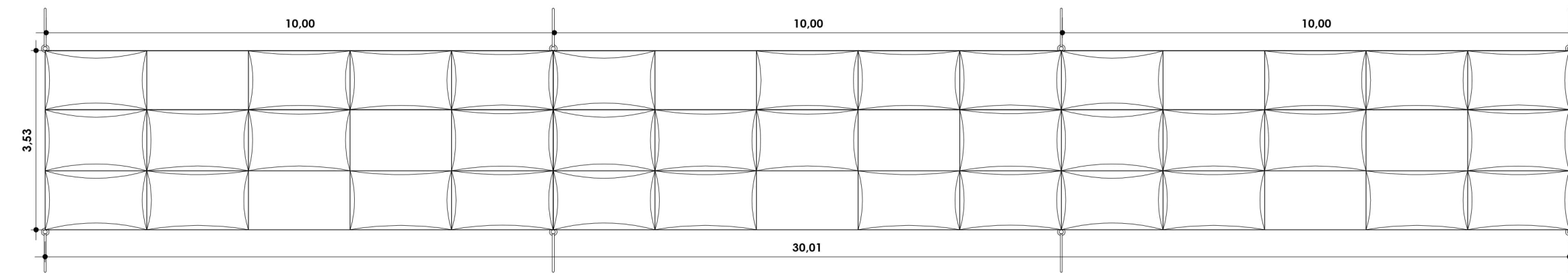
● VISTA SUPERIOR
ESC 1/100



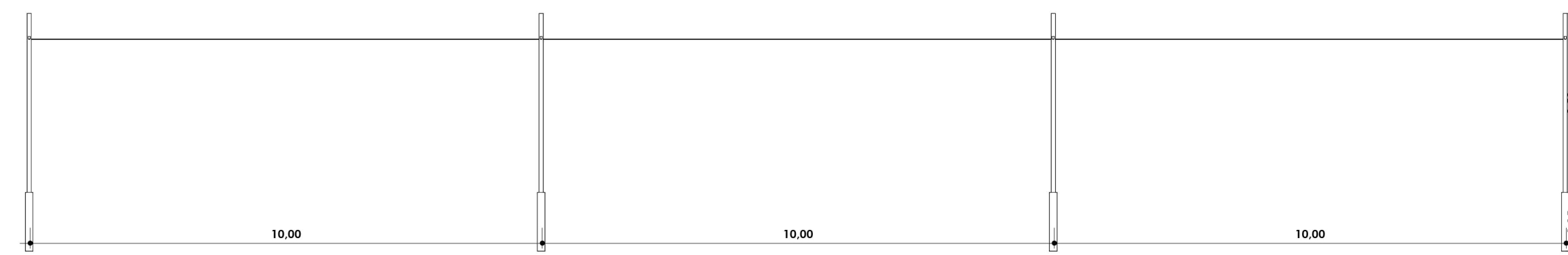
● COBERTURA - RUA CEL. MALVEIRA
ESC 1/100



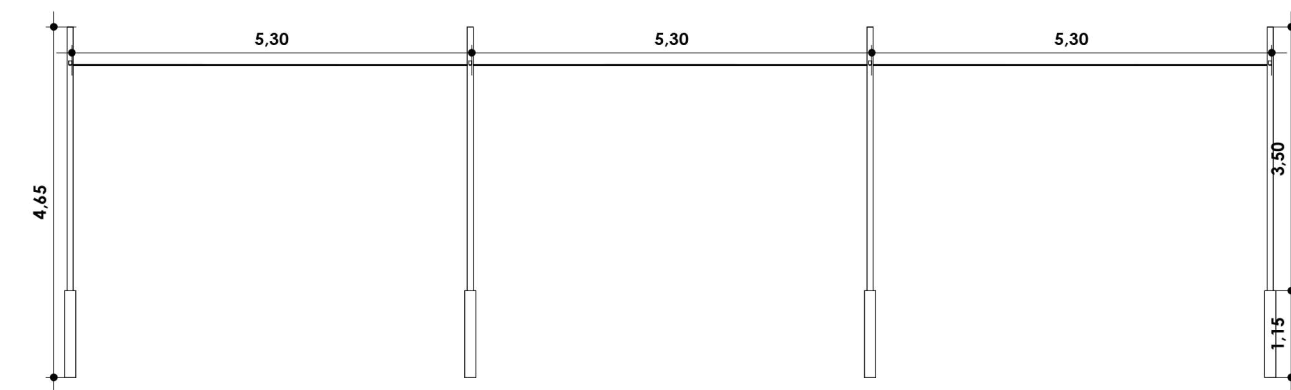
● VISTA FRONTAL
ESC 1/100



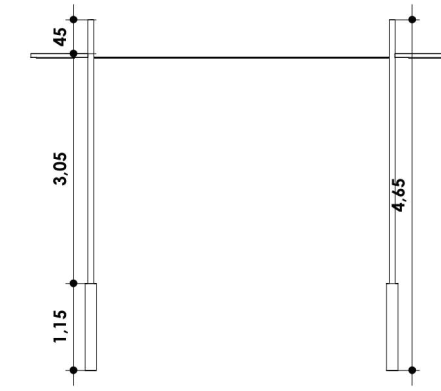
● VISTA SUPERIOR
ESC 1/100



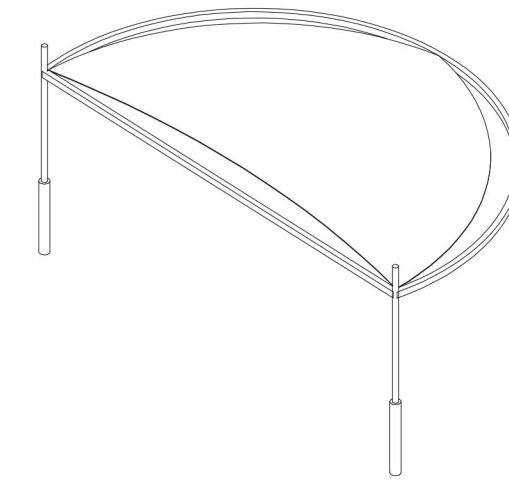
● VISTA LATERAL
ESC 1/100



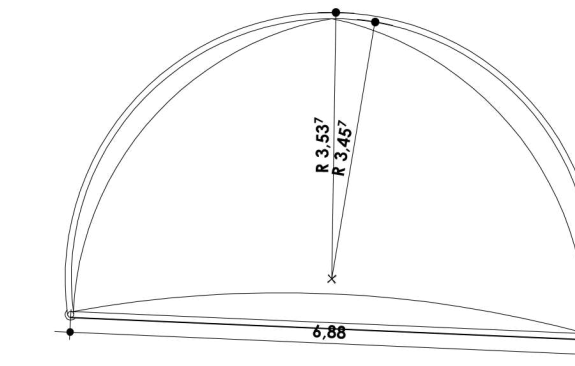
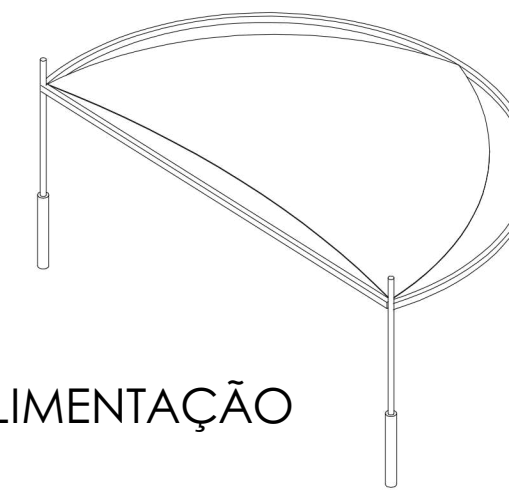
● VISTA LATERAL
ESC 1/100



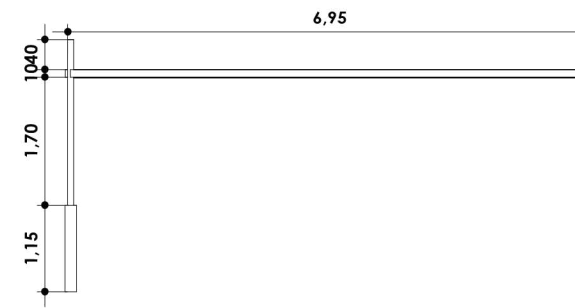
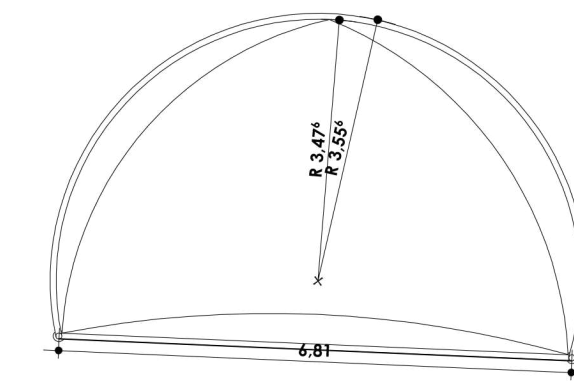
● VISTA FRONTAL
ESC 1/100



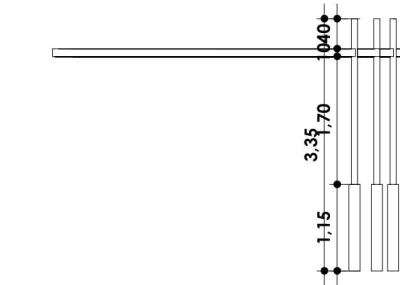
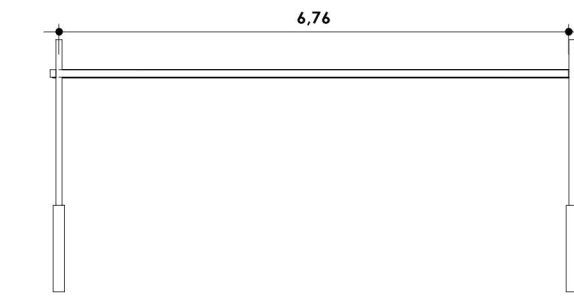
● COBERTURA - PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO
ESC 1/100



● VISTA SUPERIOR
ESC 1/100



● VISTA FRONTAL
ESC 1/100



● VISTA LATERAL
ESC 1/100

caderno de projeto

junt●●●●● emisturado

projeto de
requalificação urbana



rua Cel. Malveira

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Cel. Malveira

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Cel. Malveira

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Cel. Malveira

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Cel. Malveira

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Cel. Malveira

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Cel. Malveira

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



Praça de Alimentação

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



Praça de Alimentação

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Falismo Maia

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Falismo Maia

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



rua Falismo Maia

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



Galpão das Verduras

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



Galpão das Verduras

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



Galpão das Verduras

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



Galpão das Verduras

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula



Galpão das Verduras

imagem gerada no Enscape e pós produção
no Photoshop.

por Sândya Paula